

PREVENT  
SENIOR

Jornalistas & Cia

XP inc.

Edição 1.302 - 7 a 13 de abril de 2021



120 GO GERDAU  
O futuro se molda

Relações com Imprensa (11) 3094-6322  
imprensa@gerdau.com.br  
www.gerdau.com



Os caminhos do jornalismo  
sob a ótica global

vivo

ESPECIAL

# Dia do JORNALISTA

Dedicamos este especial do *Dia do Jornalista* aos profissionais com deficiência, numa modesta mas relevante contribuição que acreditamos fazer para a causa da inclusão. Ele foi quase todo produzido desde Roraima por **Plínio Vicente da Silva**, ele próprio que traz da infância graves sequelas da poliomielite. São mais de 20 depoimentos pungentes, heroicos, sofridos, mas verdadeiros, exemplos de vida e resiliência, fechados por uma entrevista com **Assis Ângelo**, cego, há muitos anos nosso colaborador. O resultado é um conteúdo denso, relevante, que merece ser saboreado com vagar, mesmo porque levou a edição ao recorde de 66 páginas. Confira a partir da pág. 3.

## Jornalistas&Cia homenageará Os +Admirados da Imprensa do Agronegócio

Os próprios jornalistas e profissionais de comunicação e áreas afins escolherão, em dois turnos, os profissionais e veículos +Admirados. Primeiro turno começa em 5 de maio

■ Jornalistas&Cia vai ampliar este ano o Prêmio +Admirados da Imprensa, estendendo a iniciativa para outros segmentos. O primeiro, que terá início em maio, é o de Agronegócio, que nasce com o apoio da CNA – Confederação Nacional da Agricultura e patrocínio de CNH Industrial, Syngenta e Yara.

► Serão homenageados e receberão certificados tanto os profissionais, com a eleição dos TOP 25, quanto os veículos, com a indicação dos TOP 5, nas categorias *Jornal*, *Revista*, *Veículo Impresso Especializado*, *Programa de TV Aberta*, *Programa de TV Fechada*,

*Programa de Rádio*, *Site*, *Blog e Agência de Notícias*. Adicionalmente, o certame contará com quatro categorias especiais que homenagearão *Trajetória Profissional*, *Influenciador do Ano*, *Melhor Contribuição ao Agronegócio* e *Personalidade do Agronegócio*.

► A escolha dos +Admirados da Imprensa do Agronegócio será realizada por votação direta, em dois turnos, pelos próprios jornalistas em atividade no País e colegas da comunicação corporativa e áreas afins. O primeiro turno, de livre indicação, será realizado de 5 a 20 de maio; e o segundo, que definirá os TOP 25 profissionais e os TOP 5 veículos, de

24 de maio a 4 de junho. A votação, em plataforma Google, será aberta e cada pessoa poderá votar uma única vez, tanto no primeiro como no segundo turno.

► O evento de premiação e a revelação dos TOP 5 profissionais e dos veículos campeões, para os quais estará reservado um troféu alusivo à conquista, está marcado para 29 de junho, das 11h às 12h, com transmissão pelo YouTube.

► Nas próximas edições, Jornalistas&Cia trará novas informações sobre o certame. Outras informações com **Vinicius Ribeiro**, pelos [vinicius@jornalistasecia.com.br](mailto:vinicius@jornalistasecia.com.br) e 11-99244-6655.



E atenção,  
porque  
vem aí  
O Prêmio



Aguardem!

E MAIS...

MEC finalmente reconhece Landell de Moura, mas erra feio ao narrar sua saga (pág. 48)

Jornalistas querem retomar direitos autorais monopolizados pelas empresas (pág. 49)

Congresso em Foco defende "impeachment já!" de Bolsonaro (pág.51)

# Parabéns aos jornalistas que alimentam a transformação do mundo.

A BRF apoia e agradece o valioso trabalho de todos os profissionais que contribuem não só com notícias e informação de qualidade, mas também com novas vozes e olhares da diversidade para um mundo em plena evolução.

Sadia



Qualy





## Superar a dor em busca da dignidade profissional

O cego **Assis Ângelo** (sim, ele detesta ser chamado de deficiente visual, diz que é cego e ponto) é só inquietação desde que, oito anos atrás, deixou de ver as cores, os formatos, as silhuetas e os contornos do mundo, pelo descolamento das retinas. Viu-se obrigado pelas circunstâncias da doença a trocar a luz da visão que o acompanhou por pouco mais de 60 anos pelas trevas da escuridão, nesses últimos oito.

E por que toda essa inquietação?

Óbvio, quem um dia enxergou, ficar cego, do dia para a noite, literalmente, é como receber uma sentença de morte.

Óbvio, quem sempre teve muitos amigos e foi o tempo todo rodeado por eles, ver-se de um momento para outro todos (ou quase todos) se afastarem, é como perder o chão e entrar em queda livre num abismo quase sem fim.

Tudo isso é óbvio, mas o que não é tão óbvio e é mais determinante na saga do cego Assis é a vontade de trabalhar; mais do que isso, a capacidade de trabalhar.

Sim, porque, como ele faz questão de dizer, perdeu a visão dos olhos, mas não perdeu a voz nem os outros sentidos e muito menos a capacidade de realizar coisas. Continua fazendo jornalismo diariamente, escreve poesias, faz a coluna

mercado e aos eventuais contratantes, mas não é ouvido. Quer conversar, falar de seus projetos, da situação política do País, mas não tem com quem, esquecido que foi pela grande maioria dos amigos. Mantém com grande sacrifício, inclusive financeiro, um blog para que possa exercitar sua prosa e sua mente diariamente, com comentários críticos sobre a política e amorosos sobre a cultura popular, da qual é hoje, sem dúvida, um dos maiores conhecedores e estudiosos, dono de um acervo com perto de 150 mil itens, que mantém com grande zelo em seu próprio apartamento, no bairro paulistano dos Campos Elíseos.

Pois foi desses encontros com o cego Assis que nasceu a ideia de fazer este especial, dando guarida às suas críticas de que o Brasil não enxerga seus mais de 40 milhões de pessoas com deficiência, número que ele faz questão de dizer que colheu do censo do IBGE de 11 anos atrás.

“Eu posso fazer um programa para todos os deficientes, todas essas pessoas que se tornaram invisíveis, que estão jogadas num canto de algum lugar, muitas vezes escondidas pelas famílias. Para os cegos, como eu, para os surdos, mudos, para os paraplégicos. Enfim, colocar a deficiência no horário nobre, para mostrar que neste mundo há seres humanos com desejos, necessidades, amores, seres humanos consumidores, que só querem ter a oportunidade de deixar de ser um número para ganhar visibilidade e dignidade”.

Foi esse grito de Assis, estridente, mas que tem ecoado

semanal do Jornalistas&Cia, acompanha (por rádio e pelo áudio da televisão) tudo o que se passa no mundo e no jornalismo, e tem uma memória prodigiosa, que, somada ao seu talento e determinação, lhe permitiriam fazer muitas coisas, como ancorar um programa de televisão para deficientes ou um programa de rádio sobre cultura popular.

Mas o trabalho, aquele que dignifica o homem, que lhe dá sustento, satisfação, prazer, realização, este não chega, porque ele está invisível, porque não lhe atribuem uma capacidade que ele sabe que tem e que vez ou outra até consegue demonstrar, quando o chamam para fazer alguma palestra Brasil a fora (antes, eram dezenas por ano), em que pese a pandemia hoje ser restritiva para deslocamentos.

Por que ele não poderia liderar um novo projeto de cultura popular, tantos já concebeu para inúmeras organizações, como Metrô de São Paulo, Sesc, Correios etc.?

O que o impediria de voltar a apresentar um programa de rádio, como *São Paulo Capital Nordeste*, que apresentou por anos na Rádio Capital, líder de audiência no horário?

O problema é que o cego Assis ficou invisível, como milhões de pessoas com deficiência nesse País.

E quer trabalhar, mas não consegue. Pede socorro ao

em poucos ouvidos, que nos motivou a dedicar o especial do *Dia do Jornalista* aos jornalistas com deficiência, numa modesta mas relevante contribuição que acreditamos fazer para a causa da inclusão. E mais do que depressa, quando tomamos a decisão, convidamos outro colega que há anos colabora com J&Cia, nestas páginas, para liderar o especial: **Plínio Vicente da Silva**, ele próprio que traz da infância graves sequelas da poliomielite, com as quais desde então convive, sem ter se deixado por elas abalar – entrou para o Jornalismo ainda jovem, para nunca mais dele sair. Só de Estadão foram 25 anos. E hoje, lá de Roraima, onde vive com a família, divide-se entre aulas, palestras, assessorias e os brilhantes textos que escreve, entre outros, para este J&Cia, com seu *Tuitão* quinzenal e frequentes colaborações para o *Memórias da Redação*.

Ao Plínio, a Assis e a todos os personagens maravilhosos desta edição os nossos agradecimentos e a certeza de que, com eles, estamos homenageando todos os jornalistas e todas as pessoas com deficiência desse Brasil tão machucado e maltratado e que pouco olha para eles como deveria.

Também os agradecimentos às marcas que nos apoiaram e que, como nós, se sensibilizam com a causa da deficiência, certamente porque também elas hoje se debruçam sobre esse universo, buscando dar aos deficientes não só um bom lugar para trabalhar, mas, sobretudo, dignidade.

**Eduardo Ribeiro e Wilson Barancelli**



## Eu e os meus



Desde que me conheço por gente, creio que muito pouco, confesso que raras vezes, parei para pensar nas pessoas com deficiência, chamadas hoje, e até pouco tempo atrás, de forma politicamente correta, de pessoas com necessidades especiais.

Uma dessas vezes foi em meados de 1980, às vésperas de eu ir a Brasília participar de um congresso sobre a inclusão de pessoas como eu no mercado de trabalho, sobre a garantia do direito dos desafortunados à dignidade e em defesa da igualdade entre todos, indiscriminadamente. Era o começo de uma eterna batalha, ainda longe de ser vencida, no combate ao comportamento preconceituoso das sociedades, não só no Brasil, mas igualmente mundo afora.

Naquela ocasião reunira-se na capital paulista um grupo cujo objetivo era definir temas a serem apresentados no congresso. Foi então que passaram a ser reconhecidas oficialmente – definidas pela chamada Carta de São Paulo – as quatro formas de deficiências que atingem o ser humano: física, mental, visual e auditiva. E, para mim, um despertar definitivo de solidariedade por aqueles que passei a chamar de os meus. Ou seja, eu, convivendo com as sequelas da poliomielite, e eles, meus irmãos de infortúnio, acometidos por toda sorte de problemas, congênicos ou traumáticos.

Esse meu comportamento alienado tem uma explicação e sua razão de ser: foram dois anos indo e vindo para e da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e 12 cirurgias depois, graças ao apoio de muletas e usando aparelhos ortopédicos, voltei a andar. Quando regresssei a casa

conhecesse muitos poucos jornalistas com deficiência, durante todo o meu tempo no Estadão, onde sempre fui tratado como um igual, vivia à procura dos que, espalhados pelo interior do Estado e Brasil afora, estavam exercendo a profissão no rádio, em jornais e emissoras de rádio e televisão. Encontrei poucos, quando os encontrei.

Ao vir embora para Roraima, em abril de 1984, e não havendo aqui nenhum jornalista com deficiência trabalhando nos veículos locais, minha consciência sobre eu e os meus acabou adormecendo novamente. Durante estes 37 anos, jamais convivi, em todos os setores do mercado de trabalho local, com um profissional com deficiência. Ainda assim, como ser humano, cada amanhecer seguiu sendo como se escancaradas fossem as portas do inferno e eu começasse mais uma heroica jornada entre ir e vir.

Foi então, numa das mais agradáveis surpresas que o destino me preparou, que recebi deste J&Cia o convite, que escondia um desafio, para pilotar um especial em comemoração do *Dia do Jornalista* destinado a homenagear profissionais com deficiência espalhados pelo País. Por que aceitei? Parafraseando Mário de Andrade, simplesmente porque tenho mais passado que futuro. Então, às vésperas de completar 79 anos, seria uma oportunidade imperdível de coroar minha carreira com um grande trabalho, digno dos melhores que assinei em seis décadas de profissão.

Hoje, depois de visitar cada um dos indicados por meio do telefone, do WhatsApp e de e-mails, descubro novamente, quatro décadas depois de consciência adormecida, quantos heróis existem na minha profissão, com histórias incríveis que concordaram em me contar. Não

de meus pais, no interior de São Paulo, minha vida em Guataporá, às margens do médio rio Mogi Guaçu, passou a ser, quase sempre, dedicada a desbravar um horizonte cujas fronteiras, até então, se restringiam aos limites do nosso quintal. A convivência cada vez maior com parentes e amigos me levou, a partir daí, a esquecer minhas limitações e enfrentar com valentia e determinação batalhas diárias a fim de conquistar meu espaço, já pensando no futuro, em profissões que me levassem para longe dali.

O tempo passou e embora meu otimismo, alimentado principalmente pelo prazer de viver com alguma normalidade, ainda que tendo de me sujeitar a limitações as quais nem sempre me permitiam tudo o que quisesse, como fazer atividades chamadas simples para os demais, no entanto impossíveis para mim, fui esquecendo dos meus. Até recobrar a consciência, depois um sono profundo e prolongado, para então descobrir o universo daqueles que, como eu, viviam os mesmos problemas, enfrentavam a mesma guerra e heroicamente venciam as mesmas batalhas.

Quando voltei de Brasília minha consciência era outra, sensível, aberta e tomada por um profundo sentimento de solidariedade. Embora

são muitos, pois todos seriam uma legião de personagens que não caberia neste especial, mas somente em um livro, e que, todavia, são representantes exemplares de guerreiros que vencem diariamente suas batalhas. Como eu, seguem convivendo com suas deficiências, vencendo tantos e tamanhos obstáculos, para poderem exercer uma profissão alimentada pelo amor que trazemos na alma, por sonhos que não se apagam e não são destruídos pela deficiência graças à paixão pela profissão.

Viajei eletronicamente pelo País ouvindo suas histórias de vida e os depoimentos foram emocionantes. Mexeram com minha alma e minha consciência quase octogenárias, mostrando-me como todos os problemas, iguais aos das sequelas da pólio que me acometeu há mais de sete décadas, são insignificantes. Mesmo diante das dificuldades e preconceitos, da superação que nos fez quem somos, donos de tantas conquistas num país em que a sociedade ainda não deu a devida importância à inclusão e como ela pode trazer para dentro dessa sociedade valentes imbatíveis, heróis que atravessam todos labirintos em busca de uma luz, ainda que a igualdade seja difícil de alcançar.

Enfim, agradeço a J&Cia pela oportunidade de ter podido fazer um grande passeio pelo Brasil, desde Boa Vista, Roraima, nos confins da Amazônia, coletando histórias singelas de jornalistas com deficiência que se superaram e deram ou continuam dando sua contribuição a essa atividade apaixonante. Sou um deles e por isso os chamo de eu e os meus.



Plínio Vicente da Silva



# Saúde, jornalista.

Neste 7 de Abril, Dia Mundial da Saúde e do Jornalista, temos uma boa notícia. **Condições especiais** para cuidar da sua saúde:

**Planos SulAmérica sem carência<sup>1</sup>.**

A partir de:

R\$ **261<sup>2</sup>**



Confira mais **benefícios exclusivos para você** aqui.

Conte agora com a melhor rede médica de São Paulo.

Ligue agora: **(11) 3178-4000**



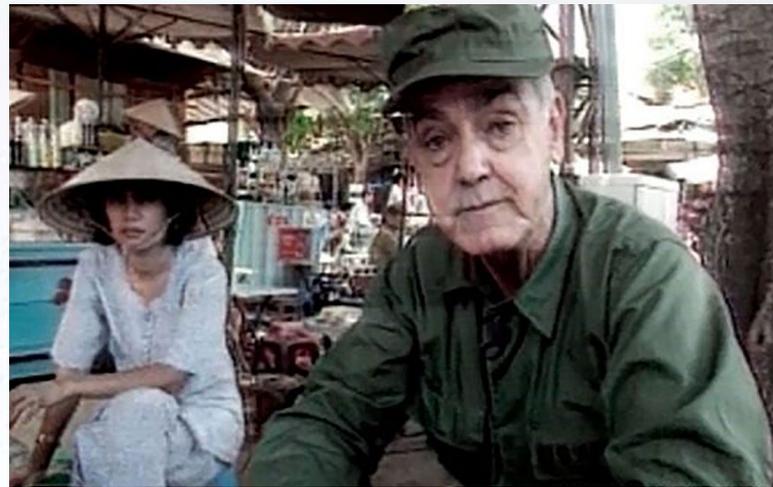
ESPECIAL  
Dia do  
JORNALISTAEm busca da  
igualdade

José Hamilton Ribeiro (Uberaba – MG)

O dia em que Zé Hamilton  
pisou num "trem"

Eram seis soldados caminhando na frente dele, todos passando pelo mesmo lugar naquela trilha perdida no Vietnã. Estava lá para cobrir a guerra para a revista Realidade. Quis o destino que somente ele, o sétimo, pisasse na mina. De repente, sentiu o corpo jogado no ar e quando caiu viu que já não tinha mais um dos pés. Foi um momento crucial, pois em vez de perder a vida ele ganhou uma nova, com desafios que foram se sucedendo e o ajudaram a construir uma carreira de sucesso. Foi assim que se tornou um dos profissionais mais importantes e mais admirados da imprensa brasileira.

"Nasci na cidade paulista de Santa Rosa de Viterbo em 29 de agosto, 'mês do cachorro louco', como gosto de dizer. Estudei na Faculdade Cásper Líbero, de onde foi expulso no último ano por causa de uma greve, e para onde voltei anos mais tarde como professor. Lecionei lá por um bom tempo e depois, já como jornalista, graduei-me em Direito em Uberaba, onde moro, para cumprir um



compromisso assumido com minha mãe: ela não achava Jornalismo uma profissão séria. Todavia, nunca exerci a advocacia, pois acabei me enveredando mesmo foi por outras trilhas, que me levaram a me tornar repórter e mais algumas coisas no mundo da comunicação.

Dia desses chegou uma chamada pelo celular e era de Boa Vista, lá em Roraima, nos confins do extremo Norte do Brasil. Na nossa conversa, Plínio Vicente me pediu um depoimento sobre minha vida de jornalista, como foi conviver com a deficiência física e, a partir dela, que interferência teve na minha vida pessoal e profissional após estes anos todos. Não há muito mais o que falar, já contei o



Mais do que nunca, a informação assertiva se faz necessária. E o bom jornalismo é essencial para mover a sociedade. Agradecemos por sua coragem e perseverança em tempos tão desafiadores. **Parabéns pelo seu dia!**

Cobrir o presente e anunciar o futuro, **estamos juntos nessa!**



Descubra o poder transformador da tecnologia. Conheça a nossa força através das nossas vozes.



ESPECIAL  
Dia do  
JORNALISTA

que tinha que contar. Entretanto, ao aceitar o convite, lá vou eu de novo ao começo de tudo. Afinal, não custa repetir os momentos que vivi no passado distante, numa terra bem longe daqui, quando pisei num 'trem' que desviou o meu destino para outra estrada e mudou o meu futuro.

Aprendi com a simplicidade que nunca se deve frear o galope do pensamento. Por isso, sempre o deixo cavalgar solto na imensidão da memória. Muitas lembranças nunca se apagam e essa que conto aqui ainda galopa latejante na minha memória. Ela me faz reviver então todos os momentos que passei naquele pedaço de inferno do Sudeste Asiático.

Eu saíra para conhecer as entranhas da guerra seguindo uma patrulha de dez soldados. Na caminhada, seis passaram no local antes de mim e só eu, o sétimo, pisei na mina. De repente, me senti no ar e quando me dei conta estava sentado no chão envolto em fumaça e então senti que minha perna esquerda puxava. Olhei e não havia mais o pé e só alguns minutos depois começou a doer. Uma dor lancinante que foi se escondendo nos efeitos dos sedativos, mas que seguiu me batendo na alma quando depois, numa cama do Hospital Cirúrgico de Quang Tri, percebi que um pedaço do meu corpo já não estava mais comigo. Minha perna havia sido amputada pouco acima do tornozelo.

Voltei, recuperei-me quase que totalmente – tive que passar a usar uma prótese para poder andar quase sem mais problemas –, e então era preciso seguir em frente. E segui. Peguei a nova estrada da

minha vida, só que agora caminhando em pisadas mais lentas, mais cuidadosas, ainda que tomando coragem para jamais dar um passo atrás.

Ora, ora! Não é que deu certo? O tempo se encarregou de curar as feridas e as lições que aprendi com aquilo tudo não só me ensinaram a me tornar um ser humano melhor, mais humilde, mas também um profissional ainda mais esforçado para fazer bem o meu trabalho. Perdi o medo do desconhecido, me fiz mais atirado, porém mais cauteloso, em busca de novos desafios. Eles vieram.

Andei por aí ajudando no parto de jornais, dediquei-me a muitos projetos, construí uma carreira conquistando respeito ao que faço e ao meu modo de fazer. O resto é o que aí está: um repórter que adora o que faz e que enfrentou e segue enfrentando desafios e sonhos, pois sem eles a profissão que exerço não teria razão de ser na minha vida.

A notoriedade não mudou meu jeito de ser, às vezes simplório, caipira mesmo, e sempre respeitei a todos e fui respeitado em todo canto por onde andei. Talvez seja isso que me tenha ajudado a atravessar essa jornada de tantos anos sem sentir olhares avessos pelo fato de ser um jornalista acometido de uma deficiência física.

Minhas opiniões não têm jamais a intenção de ferir, apenas expressam o que penso e como penso. Preocupa-me, sim, que profissionais com algum problema, que os inclui numa minoria exposta, sejam vítimas de desacertos de parte da sociedade. Seja qual for o nível de suas limitações por causa de alguma deficiência, acabam enfrentando sérias dificuldades para ingressar num mercado de trabalho cada vez mais encolhido e por isso mesmo cada vez mais concorrido.

Contudo, há que se exigir: se é lei, então que se respeitem as regras e se aceitem as cotas que garantem vagas para quem quer apenas igualdade de direitos e de oportunidades para provar sua eficiência. Porém, se as empresas de comunicação estão ou não cumprindo essa legislação não compete a mim e sim a seus diretores dar uma solução ao problema. Todavia, seria bom, talvez um sonho realizado, se um dia todos tivessem as mesmas oportunidades, sem discriminação nem preconceito.

Afinal, penso cá comigo, não existem jornalistas deficientes, mas

sim seres humanos vitimados por alguma deficiência. Profissionais que se revelam tão eficientes e tão competentes no que fazem como qualquer outro do seu meio. O que, aliás, sempre fiz questão de mostrar como exemplo para as novas gerações

Como contei em meu depoimento ao Memória Globo, em todos estes muitos anos de jornalismo, aprendi três coisas: primeiro, azeitona preta é tingida; segundo, nos banheiros, em geral, a torneira quente é a da esquerda; terceiro, de ovo de cobra não sai canarinho. O resto eu aprendo todo o dia."

O jornalista conecta o mundo às pessoas com coragem e obstinação pela verdade e transparência.

FELIZ DIA DO JORNALISTA

ESPECIAL  

## Dia do JORNALISTA



Por trabalhar em um grande jornal, a Folha de S.Paulo, ele tem opiniões muito claras, às vezes bastante duras, sobre preconceitos e discriminações no seu meio profissional. Revela que ao longo dessa sua jornada enfrentou "olhares carregados de ignorância" e para combatê-los teve que se valer de um esforço multiplicado "para demonstrar competência e a resiliência diante de situações em que a deficiência e não meus valores profissionais falaram mais alto".

*"Sou matogrossense de Três Lagoas, onde nasci há 46 anos, e moro na capital paulista desde 1998. Trabalho na Folha de S.Paulo há 20 anos, onde atualmente exerço os cargos de editor assistente e colunista do Caderno de Cotidiano.*

*Tenho cá comigo que nenhuma das características básicas para desempenhar bem o papel de jornalista é excludente para pessoas com deficiência, embora pare sobre o profissional da área um certo ar de heroísmo, de potencialidades sensoriais extremas supostamente incompatíveis com impossibilidades físicas ou sensoriais. Todavia, antes de qualquer clichê, um bom profissional da comunicação tem é de ter tino para servir à sociedade com informação, compromisso com o bem comum e com a busca por justiça social. Tudo isso não tem ligação com um bom faro ou um pleno domínio da visão, por exemplo.*

*Todo anteparo posto a um profissional do jornalismo com deficiência nasce do desconhecimento da adaptabilidade humana, do preconceito arraigado, de limitações das formas consideradas adequadas para o bom desenvolvimento de uma função.*

*Ao longo de minha jornada profissional, os enfrentamentos de olhares carregados de ignorância foram comuns, assim como o esforço multiplicado para demonstrar competência e resiliência diante de situações em que a deficiência e não meus valores profissionais falaram mais alto.*

*Essa condição de desigualdade ainda deve ter força nas próximas décadas, pois mudar formas de pensar e agir, sobretudo em ambientes corporativos, é trabalho um tanto complexo e que demanda muita insistência e multiplicação de conheci-*

Jairo Marques

## Como enfrentar olhares carregados de ignorância

*mento e informação. Até lá, é fundamental que profissionais da comunicação com algum tipo de deficiência estejam preparados para possíveis enfrentamentos e para insistirem em demonstrar seu preparo, sua tarimba para além de uma lógica óbvia. Parece duro, mas é real.*

*Evidentemente que um caminho mais inclusivo dentro das redações já começou a ser construído, que há formas de chamar a atenção para questões que transgridam princípios de diversidade e inclusão. Todavia, ainda são necessários um engajamento e uma paixão profunda do próprio jornalista cego, surdo, cadeirante ou com qualquer outra condição sensorial ou física que quebre a dita 'normalidade' para se sustentar e criar um espaço dentro da comunicação.*

*Minha jornada profissional é síntese desses conceitos que tentei descrever aqui. Não há fórmulas prontas para carreiras bem-sucedidas, não há fórmulas para incentivar as diferenças a encararem desafios. Entretanto, quem se prepara, quem tem no sangue os bons princípios do jornalismo e da boa comunicação não para diante de preconceitos, obstáculos fúteis e ignorância.*

*Que as supostas limitações humanas fiquem nas cabeças sem evolução, não na ação dos quem as guardam. A favor da diversidade há a tecnologia, os valores contemporâneos, a infinita capacidade de se reinventar e agir e, mais que tudo, o talento."*



Transportar esperança.  
**É isso que nos faz voar.**

A LATAM segue transportando as vacinas contra a covid-19 gratuitamente, para abastecer vários estados do Brasil no combate à pandemia. Em nosso Avião Solidário, já movimentamos um total de **16,5 milhões de doses**, a bordo de 174 voos desde janeiro. Esse número corresponde a **53% das doses de todo o país** até hoje. Contribuir com tudo o que pudermos nesse momento. É isso que nos faz voar.

ESPECIAL  
Dia do JORNALISTA

O goleiro Wagner Coradin com Rogério Roque: gesto de solidariedade

Rogério Roque (João Pessoa)  
O repórter que pôs o goleiro de joelhos

Ele tem apenas 1,47 metros e a foto de Alênio Júnior, em que o goleiro Wagner Coradin, do Campinense, da Paraíba, ajoelhou-se para ser entrevistado pelo repórter da Rede Primeiro Minuto, rodou o mudo ao viralizar nas redes sociais em 2019. Foi um gesto de solidariedade de Wagner e serviu para mostrar que, quando são respeitados, os profissionais portadores de deficiência fazem a diferença. Na opinião de Roque, "se tiver garra, competência e persistência, nada impede que pessoas como eu realizem seus sonhos. Nada é impossível quando se pode fazer, se sabe fazer e se quer fazer".

"Nasci em Itaporanga, município paraibano localizado na Região Metropolitana do Vale do Piancó. Sofro de osteogênese imperfeita, mas a deficiência física, que paralisou parte de meu corpo e de ter um crescimento normal, não me impediu de estudar. Graduei-me em Administração na Faculdade Maurício de Nassau, onde também fiz MBA em Gestão de Pessoas. Sou casado

comigo dentro e fora do ambiente de trabalho, vendo-me como qualquer outra pessoa, alguém que pode fazer tudo o que faz uma pessoa sem deficiência. Por mais que seja difícil, sempre dou meu jeitinho procurando fazer bem feito. Quanto às divergências de opiniões, elas sempre existem, existem e continuarão existindo. É normal, no contexto profissional ou mesmo pessoal, concordar ou discordar das opiniões alheias.

Alcansei sucesso na vida superando as limitações ou então convivendo com elas, sempre com muita força de vontade e determinação. Sou valente e decidido. Não importa se faça sol ou chuva, quando saio de casa para o trabalho, seja em transporte público ou próprio, sempre chego lá. Nunca perco um jogo, seja às 11 da manhã ou às 9 da noite, chegando em casa de madrugada. Essa paixão me move e enfrento todos os obstáculos com a maior naturalidade. Afinal, eles estão aí, mas não vão me derrotar. Assim deve ser, nada é impossível para ninguém quando se pode fazer, se sabe fazer e se quer fazer.

As minhas conquistas são muitas. Pessoas e profissionais. Sou graduado em Administração e entrei no jornalismo por obra de meu irmão Luiz Carlos, dono da Rede Primeiro Minuto, e por ser, como já frisei, um apaixonado por essa profissão. O reconhecimento público, no entanto, veio mesmo com a profissão de jornalista. Recebo inúmeras mensagens elogiando meu trabalho, pessoas querendo fazer parcerias, que não me veem como alguém com necessidades especiais, mas como um profissional.

Sou uma pessoa com deficiência que se tornou profissional do Jornalismo. No entanto, não vemos, na comunicação em geral, tantos profissionais portadores de deficiência. Eles ainda são raros no Brasil, quer porque haja uma barreira natural, seletiva e hipócrita, que impede as contratações, não permitindo que mostrem sua competência, sua eficiência. Tenho cá comigo que existem, sim, empresas preconceituosas e vai

com Jocelma e tenho uma filhinha, a Laura, as maiores bênçãos de minha vida.

As grandes dificuldades que enfrento para exercer a profissão, além daquelas com as quais tenho de conviver por causa das minhas limitações para me locomover, é a falta de acesso imposta pelas estruturas físicas arcaicas dos estádios de futebol. Principalmente os mais antigos, pois as novas arenas oferecem todo o suporte para que o profissional com alguma necessidade especial, como por exemplo o cadeirante, possa acessar o gramado ou ir para as cabines, o que podem fazer usando elevadores. Como, por exemplo, o Almeidão, aqui na Paraíba. Ele não tinha elevador, que foi instalado, mas nem sempre funciona, obrigando-me a subir escadas e chegar às cabines para comentar um jogo. O sacrifício sempre foi muito grande.

Não só no futebol, mas como em qualquer outro ramo da profissão, a paixão pelo jornalismo é fator fundamental, pois trabalhar com o que e no que a gente gosta não tem preço. Ela nos proporciona alegria todos os dias. A gente procura dar o máximo, fazer bem feito, nem sempre olhando para a questão salarial. O esporte, mais ainda o futebol, é apaixonante por si só. Nutriu meu desejo de criança em ser jornalista esportivo, mesmo diante das tantas dificuldades que as sequelas da paralisia me impõem.

Graças a Deus, até mesmo pelo meu jeito expansivo de ser, nunca sofri discriminações e nenhum preconceito. Todos sempre foram respeitosos

capaz de eliminar as desigualdades e promover a inclusão. Seja em qualquer ramo do mercado de trabalho. Seria uma felicidade muito grande ver mais repórteres, comentaristas e narradores trabalhando nas transmissões esportivas, ou mesmo aqueles que exercem funções na parte técnica e em outros setores das emissoras.

No entanto, é justo reconhecer que houve alguma evolução quanto à inclusão de pessoas com deficiência no mercado. Mas geralmente são alocadas em áreas internas, principalmente as administrativas, que não exigem muito esforço físico. Elas nem sempre estão na ponta, naquela em que profissionais vão para a rua fazer algum tipo de trabalho externo. Temos que mudar isso, pois somos capazes de ocupar qualquer cargo, desde o mais baixo ao mais alto, de direção e de comando. Não podemos nos contentar em sermos apenas auxiliares, assistentes. Essa situação vem de longe e creio que, por mais que sejam cobradas pela sociedade, as empresas – não todas, há exceções – não estão cumprindo a Lei de Cotas."



Roque, com a esposa Jocelma e a filha Laura





# INDUSTRIAL

## **JORNALISTA,** HOJE QUEREMOS CELEBRAR O SEU DIA.

Não vamos falar sobre agricultura, construção, transporte e energia, mas sim sobre você.

O seu trabalho é fundamental para a sociedade em qualquer tempo e vital para enfrentar o momento que vivemos.

### **Parabéns!**

Vamos juntos contar a história de um novo momento, com mais saúde e esperança!

### **7 de abril**

Dia do Jornalista

AGRICULTURA | TRANSPORTE | CONSTRUÇÃO | ENERGIA



ESPECIAL  
**Dia do JORNALISTA**


Repórter e apresentadora de G1 e TV Globo, que enxerga apenas 25% do que seria o normal, ela reconhece que a baixa visão lhe dá algumas vantagens. Por enxergar pouco, acabou desenvolvendo ótimas capacidades de comunicação e improviso, fundamentais na profissão. E garante prazerosamente: "Também ganhei de presente uma memória acima da média".

*"Só há muito pouco tempo passei a me reconhecer como uma pessoa deficiente, mesmo tendo convivido a vida inteira com a baixa visão – enxergo cerca de 25% do que é considerado normal. Essa redução irreversível foi causada por um glaucoma congênito nos dois olhos, hoje controlado.*

*Justamente por ter nascido com a doença, deixei para pensar nesse assunto. É difícil comparar-me às pessoas sem deficiência, não sei como enxerga alguém com visão perfeita.*

*Ao longo de muitos anos, vivi o processo de adaptação, meio sem perceber. Hoje, com uma percepção mais clara sobre a minha condição, acredito que adaptação é mesmo a palavra fundamental para conviver com a deficiência.*

*Falando especificamente do exercício da profissão, ela é mais importante do que a paixão pelo ofício. Não concordo com a ideia de que um jornalista com deficiência é necessariamente mais apaixonado pelo trabalho do que qualquer outro. Para nós, como para todo mundo, a profissão tem prazeres e dificuldades.*

*Mas, apesar dos avanços, ainda nos é necessário esforço extra na adaptação a um mundo feito por pessoas sem deficiência e para pessoas sem deficiência.*

*Por isso, quando falo em adaptação, não é de forma conformada.*

Caroline (Carol) Prado (São Paulo)

## O jornalismo, seus prazeres e dificuldades

*Falo também na busca por acessibilidade em todos os espaços – incluindo as redações –, coisa que estamos distantes de conseguir.*

*Um exemplo do meu dia a dia: sou jornalista cultural, faz parte do meu trabalho escrever sobre filmes e séries, mas, muitas vezes, uso plataformas de streaming sem opção de ajuste no tamanho das legendas. Isso torna minha experiência com as telas muito mais desconfortável.*

*Também sou apresentadora e, ao contrário dos meus colegas, não posso contar com o recurso do teleprompter, já que não consigo enxergar. Por isso, estou certa de que ainda há muito o que evoluir nas soluções físicas e tecnológicas que facilitem a vida do profissional com deficiência.*

*Apesar disso, reconheço que a baixa visão me dá algumas vantagens. Por enxergar pouco, acabei desenvolvendo ótimas capacidades de comunicação e improviso, fundamentais na profissão. Também ganhei de presente uma memória acima da média.*

*Às vezes, me surpreendo com o que conquistei, mesmo sabendo que ainda é tudo tão pouquinho. Mas esse pensamento logo vai embora. Sei que tenho tanta competência quanto qualquer um para chegar aonde quiser".*



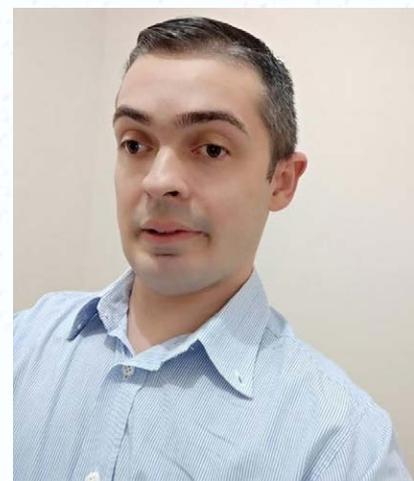
Antonello Nadal Ribeiro (Ivaporã – PR)

## Uma paixão que nunca morre

Foi a paixão pela profissão que, sem dúvidas, o motivou a não desistir do objetivo de ser jornalista. Alimentado por ela, apesar da paralisia cerebral que comprometeu o lado direito do seu corpo, o jovem jornalista de Ivaporã, no interior do Paraná, garante que ainda tem muito a conquistar: "A limitação física não será jamais impedimento para isso quando se faz algo com amor, paixão e determinação".

*"Sou portador de paralisia cerebral, que comprometeu o lado direito do meu corpo, por causa de uma doença que minha mãe teve durante a gestação, chamada esclerose múltipla. Esse problema, no entanto, não impediu que eu pudesse seguir em frente e, embora sofrendo limitações físicas, conseguisse construir um futuro numa trajetória em que conquistei muitas vitórias nos planos pessoal e profissional.*

*Sou graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo desde 2008, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), que fica em Guarapuava (PR). Entretanto, até conseguir a realização desse sonho, a caminhada foi longa, pois tive que ir morar em outra cidade, longe da família, ser independente nas tarefas do dia a dia, além de superar as incertezas sobre o futuro, que sempre surgem depois da formatura. Mesmo porque eu não*



TRANSFORMANDO A VIDA DAS PESSOAS, GARANTINDO  
 ÁGUA E SANEAMENTO DE QUALIDADE!



**BRK**  
 Ambiental

ESPECIAL  
Dia do JORNALISTA

Paraná Centro, da minha cidade, onde estou há 13 anos.

Foi a paixão pela profissão que, sem dúvidas, me motivou a não desistir do meu objetivo: ser jornalista. Tenho grandes coisas a conquistar e se Deus quiser a limitação física não será impedimento para isso. Afinal, a recompensa sempre vem quando se faz algo com amor, com paixão e determinação.

Com relação ao fato de sofrer preconceitos no ambiente de trabalho ou ataques discriminatórios por causa das minhas opiniões, tenho comigo que as críticas são o combustível que me ajuda a seguir adiante, sempre mantendo o foco no desejo de crescer profissionalmente. Mesmo sabendo que o preconceito (ainda que velado) ainda possa se manifestar em algumas ocasiões, ele jamais me impedirá de seguir minhas metas e alcançar meus objetivos.

No entanto, embora reconheça que tenho lá minhas limitações, jamais me senti incapaz de ser quem sou por causa da deficiência e pude superar os obstáculos que tive de enfrentar pela deficiência, sempre agindo com muita fé e determinação. Com o tempo e a cada superação fui me convencendo de que sem sacrifício não há vitória. Hoje posso me considerar um privilegiado por ter concluído um curso superior e estar atuando na profissão que sempre desejei exercer

Com relação ao que já vivi no curso de minha trajetória de vida e como vejo a inclusão de profissionais com alguma deficiência no jornalismo, as lições me ensinaram a ter consciência clara sobre isso: é preciso ser competente, às vezes até mais que os outros que

estão ao seu lado. Então, creio que minha maior conquista profissional é ver as pessoas confiando no meu trabalho. Já no âmbito pessoal, a maior delas foi vencer o desafio de me graduar em um curso do ensino superior.

Não só no jornalismo, mas em todas as áreas, a inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho é extremamente positiva. Entendo que a capacidade não deve ser julgada pelo fato de esse alguém ter alguma deficiência, pois conheço exemplos de quem se supera dia após dia fazendo atividades que os considerados 'normais' não fariam. Penso que houve, sim, evolução no País quanto à inclusão dos profissionais no mercado de trabalho. Todavia, acredito que o Brasil tem muito a avançar nesse aspecto, tendo em vista que o profissional com deficiência ainda sofre com preconceito, discriminação, desconfiança e falta de oportunidades.

Na minha opinião, as empresas de comunicação não estão cumprindo a legislação que as obriga a reservar vagas para pessoas deficientes. Repito: na minha visão creio que isso não está ocorrendo, pois poucas delas garantem oportunidades a esses profissionais. A lei é falha nesse sentido, eu mesmo busquei diversas oportunidades que acabaram não sendo bem-sucedidas. O ideal seria que as empresas respeitassem a lei. Mesmo porque nós somos tão ou mais capazes que qualquer um que não enfrenta a desventura de somar às suas tantas dificuldades o fato de ser portador de alguma deficiência.

Enfim, há que se confiar, de forma esperançosa até, que um dia tudo venha a mudar e que a consciência empresarial inclua entre suas obrigações a de manter aberto o quadro de empregados para o ingresso, sem qualquer restrição, de pessoas com deficiência. O que, aliás, não é impeditivo algum para que possam se revelar grandes profissionais."

Sarah Santos (Campo Grande)

## Exclusão e derrota na luta pela igualdade

Sucinta e com opiniões bem claras, ela garante que ao escolher a profissão já sabia que teria de enfrentar um mercado desafiador. Mas garante que colheu todos os frutos que a academia poderia lhe oferecer, embora reconheça que as dificuldades foram muitas. Conta que, à medida que foi se integrando nesse universo, descobriu que no Jornalismo a aparência importa e profissionais portadores de deficiência acabam excluídos, derrotados na luta pela igualdade. Revela que, "então, em tudo o que faço na profissão, sobra afeto". As origens das deficiências dela são raras: suas avós, quando grávidas, tomaram Talidomida e tanto o pai quanto a mãe dela nasceram com deficiências; casaram-se e a filha herdou os efeitos das anomalias

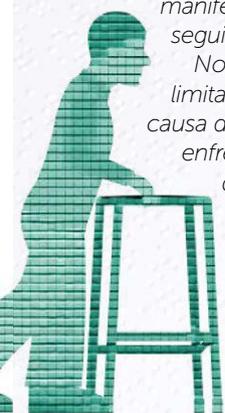
"Nasci e moro em Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul. O sonho do Jornalismo surgiu em minha vida logo no início da adolescência, quando vi que a profissão tinha tudo a ver com a minha personalidade e com o que eu queria para a vida: contribuir para um mundo melhor por meio da comunicação. Mesmo sabendo que seria um mercado difícil e desafiador, estudei com muito afinco para o vestibular, que me deu a oportunidade de estudar na universidade dos meus sonhos: a UFMS.

No curso, desenvolvi-me em diversas áreas. Viajei para coberturas jornalísticas, estive na empresa júnior, realizei projetos de pesquisa e colhi todos os frutos que a academia poderia me oferecer. Aprendi, fiz amigos e adquiri experiências que levo não só para o mercado de trabalho, como também para a vida.

As dificuldades no caminho não foram poucas. O Jornalismo ainda é um meio onde a aparência importa muito e, neste sentido, pessoas com deficiência são excluídas mais uma vez. A contratação torna-se mais difícil e, quando uma empresa acredita no seu potencial, ainda há a questão da acessibilidade.

Decidi ser a mudança que eu quero ver no mundo. Hoje, trabalho na assessoria de imprensa de um plano de saúde e, paralelamente, uso a internet para falar sobre a deficiência. O amor pela Comunicação corre nas minhas veias e, então, em tudo o que faço na profissão, sobra afeto.

O mercado de trabalho do Jornalismo ainda tem muito o que evoluir no que diz respeito à inclusão de profissionais com deficiência. São pessoas que precisam ser mais do que fontes em matérias sensacionalistas, merecem tornar-se protagonistas na Comunicação."



Indispensável.  
Fundamental.  
Essencial.  
Imprescindível.

Assim é o trabalho do jornalista  
ontem, hoje e sempre.

**7 de abril. Dia do Jornalista.**

Uma homenagem da Vale a todos os profissionais  
que trabalham pela verdade todos os dias.



ESPECIAL  
**Dia do JORNALISTA**


Como forma de homenagear todos os jornalistas que já se foram, este texto escrito por uma de suas amigas conta bem quem foi Andrei Bastos, que se tornou uma referência no ativismo em que atuava em prol das causas sociais e por sua militância em defesa dos direitos das pessoas portadoras de deficiência. Amputado aos 52 anos, não perdeu o bom humor: "Eu não sou portador de coisa nenhuma, ao contrário, me falta uma perna".

"O livro *Assimétricos*: textos militantes de uma pessoa com deficiência, publicado em 2013 por Andrei Bastos, é ainda hoje uma referência do ativismo em prol da pessoa com deficiência.

Cearense de nascimento e carioca por adoção, enquanto viveu foi mestre em contornar dificuldades e exercer a resiliência. Era isso o que procurava passar em sua militância para pessoas com deficiência. Foi isso o que demonstrou por algumas décadas em defesa das causas sociais.

Nunca entrevistei Andrei, mas convivi com ele por alguns anos. Trago aqui memórias de nossas conversas não registradas, em grupos de amigos, e as entremeio com fatos da biografia dele, de domínio público. É difícil contar como era, nos bastidores, um amigo que se foi, mas ele mesmo sabia explicar.



especializados e nas páginas de opinião de outros jornais.

Entrevistado quando lançou *Assimétricos*, seu livro de maior repercussão, afirmou, em tom formal: "As condições objetivas de minha nova realidade fizeram com que buscasse todas as formas de luta para melhorar a vida das pessoas com deficiência e encontrei na publicação de artigos na mídia a arma que melhor serviu para meus objetivos".

Por algum tempo, foi politicamente correto dizer que alguém era portador de deficiência,

houve até órgãos do governo com esse título. Andrei nos corrigia, com bom humor, bem antes de a expressão entrar em desuso: "Eu não sou portador de coisa nenhuma, ao contrário, me falta uma perna".

Ele integrou a Comissão de Direitos Humanos da OAB/RJ, entre 2008 e 2012; o Fórum Nacional de Educação Inclusiva.

Um de seus artigos – sobre a integração das crianças com deficiência na primeira etapa da escolaridade infantil – foi publicado em relatório da Unesco.

Andrei Bastos (Rio de Janeiro)  
 In memoriam

## O assimétrico

Por **Cristina Vaz de Carvalho**,  
 editora de J&Cia no Rio de Janeiro

Ainda secundarista, aderiu ao movimento estudantil de oposição ao regime militar. Em 1971, foi preso e torturado no DOI-Codi (Destacamento de Operações de Informação no Centro de Operações de Defesa Interna). Depois de solto, passou por alguns veículos até chegar ao Globo.

Andrei contou como foi sua ida para o jornal. O amigo que o indicou precisou consultar a direção, pois a situação era delicada, mas Roberto Marinho indagou apenas: "Ele ainda está na luta armada?". Diante da negativa, foi breve: "Então, pode contratar". E a estada de Andrei no Globo seria fundamental para a sua sobrevivência.

Na virada do milênio, os maus tratos refletiram-se na saúde, que não lhe deu trégua e entre outros males teve a perna esquerda amputada aos 52 anos. Andrei de muletas – raramente usava a cadeira de rodas –, aposentado, poderia ter-se afastado das lides. Em vez disso, preferiu mudar de profissão. Em 2003 montou sua própria editora. Com o ativismo no DNA, passou a escrever sobre as dificuldades dos deficientes, como colunista do Globo, nos blogs

Entre tantas atividades à margem da profissão, presidiu o Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Rio de Janeiro, além de fazer parte da Comissão de Práticas Colaborativas da OAB/RJ e do Conselho Deliberativo da ABI. Nas palavras da filha Olívia Fürst, "ele era extremamente sensível e mobilizado com tudo ligado ao interesse coletivo. Não tinha bandeira partidária. O partido dele era o ser humano".

Apesar de incansável em contornar dificuldades e delas sair fortalecido, Andrei não foi mais o mesmo depois da trágica morte de seu filho mais novo, Alexis, assassinado por assaltantes, aos 23 anos, uma semana antes da formatura, num ponto de ônibus em frente à UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Filho da também jornalista Mausy Schomaker, os pais receberam o diploma póstumo na colação de grau e reagiram com uma campanha para que o crime não fosse esquecido. Os criminosos foram condenados e a prefeitura instalou no local a praça Alex Schomaker Bastos, com equipamento de recreação infantil e de ginástica para adultos. A filha de Andrei afirmou na ocasião: "Nossa ideia não era marcar a morte do Alex, e sim mostrar como um espaço público deve ser um símbolo da resistência à violência".

Andrei morreu dois anos depois, aos 66, de complicações decorrentes de um exame de rotina. Deixou os filhos Olívia e Gustavo, e dois netos, Sofia e Daniel. Inesquecível assimétrico."



Acredite  
em quem  
**se arrisca  
todo dia**



para você  
não se  
**arriscar  
amanhã.**

**7 de abril**  
**Dia do Jornalista**

Uma homenagem da SulAmérica a todos  
aqueles que trabalham em busca  
da realidade dos fatos.

  
**SulAmérica**

**125**  
ANOS

ESPECIAL  
Dia do JORNALISTAPlínio Vicente da Silva (Boa Vista)  
O jornalista que começou  
na clandestinidade

Começou como locutor de rádio e já entrou pela porta dos fundos, 'clandestinamente', na redação do Jornal da Cidade de Jundiá. Em 1969, com a edição do decreto federal que regulamentou a profissão de jornalista, requereu registro no Ministério do Trabalho. Mas, por não ter segundo grau, como exigia a lei, teve que se submeter a uma banca examinadora. Foi aprovado com louvor e assim pôde ser um profissional também de direito e construir uma carreira que o levou ao Estádio e depois a Roraima, onde mora até hoje. Diz que agradece a Deus por ter tido pólio: "Ela me tirou do mato, me obrigou a ir para a cidade e pude realizar meu sonho: ser jornalista". Faculdade? "Fiz a da vida, que me ensinou a ler e a saber escrever".

*"Nasci na fazenda Itaquerê, município de Nova Europa, região da Araraquarense, interior de São Paulo, mas quarenta dias depois minha família campesina já estava na fazenda Mombuca, próxima a Ribeirão Preto, no vale do médio rio Mogi Guaçu. Porém, mal sabiam todos, meus pais e irmão, que aos dois anos e nove meses eu travaria minha própria guerra, contra a poliomielite, que dura até hoje, 78 anos depois, com batalhas que se repetem todo dia, quando não o dia todo.*

*À medida que formei consciência sobre a vida fui me tornando um inconformado. Cheguei a praguejar contra Deus por ter-me levado a buscar meu destino por um caminho pedregoso, cheio de*

*mato e me transformar em alguém. Um caipira que, sabendo ler e escrever, fez do Jornalismo uma profissão. Enfim, a pólio me fez entender que há apenas três fases na vida das quais não podemos fugir: na primeira idade aprendemos a crescer; na segunda idade aprendemos a vencer; e então, somente na terceira idade, é que finalmente aprendemos a viver. Aprendi, mas nada veio de graça, a luta foi grande, entremeada de vitórias e derrotas, muitas cirurgias na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e anos de sofrimento inarrável até que conseguisse voltar a ficar em pé.*

*Entre as vitórias não posso olvidar a maneira clandestina como ingressei na profissão. Não tenho vergonha em dizer que estudei somente até o antigo quarto ano primário. Morando na roça, sem condições de me locomover e filho de família pobre, não pude seguir na escola. No entanto, quis o destino que eu ganhasse uma oportunidade no rádio e já aos 18 anos era locutor da Cultura AM*



*espinhos. Todavia, com o passar dos anos, Ele me foi mostrando quais eram seus desígnios e o que pretendia para este seu filho humilde e então a raiva transformou-se em gratidão, pois ensinou-me a usar a mente para fazer o que não me permitiam as pernas atrofiadas. Foi assim que descobri a leitura e a escrita e com elas entender o mundo e me fazer entender.*

*Hoje, agradeço a Ele por ter mandado a pólio para me tirar do*

*de Monte Alto. A experiência levou-me à Difusora de Jundiá e o fato de eu saber escrever abriu-me as portas, como concursado, da Cia. Paulista de Estradas de Ferro e, depois, do Jornal da Cidade, onde, sem ser jornalista de direito, portanto sem poder sequer ser registrado na empresa, entrei como editor de Esportes e sai, já profissional habilitado, como chefe de Redação.*

*Como conquisei esse direito? Foi assim. Com o advento do Decreto Decreto-Lei N° 972, de 17 de outubro de 1969, que dispôs sobre o exercício da profissão de jornalista, equiparando os práticos aos técnicos de Comunicação Social, decidi requerer o registro profissional. Isso porque na minha carteira profissional, depois da palavra "locutor", havia sido anotada a expressão "redator noticiarista", uma das funções exigidas no decreto federal. Junto a isso, usei como argumento o tempo que já tinha de Redação, embora sem poder comprovar nível acadêmico com um diploma de nível superior.*

*Claro que meu pedido foi rejeitado. Afinal, eu não tinha segundo grau, como exigia a legislação. Entrei com recurso no Ministério do Trabalho, em Brasília, incluindo no meu arrazoado que era jornalista de fato e que reunia todas as condições de o ser também de direito. Resumindo: no seu despacho, o ministro Arnaldo Prieto determinou que uma banca examinadora me sabatinasse e depois de duas horas e muitas perguntas, recebi nota máxima e fui aprovado com louvor. Foi assim que, no dia 4 de julho de 1978, deixei de ser jornalista 'clandestino' quando a MTb/DRT/Jundiá/SP anotou em minha carteira: 'Registro nº 10937 de Jornalista Pro-*

SOMOS TODOS  
DIFERENTES  
IGUAIS

As diferenças nos fazem  
únicos, mas as semelhanças  
nos tornam inteiros.

Martha  
Becker  
CONNECTIONS

Vocês têm o direito de preservar o sigilo da fonte.  
Nós, o dever de revelar a nossa admiração.



7 de Abril

*Dia do Jornalista*

---

**PREVENT SENIOR®** 

ESPECIAL  

## Dia do JORNALISTA



profissional, na função de Redator Noticiarista'. Faculdade? Fiz a da vida, que me fez descobrir o prazer pela leitura e a descobrir os segredos da escrita.

O que veio depois já contei muitas vezes, inclusive aqui no J&Cia: Miguel João Jorge Filho, então editor-chefe do mais que centenário diário paulistano, levou-me para o Estadão, onde fui subeditor de Política, chefe de Reportagem e subeditor de Primeira Página. Cumulativamente, com dois empregos, chefei a Reportagem do Sistema Globo de Rádio (Globo AM e Excelsior FM).

Membro da equipe que investigou a ditadura argentina – tive como parceiros Marcos Wilson, Luiz Fernando Emediato, José Maria Mayrink (recentemente falecido) e Roberto Godoy –, participei da série Holocausto argentino. Publicada em janeiro de 1983, ganhou o Prêmio Rey de España, pela primeira vez concedido à mídia impressa pela agência espanhola de notícias EFE. Com o atentado praticado contra o jornal com um carro-bomba, em 14 de novembro daquele ano, não senti mais se-

gurança para permanecer em São Paulo. Graças ao apoio da chefia da Redação e da diretoria do jornal, em abril de 1984 vim parar em Boa Vista como correspondente de Estadão, JT e Agência Estado.

Aposentei-me em 1996, mas segui fazendo frilas como correspondente, ajudei na criação de várias publicações locais e em meio a tudo isso passei a assessorar órgãos públicos. Comandei a montagem das assessorias de Comunicação do Governo do Território e depois, quando Roraima virou Estado, as da Assembleia Legislativa, do Tribunal de Contas e da Prefeitura de Boa Vista, esta em 2001, e onde permaneço até hoje.

Por viver num dos mais belos cenários da Amazônia, em meio a uma natureza ainda quase intacta, com bandos de pássaros me visitando nas fruteiras plantadas no fundo do meu quintal, daqui não saio e daqui ninguém me tira. Ainda que tenha dado asas aos filhos e eles já voem para longe querendo me levar junto. Mesmo porque, como já sabia há muitos anos, na terceira idade as sequelas da pólio me mandaram para a cadeira de rodas. O que, não entanto, não me impede de fazer o que mais gosto: ser jornalista, ler e escrever.”

## HOJE SOMOS NÓS QUE ESCRÈVEMOS SOBRE VOCÊ.

Parabéns aos profissionais que trabalham com transparência e ética para registrar o presente e escrever o futuro. Agora e sempre, o compromisso com a informação de qualidade deve ser um dever de todos.

7 de abril - Dia do Jornalista.

usiminas.com



USIMINAS U

ESPECIAL  
Dia do JORNALISTA

Kátia Fonseca (Campinas – SP)

## O jornalismo conquistou-a pela janela

O nanismo não a impediu de se formar em Jornalismo, curso que conheceu assistindo aulas, inicialmente como ouvinte, pela janela de uma escola. Hoje é blogueira e repórter do Correio Popular online em Campinas (SP), atriz e conselheira do Centro de Vida Independente, ONG campineira de defesa dos direitos da pessoa com deficiência. Garante que o humor e a coragem a trouxeram até o patamar em que está e que suas conquistas dependeram exclusivamente das suas força de vontade e crença, com as quais seria capaz de vencer os inúmeros obstáculos que encontraria pela frente no curso de uma longa caminhada.

*“Minha história é sobre os desafios que enfrentei – antes mesmo de nascer e por toda a minha vida – pelo fato de ter uma grave deficiência física, a Displasia Diastrófica. É uma deformidade óssea que tem como consequência a atrofia dos membros superiores e inferiores, além de outras sequelas, tais como fissura palatal, ossos da bacia desajustados e problemas no canal auditivo. Parei de crescer quando tinha cinco ou seis anos, ficando com 1,09 metro. Essa deficiência é conhecida como nanismo.*

*Tenho 64 anos e o humor e a coragem me trouxeram até o patamar em que estou. Minhas conquistas dependeram exclusivamente das minhas força de vontade e crença, com as quais venceria os obstáculos, que foram inúmeros.*

*Fiz o Colegial – como era chamado o Ensino*

*Médio na década de 1980 – com foco na área de Bio-médicas e queria, em princípio, cursar Fonoaudiologia. Matriculei-me no cursinho pré-vestibular, então, para a área de Biomédicas. A sala de aula ficava nos fundos da casa, localizada num grande terreno. Para acessá-la, eu tinha de passar em frente à sala de aula da área de Humanas, que ficava no porão, na parte da frente da casa. Como a janela era bem baixinha, na minha altura, eu sempre parava ali para ver um pouco as aulas.*

*A que eu mais gostava era de Literatura. Lembro até hoje o nome do professor: Ernani. Como não lembrar se foi ele o meu salvador intelectual, encaminhando-me para a minha verdadeira vocação? Qual? O Jornalismo.*

*A cada dia passei a ficar mais tempo assistindo às aulas de Literatura pela janela – e, claro, faltando às aulas da minha classe. Já tinha virado habituê, inclusive participando com perguntas*



*e palpites, mas sempre pela janela. Até que um dia o Ernani falou o óbvio: Katia, por que você não muda de área? Vem fazer Humanas e assista às minhas aulas, sentada aqui dentro. E foi assim que a ex-futura fonoaudióloga virou a jornalista que sou hoje.*

*Sinto-me plenamente realizada na profissão. Comecei fazendo trabalhos freelance, indicada por amigos. Meu primeiro emprego e outros que viriam a seguir – em jornal semanal, em assessoria de imprensa de sindicato e, por fim, na grande imprensa – sempre foram por indicação de amigos. E aí está a primeira diferença e dificuldade em ser uma jornalista com deficiência: a dúvida sobre suas capacidades. Os empregadores só confiaram na minha capacidade profissional quando affiançada por algum outro jornalista, sem deficiência, que a atestasse positivamente.*

*Tenho comigo que o confronto com o preconceito será eterno. Já o enfrentei e continuo enfrentando, diariamente. Só que, agora, tenho uma história e um currículo que comprovam minha capacidade.*

*O nanismo não me impediu de me formar em Jornalismo,*

*profissão que me permitiu ser hoje blogueira e repórter do Correio Popular online em Campinas (SP), além de atriz e conselheira do Centro de Vida Independente, ONG campineira de defesa dos direitos da pessoa com deficiência.*

*Vejo que o País evoluiu um pouco em relação à quebra de preconceito e à inclusão das pessoas com deficiência. Mas ainda está muito longe do ideal. Tenho a impressão de que ainda não será na minha geração que conseguirei presenciar uma verdadeira integração socioprofissional das pessoas com deficiência.*

*As empresas de comunicação – aliás, todas as empresas, em todos os setores de atividades – insistem em descumprir a legislação que determina a contratação de profissionais com deficiência. E mais: constantemente fazem lobby com políticos na tentativa de se buscar o retrocesso das leis tão duramente conquistadas pelo movimento de defesa dos direitos da pessoa com deficiência. Lamentável!”*

**Jornalista, hoje o destaque da pauta é você.**

Parabéns pelo seu dia!

+ Grupo Stefanini – Há 33 anos, transformando o mundo através da inovação digital.

[www.stefanini.com](http://www.stefanini.com)

Scaneie o QR Code e acesse nossos Trends:



**stefanini**  
GROUP

ESPECIAL  
**Dia do JORNALISTA**

 Ricardo Caruso (São Paulo)  
**Saudades do "cheiro" da Redação**

Ainda muito pequeno perdeu a vista esquerda e com o passar dos anos, o olho direito adaptou-se para atender às suas necessidades. Por causa da pouca idade, a vista sobrevivente se adaptou, ficou forte, aumentou o ângulo e hoje ele tem uma visão que cobre 160 graus. Como trabalha atualmente no meio digital, diz que sente falta do cheiro das redações, do bulício de outrora e das batidas desenfreadas das máquinas de escrever, substituídos pelo distanciamento e pelo digitar silencioso nos teclados dos computadores. E que lhe faz falta também a parceria motorista-fotógrafo-repórter, a busca pelas pautas, a euforia pelo furo e a satisfação ao receber um elogio do editor.

"Nasci em 12 de março de 1957, no Rio de Janeiro. Aos dois anos sofri um acidente doméstico e perdi a vista esquerda, o que, muito tempo depois, me deu o status de 'deficiente físico'. Todos os dias agradeço a Deus por ter permitido que eu não perdesse a visão também da vista direita. Como era ainda uma criança muito pequena, com o passar dos anos o olho direito adaptou-se para atender às minhas necessidades. Ficou forte, aumentou o ângulo e hoje consigo ter uma visão que cobre 160 graus.

Os que me estranharam, pessoas que encontrei pela vida, na verdade uma pequena parcela, não conseguiam disfarçar o susto, a surpresa ou o incômodo. Mas nunca me enraiveci, sempre levei tudo com bom humor. Reclamar do quê? Estava vivo, enxergando bem e levando a vida como devia e como queria. Namorei, casei, sempre tive trabalho e siga assim até hoje.

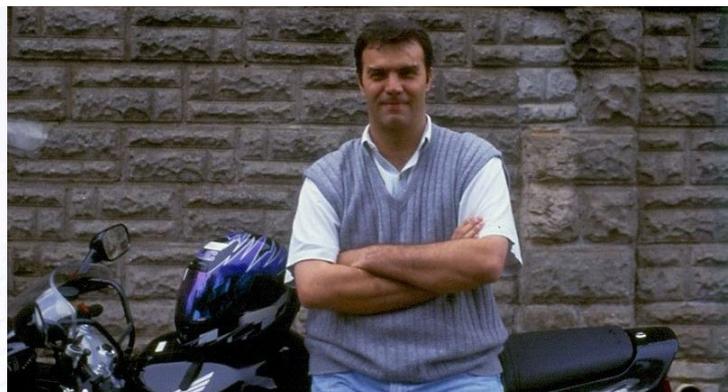
de com meu irmão (que se tornou jornalista dos bons, Rubens Caruso Junior) e outros amigos. Fazíamos a revista Auto&Técnica, que por quase 20 anos rendeu muitos filhotes.

Confesso que não enfrentei tantas restrições, mas na época a pessoa deficiente era vista como um estorvo, alguém digno de dó.

Testemunhei muitas situações em que jornalistas talentosos foram desprezados por conta de algum tipo de problema físico. Entretanto, também testemunhei a evolução das consciências quanto a isso. Foi quando entendi que, para superar qualquer obstáculo, basta ter a chance de mostrar valor e talento numa profissão que exige muita paixão e sacrifícios, todavia bastante recompensadora.

Neste ano de 2021 completo 39 anos de carreira. Conquistei muito mais do que um dia pude imaginar. Bati e apanhei, fui de repórter a diretor-editorial, conheci muitos de meus ídolos, aprendi a fotografar, testei centenas de carros, viajei por boa parte do mundo, lancei muitos jornalistas no meio, lecionei Técnicas de Redação e Jornalismo Especializado na Cásper Líbero, onde me formei.

Hoje, confesso, sinto-me um pouco estranho exercendo a profissão no meio digital. Sinto falta do cheiro das redações, do bulício de outro-



Já em São Paulo, cursei a Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. Talvez por achar tudo normal, não tive grandes dificuldades para ingressar na profissão. Jornalismo era uma paixão. Na verdade, o jornalismo esportivo, com foco em automobilismo. Trabalhei de graça no início, aliás trabalhei pesado, e esse foi o preço que paguei para entrar na profissão.

Comecei no jornal Popular da Tarde, levado pelo amigo jornalista Flávio Adauto. O editor-chefe (Sérgio Carvalho) me aceitou, outro jornalista (Arnaldo Branco Filho) gostou do meu trabalho e me 'adotou'. A deficiência física não me criou nenhuma dificuldade e os ataques externos em relação ao meu trabalho existiram, mas não pela questão da visão, e sim por ser mais crítico que a média, o que é um orgulho.

E assim minha carreira foi em frente. Revista Autoesporte, Diário do Grande ABC, revista Oficina Mecânica, muitos trabalhos para outras publicações até que, em 1995, decidi montar uma editora em socieda-

ra e das batidas desenfreadas das máquinas de escrever, substituídos pelo distanciamento e pelo digitar silencioso nos teclados dos computadores. Faz falta também a parceria motorista-fotógrafo-repórter, a busca pelas pautas, a euforia pelo furo e a satisfação ao receber um elogio do editor.

Meu recado para jornalistas com qualquer deficiência que buscam seu espaço no jornalismo é o seguinte: não se iniba, não sinta vergonha, seja seletivo no que quer ou não escutar, nunca desista, mostre seu talento e sua capacidade. Nenhum tipo de deficiência deve fazer você desistir. Adapte-se e acelere. E faça muitos amigos, pois irão te acompanhar pela vida toda.

Com relação à inclusão de pessoas com deficiência, ela existe, mas ainda aquém do que é desejável. Todos merecem igualmente a chance de mostrar sua capacidade, dedicação e talento. Como o jornalismo é movido a paixão, nada mais justo que as oportunidades sejam oferecidas, que sonhos de realizem e se de dê destaque e reconhecimento total a quem, eficiente, sabe contar uma história – essência de nossa profissão –, seja fisicamente perfeito ou não. Entretanto, que se lhe permita conviver ombro a ombro com os demais, nas mesmas condições de igualdade."

## Mais que nunca, INFORMAÇÃO SALVA

O nosso muito obrigado a todos os jornalistas, que seguem incansáveis na missão de trazer informação precisa e confiável para a nossa sociedade.

**Parabéns pelo seu dia!**

ESPECIAL  
**Dia do JORNALISTA**

Thiago Tostes (Rio de Janeiro)  
**Nem a falta de audição o impediu de ser jornalista**

Ele passou parte da adolescência ainda com audição, falando horas ao telefone e escutando música alta. Mas a perda auditiva foi progredindo e tornando real o sentido de ser deficiente. No entanto, como ainda criança descobrira que seus prazeres envolviam a comunicação, as artes e os esportes, quando escolheu o Jornalismo como profissão não pensou nas barreiras que a deficiência traria para sua carreira. Sabe que boa parte da comunicação é audição e que sua deficiência é de fato um limitador. Mas garante: "Meus limites nunca foram maiores do que minha determinação em ser jornalista".

*havia sido previsto, a perda auditiva foi progredindo e tornando real o sentido de ser deficiente.*

*Sou jornalista há 17 anos. Considerando desde os estágios até hoje, nunca deixei de exercer a profissão. Muitas das experiências que contabilizo não foram remuneradas, por isso acredito que a paixão pelo Jornalismo sempre foi minha maior motivação.*

*Há 11 anos ingressei no serviço público, na área de assessoria de comunicação, ao ser aprovado em um concurso do Ministério da Saúde, beneficiado pelas*



*"Sou carioca, morador de Copacabana, tenho 42 anos. Devido a um parto complicado, já na infância apresentei dificuldades de coordenação motora e problemas respiratórios, porém, nada relacionado a minha audição. Nasci ouvinte e tive o desenvolvimento da fala preservado até meus 15 anos, quando fui diagnosticado com perda auditiva bilateral, neurossensorial e progressiva. Naquele momento a perda ainda era leve e muitas vezes confundida com distração, por isso o diagnóstico foi um grande choque. Passei parte da adolescência ainda como ouvinte, falando horas ao telefone e escutando música alta, mas como*



Você conhece o **seu negócio**.

E nós sabemos **conectá-lo** com os diferentes **públicos**.

Porque **conexão** e **engajamento** estão no nosso **DNA**.

No **Grupo BCW Brasil** focamos em entender profundamente as audiências e gerar interesse pelo **seu negócio**.

Agradecemos aos nossos clientes por nos darem a oportunidade de atuar em **todos os setores da economia**.



GRUPO **bcw** BRASIL

**bcw** + MÁQUINA **CW**

ESPECIAL  
**Dia do JORNALISTA**


(Ascom) do Núcleo Estadual do Ministério da Saúde no Rio de Janeiro.

Desde criança meus prazeres envolviam a comunicação, as artes e os esportes e quando escolhi o Jornalismo como profissão não pensei nas barreiras que minha deficiência traria para minha carreira. Porém, ao contrário de mim, preocupados, meus familiares só enxergaram as dificuldades.

Fui convencido a ingressar no curso de Direito, pois, na visão deles, poderia ser menos hostil perante minha deficiência. Tentei por um semestre, mas o desejo de realizar meu sonho fez com que eu largasse o Direito em busca do meu caminho no Jornalismo, embora soubesse das dificuldades.

Ainda como estudante, fiz estágio no Sesc. Depois, recém-formado, fiz frilas para o jornal Lance e até hoje colaboro com diversos sites esportivos, como o Arena Futebol Clube.

Na Ascom do Ministério da Saúde sou muito bem tratado pelos meus colegas e chefias, que fazem questão de me incluir nos trabalhos e eventos. De todas as dificuldades enfrentadas, sem dúvida a

maior é a inserção no mercado. Mesmo hoje em dia, com a internet, as mídias digitais, as redes sociais e os aplicativos de mensagens, ainda há muito preconceito com "um jornalista que não pode falar ao telefone". Nos colegas de reportagem nunca percebi preconceito aberto, talvez algo mais velado, entretanto, o mais comum mesmo é a falta de preparo para lidar com a deficiência. Quando um colega me manda um áudio em vez de uma mensagem de texto, não sinto preconceito, mas despreparo.

Boa parte da comunicação é audição. Portanto, minha deficiência é de fato um limitador. Entretanto, a meu ver, meus limites nunca foram maiores do que minha determinação em ser jornalista. O esporte, o serviço público e as transformações constantes na comunicação global, com o predomínio da internet, foram minhas oportunidades. Recentemente, em março de 2020, submeti-me a uma cirurgia de implante coclear no ouvido direito na esperança de melhorar minha audição, minha qualidade de vida e meu desempenho profissional. Ainda estou em franca reabilitação, o processo é gradual, mas já é possível notar avanços e em breve pretendo implantar também no ouvido esquerdo. Na realidade, mais uma vez sinto a paixão pelo Jornalismo movendo-me e me encorajando a seguir em frente."

 125  
 anos  
 BRASIL

## 7/4 – DIA DO JORNALISTA

Parabéns aos profissionais que têm o compromisso de ouvir as mais diversas vozes da sociedade.

Em uma boa comunicação, saber ouvir é essencial. E disso os jornalistas entendem bem. Ouvindo as vozes da sociedade, esses profissionais promovem a informação, produzem notícias e contam grandes histórias. Nos primeiros 125 anos da Bayer no Brasil, eles contribuíram para que acontecimentos importantes da companhia ganhassem visibilidade. E agora anunciam os próximos capítulos da nossa trajetória, em que, mais que fortalecer a nossa voz, queremos ampliar a nossa escuta, para construirmos essa jornada juntos, em colaboração. Com você.

Se é Bayer, é bom. Você e Bayer: é bom.

[www.bayer.com.br](http://www.bayer.com.br)



ESPECIAL  
Dia do JORNALISTA

Douglas Mendonça (São Paulo)

## O desafio de um cego: pilotar em Interlagos

Para quem trabalhava dirigindo ou pilotando, acompanhando novos designs e estudando as modernidades das máquinas, a perda da visão parecia algo catastrófico. Mas não foi. Formado em Jornalismo e já consagrado na profissão, largou o volante, mas chegou até mesmo a arriscar a pilotagem de carro de corrida por três voltas em Interlagos. "Um circuito que conhecia até de olhos fechados", confessa, como se enxergasse todos os detalhes de cada curva que guardou na memória.

"A profissão de jornalista caiu no meu colo quase que por acaso: um professor do colégio técnico onde eu estudava percebeu o meu profundo conhecimento sobre automóveis, e me levou para ser colaborador de uma revista automotiva e, lá, passei a responder às dúvidas sobre carros enviadas pelos leitores. A partir daí, o meu sonho de ser engenheiro mecânico e trabalhar no desenvolvimento de veículos foi desaparecendo, nascendo dentro de mim o jornalista interessado em informar absolutamente tudo sobre automóveis.

Acabei deixando de lado a Engenharia Mecânica e fui cursar Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero. À medida que me desenvolvia como jornalista, os convites foram chegando, e então pude unir meus conhecimentos automobilísticos à avaliação dos carros, sempre com exigência máxima, e até às competições, onde cheguei a vencer a famosa prova Mil Milhas Brasileiras de 1983.

Depois, fiquei por dez anos na Quatro Rodas, e

em seguida migrei para a Motor Show, da Editora Três, trabalhando lá por 24 anos (dez deles como diretor de Redação). Nesse período tive a oportunidade de viajar por todo o mundo. Quer dirigindo carros, conhecendo fábricas e, inclusive, aprendendo sobre novas tecnologias.

Durante uma viagem ao Japão, em 2011, para cobrir o Salão de Tokyo a convite da Honda, comecei a ter sérios problemas para dirigir por lá. Pensei estar ficando 'barbeiro' por causa da idade, mas estava mesmo era perdendo a visão. Na volta ao Brasil, por causa de um aumento excessivo de pressão ocular, especialistas concluíram que eu precisava operar urgentemente os dois olhos. A tal cirurgia só serviu para corrigir a pressão, mas não evitou que eu ficasse cego.

Para quem trabalhava dirigindo ou pilotando, acompanhando novos designs, e estudando as modernidades das máquinas, a perda da visão parecia algo catastrófico. Mas não foi! Fui me adaptando e, com a ajuda da família, passei a ditar os textos em vez de escrevê-los.

Assim, vou acompanhando as novidades e lançamentos graças ao apoio dos que me informam.

Cheguei até mesmo a arriscar a pilotagem de um Fiat Palio de corrida por três voltas em Interlagos, um circuito que conhecia até de olhos fechados, com o perdão ao trocadilho. Ou seja, me senti tal qual o personagem de Al Pacino no filme Perfume de mulher, em que ele dirigiu uma Ferrari mesmo estando totalmente cego, para o que contou com a ajuda de seu companheiro de viagem, personagem vivido por Chris O'Donnell. Só que Pacino enxergava muito bem fazendo o papel de um cego; eu, ao contrário, não enxergava nada, mas era como se enxergasse tudo graças às lembranças vivas que trazia na memória, que me permitia ver claramente cada detalhe de toda a pista e, em especial, de cada curva.

Particpei da campanha de lançamento do Novo Ford Mustang Black Shadow 2020, veiculada em cinemas e canais de TV fechada, em que pilotei a máquina até os 240 km/h em uma pista de aeroporto. Também virei colunista de diversos sites automotivos de relevância nacional, além de ter meu próprio site, onde divido a pilotagem com meu filho Lucca.

Discriminação? No meu meio, nenhuma. Muito ao contrá-

rio, sou muito bem recebido aonde quer que eu vá. A Editora Três, mesmo depois dos problemas, me manteve no cargo de diretor de Redação até o final de 2016 (saí de lá na ocasião em que ocorreu um dos enormes cortes de funcionários da empresa).

Hoje, aos 66 anos, sinto-me pleno e realizado no exercício da profissão de jornalista, da qual tenho orgulho por tudo o que realizei e dos diversos profissionais competentes com quem trabalhei. Se não tivesse perdido a visão, talvez, profissionalmente, as coisas fossem melhores, mas nove anos depois da deficiência acredito que o importante é que não perdi a lição. Podemos perder tudo, menos o aprendizado que a vida nos dá."



Douglas, cego, pilotando em Interlagos

**NOSSA HOMENAGEM  
A TODOS OS JORNALISTAS –  
DESDE SEMPRE, ESSENCIAIS.**

**2PRO**  
comunicação

www.2pro.com.br 2PRÓ Comunicação

ESPECIAL

# Dia do JORNALISTA



A pólio não a impediu de se formar na USP e trabalhar nos principais veículos de imprensa do Brasil e em órgãos públicos de São Paulo e Brasília. Para ela, ser jornalista "é um sonho que nunca morre e que se renova a cada dia desde o instante em que pude realizá-lo". Diz com convicção que a deficiência não impede que eficiência desenvolva a mente e crê que é por isso que a capacidade de racionar desenvolve-se muito mais em alguém com algum problema físico.

"Sou formada pela Escola de Comunicações e Artes da USP, em 1979. Um ano antes, em 1978, fui fazer um estágio na reportagem da TV Bandeirantes e alguém falou para mim: 'Acho que vai ser difícil você acompanhar a reportagem,

correr etc.'. A chefia, encabeçada por Gabriel Romeiro e Sérgio Sister, não deu ouvidos a isso e então, mesmo convivendo com as sequelas da pólio, passei a acompanhar várias reportagens.

Desde que me formei, e até me aposentar, sempre trabalhei em funções internas (revisão, copy, chefe de Reportagem, assessoria de imprensa). Nestas funções nunca senti que pudesse estar sendo alvo de algum preconceito. Ao contrário, sempre fui muito querida nas redações pelas quais passei. Sempre tratei de ignorar, em todos os sentidos da vida, o fato de ter que enfrentar alguma dificuldade, porque, na verdade, quanto a isso, não sentia nada mesmo. O segredo é não dar bola para o que as pessoas acham e, no seu íntimo, ter certeza do seu valor. Isso supera qualquer coisa.

Acredito que houve, sim, uma evolução quanto à acessibilidade de pessoas com deficiência ao emprego. Mesmo porque, em cumprimento à lei, todos os concursos reservam vagas. Vejo, por exemplo,

que a Rede Globo tem uma repórter cadeirante, que cumpre sua função de forma remota. Não sei como as empresas estão empregando pessoas com essas dificuldades, em que cada caso é um caso, em que as deficiências são diversificadas. Lembro, entretanto, e cito aqui como exemplo, que a Folha de S.Paulo cumpria esse requisito.

Nunca fiquei desempregada e trabalhei nos principais órgãos de imprensa escrita: Folha de S.Paulo, Estadão, antigo Diário Popular, Folha da Tarde, Jornalistas&Cia, além de Prefeitura de São Paulo, Câmara Municipal de São Paulo, Universidade de São Paulo (USP) e, por fim, no Senado Federal.

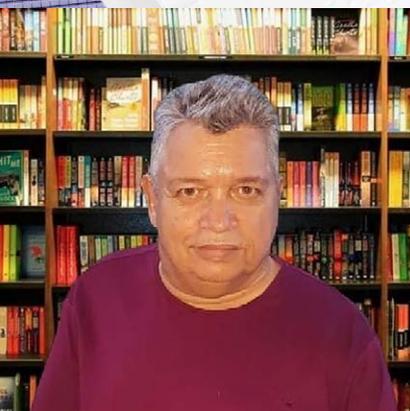
Dizem que o jornalismo é uma cachaça e para mim é mais que isso, é um sonho que nunca morre e que se renova a cada dia desde o instante em que pude realizá-lo. A deficiência não impede que eficiência desenvolva a mente, e creio com convicção que é por isso que a capacidade de racionar desenvolve-se muito mais em alguém com algum problema físico. É assim que cada um, com suas próprias limitações, cria coragem para alçar voos mais altos em busca de distâncias mais longínquas. Isso é vencer na vida e creio que foi graças a isso que venci."



## Erotildes (Tida) Medeiros (Santos – SP) A deficiência não impede a eficiência

Geraldo Nunes

## No ar, 15 mil horas de voo e 60 mil boletins de trânsito



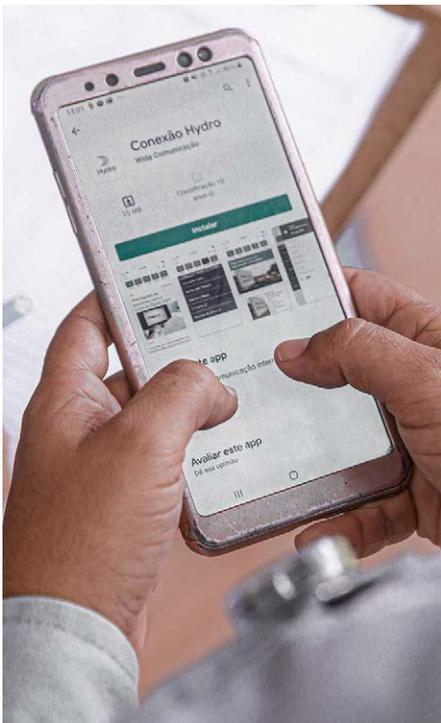
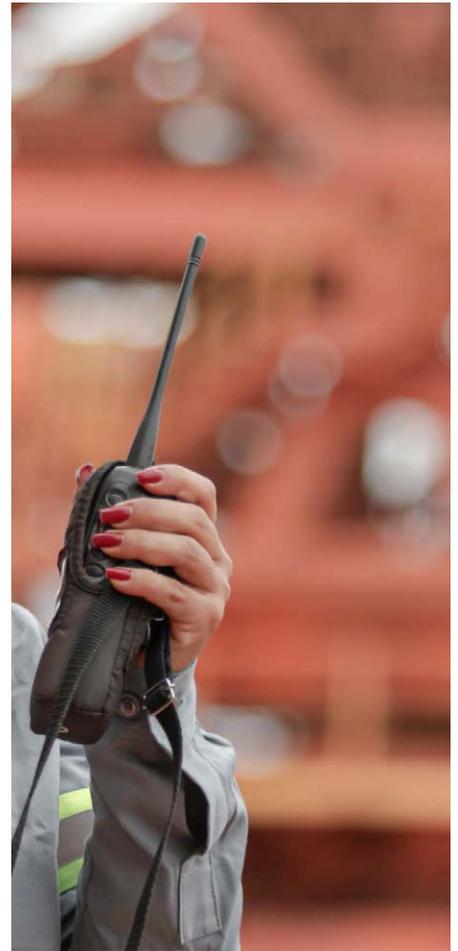
Acometido pelo que antigamente era chamada popularmente de paralisia infantil, ele teve uma infância difícil, mas conseguiu levar uma vida quase normal não fossem os obstáculos impostos pelas sequelas da pólio. Pertinaz e corajoso, formou-se em Jornalismo, foi trabalhar no rádio e acabou virando repórter aéreo. Sobrevoou a cidade de São Paulo durante 21 anos, totalizando aproximadamente 15 mil horas de voo e 60 mil boletins de trânsito

"Sou Geraldo Nunes Silva, nome de guerra Gerdalinho Nunes, paulistano, nascido em 1º de junho de 1958. Tive uma infância difícil, pois com um ano e meio contrai poliomielite, cujas sequelas obrigam-me a me locomover somente com a ajuda de aparelhos ortopédicos. Frequentei escolas regulares, junto com os demais colegas, dentre os quais fiz inúmeros amigos. Terminei o curso de Jornalismo na Universidade Metodista de São Paulo em 1978 e nesse mesmo ano iniciei minha carreira exercendo a função de rádio-escuta na Jovem Pan. No ano seguinte transfir-me para a Rádio Capital, onde fui repórter setorista no Aeroporto de Congonhas, tendo ali despertado meu gosto pela aviação.

Em 1989 fui contratado pela Rádio Eldorado e como repórter-aéreo dessa emissora sobrevoei a cidade durante 21 anos, perfazendo um total aproximado de 15 mil horas de voo e 60 mil boletins de trânsito. Isso fez de mim um especialista em assuntos ligados a mobilidade urbana, acessibilidade e inclusão social. Além disso, passei a pesquisar a história da cidade e seus bairros para o programa São Paulo de Todos os Tempos, que apresentava na emissora. As entrevistas deram origem a dois livros publicados pela RG Editores com o mesmo título do programa, recebendo o Prêmio Clio de Literatura 2001, oferecido pela Academia Paulistana de História. Além dele, recebi inúmeros outros prêmios, entre os quais o da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) 2003 na categoria Melhor Programa de Cultura e Variedades. Por causa do meu trabalho fui agraciado pela Câmara Municipal de São Paulo com as maiores honrarias oferecidas por aquela casa: a Medalha Anchieta e o Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo.

Fui chefe de Reportagem na TV Manchete e apresentador do programa Minha Origem, Meu Orgulho no Canal São Paulo – 9 (NET). Na Rádio Bandeirantes integrei, entre 1984 e 1989, a Equipe Bandeirantes de Jornalismo, comandada por José Paulo de Andrade, tendo participado de importantes coberturas, entre as quais





## Informações que fazem a diferença

Transparência e integridade estão no nosso DNA. Por isso, reconhecemos e valorizamos o trabalho dos jornalistas, que aplicam esses conceitos para levar informação e notícias para todos. Este ano, homenageamos esses profissionais que com cuidado, coragem e colaboração compartilham as histórias sobre sustentabilidade e inovação de indústrias que fazem a diferença.



Hydro



[hydro.com/brasil](https://hydro.com/brasil)



[@hydronobrasil](https://www.facebook.com/hydronobrasil)



[Norsk Hydro](https://www.linkedin.com/company/norsk-hydro)



[@hydronobrasil](https://www.instagram.com/hydronobrasil)

*Indústrias que fazem a diferença*

ESPECIAL  
**Dia do JORNALISTA**

no Instituto do Coração (Incor), em São Paulo.

Na Editoria de Rádio do Palácio dos Bandeirantes – primeira no Brasil a produzir podcasts distribuídos em tempo real, via telefonemas, para mais de 150 emissoras do interior paulista, entre 1981 e 1987 –, realizei inúmeras viagens, nas quais acompanhei os governadores não só nas cidades do interior paulista, mas também em Brasília. Numa delas estive presente, inclusive, na votação da emenda Dante de Oliveira, que, aprovada, garantiu a realização constitucional de eleições diretas para presidente da República, pondo fim aos pleitos indiretos que se sucederam no curso do regime militar.

Como cronista da cidade, atuei como colaborador dos jornais Diário Popular, Empresas e Negócios e, mais adiante, entre 2011 e 2015, como blogueiro do Portal do Estadão, além da participação, como escritor, em inúmeras coletâneas para a Editora Matarazzo. Escrevo atualmente para as revistas Escritores Brasileiros Contemporâneos e para a Revista Brasileira de Reabilitação – Reação, voltada às pessoas portadoras de deficiências. Pelas redes sociais distribuo artigos do Blog do Geraldo Nunes e pelo



os comícios pelas Diretas Já e a internação e posterior morte do presidente eleito Tancredo Neves

Spotify e Anchor o podcast São Paulo de Todos os Tempos.

Além da cadeira número 7 da Academia Paulista de Jornalismo, tenho a honra de ocupar a cadeira 26 da Academia Paulista de História. E mais: sou membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e membro honorário da Força Aérea Brasileira e da Academia de Ciências e Letras dos Delegados de Polícia.

Sempre fui um profissional extremamente apaixonado pelo ofício que me deu muitas alegrias e satisfações, mas também algumas tristezas. Todavia, nada jamais me impediu de chegar aonde cheguei. Ao buscar na memória, constato que em minha longa carreira, a convivência com todo tipo de pessoa – da mais humilde à mais graduada – nunca me levou a perceber atos de preconceito ou discriminação. No fim das contas, vejo que sempre fui bem acolhido nas empresas em que trabalhei, ganhei o respeito de todos por obra da minha pertinácia e uma boa dose de coragem, que me ajudaram a enfrentar todos os desafios que fui encontrando pela frente.

Tenho um sonho, sim: que um dia a conquista de direitos seja lugar-comum e que ninguém, jamais, seja vítima das desigualdades que, infelizmente, tenho de reconhecer, ainda se registram Brasil afora.”



UM VERBO PARA NÓS, **JORNALISTAS**,  
CONJUGARMOS NO PRESENTE

ESPECIAL

# Dia do JORNALISTA



As sequelas deixadas pela pólio contraída ainda bebê, com as quais convive desde então, não foram obstáculos para que ele se tornasse um dos mais respeitados comunicadores da Amazônia. Confessa que ser radialista e tornar-se repórter e apresentador foram conquistas que alcançou sem grandes dificuldades. A vocação e a paixão pela profissão falaram mais alto e garante: "O que penso e digo é fruto de um olhar crítico que me ajudou a superar todas as barreiras e me tornar uma voz em defesa dos desiguais".

*"Sou amazonense de Manaus, onde moro atualmente, tive poliomielite ainda bebê, aos nove meses, e desde então convivo com sequelas de membros inferiores e síndrome pós-pólio.*

*Para ingressar na profissão de comunicador – trabalho na Rede Amazônica, onde ingressei primeiro na rádio e depois passei para o Amazon Sat; sou radialista, repórter e apresentador –, confesso, não tive grandes dificuldades. A vocação e a paixão pela profissão falaram mais alto e elas, como ocorre com tantos outros que enfrentam a mesma condição que eu, ajudaram a me impulsionar em busca da profissionalização.*

*A liberdade de expressão, vigente desde a Constituição Federal de 1988, garante a todos nós cidadãos enfrentar toda e qualquer forma de discriminação nos mais diversos ambientes. Nunca sofri preconceitos nem retaliações, mas precisei ter um olhar crítico para, ao encontrá-las, conseguir ultrapassar essas barreiras. O que penso e digo me ajudou a superar todas as adversidades e a me tornar uma voz ouvida e respeitada em defesa dos desiguais.*

*Aqui em Manaus vemos que, além da Lei de Cotas para Pessoas com Deficiência (8.213/91), a inclusão do profissional com qualquer tipo de limitação passa necessariamente pelo cumprimento das normas de adaptabilidade e instalação de produtos de tecnologia acessível, como softwares de voz e outros. No entanto, creio que o Brasil evoluiu, mesmo que a passos lentos, nas questões relacionadas às pessoas com deficiência. Entendo que isso ocorreu principalmente graças ao compromisso que o País assumiu com*

Mário Célio Ferreira de Castro Alves (Manaus)

## Uma voz amazônica em defesa dos desiguais

*a ONU por ocasião da Conferência Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência (2006) e seus desdobramentos, como a LBI – Lei Brasileira de Inclusão (13.146/15);*

*Se as empresas cumprem a Lei de Cotas? As informações que tenho dizem que sim, embora entenda que se torna necessário manter uma permanente fiscalização. É bom lembrar que a nomenclatura correta, embora muitos teimem em ignorar, não é 'pessoa deficiente', mas 'pessoa com deficiência'. Isto porque as demais denominações caíram em desuso a partir da inclusão das deliberações da ONU, inseridas na Constituição Federal brasileira por meio do Decreto Legislativo 186 e Decreto 6.949, ambos de 2009.*

*Se tenho um sonho? Tenho sim, aliás tive muitos no passado, tenho outros no presente e mais alguns para o futuro. Todavia, o mais importante deles é o que possa levar a sociedade a ter consciência de que o conceito 'Pessoa com Deficiência' nos nivela com todas as demais e dá a conotação correta de que termos uma deficiência ou limitação não nos torna ineficientes e nem deficientes. Os milhares de exemplos dados por profissionais que se espalham pelo Brasil, muitos deles dentro do mercado de trabalho que engloba os meios de comunicação, comprovam que, colocadas de lados e relevadas as deficiências físicas impostas por todo tipo de doença – congênita ou traumática –, a competência sempre é alcançada por quem luta para ser incluído e, com isso, tornar-se capaz de ser igual."*



Jamir Kinoshita (São Paulo)

## No passado, deficiência não era tema do cotidiano

Com mais de 25 anos de experiência na profissão e dono de uma mente muito clara e de convicções firmes sobre a relação do mercado de trabalho com os jornalistas com deficiência, destaca a importância da Lei de Cotas, mas reage: "A ironia é que, segundo o Ministério da Economia, apesar de a legislação prever de 2% a 5% de deficientes nas empresas com 100 ou mais funcionários, o percentual nunca ultrapassou a margem de 1%". Para ele, o que se espera de todas as corporações, sejam públicas ou privadas, é o cumprimento mínimo quanto à inclusão social das PCDs.

*"Sou doutor e mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-*

*USP. Jornalista formado pela PUC-SP, tenho mais de 25 anos de experiência em reputação institucional pública e privada. Entre outras corporações, atuei junto a Grupo J&F, Bradesco, Ceagesp, Presidência da Câmara Municipal de São Paulo, prefeituras de Guarulhos, São Paulo e Santo André, além de ter participado de diversas campanhas políticas majoritárias e proporcionais. Sou ainda pesquisador do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da ECA-USP e professor universitário dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas e Gestão de Marketing.*

*O que falar do jornalista com deficiência? Na minha geração a deficiência não era um tema cotidiano. Não se falava sobre ações inclusivas nem mesmo na escola. Como deficiente motor com mobilidade reduzida, nunca me ative à minha condição. Essa invisibilização*

*de uma pessoa com deficiência é algo que me preocupa muito. Não quero ser invisível, quero ser visto e respeitado. Quero que a sociedade reconheça que todos nós somos capazes de fazer algo de bom e que a deficiência não é uma limitação, mas apenas uma característica diferente. Quero que as empresas cumpram a Lei de Cotas e que os governos criem políticas públicas que promovam a inclusão social das pessoas com deficiência. Quero que todos nós tenhamos um olhar crítico e nos comprometamos com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa para todos."*



# OS HERÓIS DA PANDEMIA NEM SEMPRE SÃO ANÔNIMOS.

Até porque os **jornalistas**  
assinam suas matérias.

A Prefeitura de São Paulo parabeniza os jornalistas pelo seu dia e pelo trabalho incansável no combate à desinformação, especialmente no momento mais grave da pandemia de coronavírus.  
**O bom jornalismo informa de verdade, o bom jornalismo salva vidas.**



USE  
MÁSCARA



LAVE  
AS MÃOS



EVITE  
AGLOMERAÇÕES



SE PUDER,  
FIQUE EM CASA



Saiba mais.  
Baixe o app  
e-saúdeSP.



CIDADE DE  
SÃO PAULO

[prefeitura.sp.gov.br/coronavirus](http://prefeitura.sp.gov.br/coronavirus)

ESPECIAL  
Dia do JORNALISTA

tem muito a ver com os próprios discursos sobre as pessoas com deficiência, ou PCDs, em que o foco é a superação da deficiência por um heroísmo individual, algo que tem um forte apelo emocional, mas que é um erro verbalizado inclusive por nós.

Precisamos falar da deficiência não pela diferença, mas sim pelo que nos torna socialmente idênticos no convívio social. Só assim venceremos o preconceito, que ainda existe, muito piorado por posturas discriminatórias e de revogação de direitos sociais pelo Governo Federal. Temos de parar com a falsa imagem da autosuperação, como se fôssemos culpados pela nossa condição. Isso vale para o jornalismo e todas as demais profissões.

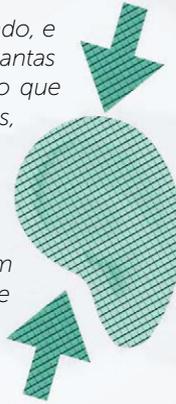
Aliás, no doutorado que faço na USP pesquiso a comunicação no mundo do trabalho das PCDs motora. Bem ou mal, a entrada no mercado de trabalho aos deficientes está sendo garantida. O que faltam são análises mais precisas de como estão esses trabalhadores.

Na minha vida profissional, não sei se possíveis preconceitos à minha condição eram submergidos ou não ou se eu mesmo invisibilizava a situação. Lembro de poucos jornalistas deficientes físicos em ação: Luiz Carlos

Merten, Geraldo Nunes, repórter da antiga rádio Eldorado, e um assessor de imprensa. Isso pode ser um indicio de quantas poucas PCDs conseguiram ir adiante no jornalismo, o que certamente não tem nada a ver com superar desafios, mas sim com a falta de oportunidades reais.

A égide jurídica, até pouco tempo atrás, via o deficiente como alguém incapaz ao trabalho e à vida independente, o que começou a mudar com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada em 2006 pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Há que se destacar a importância da Lei de Cotas, reconhecida internacionalmente como um dos ordenamentos mais completos da área. A ironia é que, segundo o Ministério da Economia, apesar de a legislação prever de 2% a 5% de deficientes nas empresas com 100 ou mais funcionários, o percentual nunca ultrapassou a margem de 1%.

O que se espera de todas as corporações, sejam públicas ou privadas, é o cumprimento mínimo esperado quanto à inclusão social das PCDs. E que nós, deficientes físicos, não adotemos um discurso de superação baseado na lógica do empreendedorismo de si, o que, além de ser uma falácia, não contribui em nada para a erradicação do preconceito."



ACREDITAMOS NA INCLUSÃO E NA PROMOÇÃO DA DIVERSIDADE EM TODAS AS SUAS FORMAS.

Parabenizamos os(as) jornalistas que dão visibilidade a diferentes pontos de vista e histórias.

FELIZ DIA DO(A) JORNALISTA!



ESPECIAL  

## Dia do JORNALISTA



A catarata congênita e o glaucoma, que o fizeram perder 90% da visão, não impediram que se tornasse um profissional de sucesso no rádio, que considera seus olhos, a janela com que enxerga o mundo. As lições da vida lhe ensinaram, porém, que ninguém chega a lugar nenhum sem lutar, sem persistir, sem levantar de novo depois de cada queda e que uma das formas de romper com o preconceito é a convivência inclusiva. Para ele, "a sociedade precisa deixar de ser hipócrita e, com lucidez, apoiar a batalha das minorias a fim de garantir sua inclusão no mercado de trabalho". Hoje se diz realizado: "Sou um cara de amores correspondidos. Não posso reclamar da vida".

*"Nasci com catarata congênita e glaucoma. Perdi o globo ocular direito e tenho 10% de visão no olho esquerdo. No curso dessa minha jornada, convenci-me de que uma das formas possíveis para se romper com o preconceito é a convivência inclusiva. Sei disso porque tenho orgulho de ter sido o primeiro repórter esportivo a trabalhar em emissoras de rádio de grande porte mesmo enxergando quase nada. Quando a carioca Rádio Tupi me contratou – trabalhei lá entre 1984 e 1992 – isso ajudou-me a romper o estigma numa época em que sequer havia, mesmo que de forma superficial, qualquer debate sobre o direito das minorias. A sociedade precisa deixar de ser hipócrita e, com lucidez, entregar-se ao compromisso de manter*

*doente. Não tive dúvidas: fui para a emissora e me ofereci para fazer o plantão. Dali em frente não parei mais.*

*Com o passar do tempo fui descobrindo que o rádio se transformara nos meus olhos para o mundo. Como ler é para mim bastante cansativo, meus ouvidos são o ferramental que uso para me informar. Por isso, faço do rádio meu informante, a janela por onde enxergo o mundo, qualquer que seja a distância*

*Confesso, entretanto, que não foi fácil chegar à plenitude da integração entre o que não vejo e o que ouço. Os incrédulos me diziam: 'Você não vai poder fazer isso'. Minha resposta era sempre a mesma: 'Vou fazer sim'. Contudo, as discriminações não paravam e chegaram ao ponto de, quando fui escalado para um jogo ao vivo, um colega dizer ao coordenador de esportes que eu não tinha condições de trabalhar no campo, pois não teria como enxergar a partida. Assim, passado tanto tempo desde aquele primeiro passo, em 1981, hoje me orgulha poder registrar em meu currículo as mais relevantes conquistas que consegui alcançar como radialista, tendo trabalhado em importantes emissoras do País, como Roquette Pinto, Tupi, Globo e Rádio MEC. Hoje*

Marcus Aurélio de Carvalho (São Paulo)

## Rádio, janela por onde enxerga o mundo



*permanente apoio à batalha dos que lutam por sua inclusão no mercado de trabalho.*

*Comecei no rádio três anos antes de ir parar na Tupi. Entrei como estagiário na Roquette Pinto, também no Rio, em 1981. Deram-me a tarefa de escrever noticiários e eu fui fazendo isso sem abandonar meu sonho de um dia pegar no microfone. Foi então que, estando em casa num domingo qualquer, um fato chamou minha atenção: o noticiário esportivo não estava entrando no ar e soube que o plantonista estava*

*sou diretor e apresentador da Rádio ONCB, da Organização Nacional de Cegos do Brasil, em parceria com a Uninove, em São Paulo. Além disso, coordeno a UNIRR, União e Inclusão em Redes e Rádio, ONG que trabalha com ações voltadas para a inclusão social.*

*Toda essa certeza de que poderia vencer na profissão, mesmo enfrentando sérios obstáculos, veio do apoio incondicional que tive de quase toda a minha família. Meu pai jamais me tratou como coitadinho. Ele consertava rádios com a ajuda do meu irmão e sempre me dizia: 'Marquinhos, vou consertar os rádios para você falar dentro deles'. Todavia, entre meus familiares haviam alguns céticos, como os tios que diziam a meu pai para ele me tirar da escola, porque eu 'não chegaria a lugar nenhum'. Cheguei e – talvez porque quando os prós e contras, pesados na balança, tenham pendido muito mais para os prós – acabei me tornando um otimista militante. Afinal, como aprendi com tantas lições, ninguém chega a lugar nenhum sem lutar, sem persistir, sem levantar de novo depois de cada queda. Fiz isso todos os dias, às vezes o dia todo, por ser jornalista, radialista e professor, que sempre foram as minhas paixões. Sou um cara de amores correspondidos. Não posso reclamar da vida."*



A **informação** é uma das ferramentas mais **valiosas** para manutenção de nossa sociedade. Mais do que nunca, precisamos de uma **imprensa forte e valorizada**.

O nosso muito obrigado a todos os jornalistas.



ESPECIAL  
Dia do  
JORNALISTAAdriana Resende Monteiro (Brasília)  
Com deficiência sim, deficiente não

A deficiência não a impediu de construir uma trajetória vencedora. Mesmo que ao longo do percurso tenha sofrido com a intolerância dos que não entendiam suas limitações, hoje vê-se não como uma jornalista deficiente, mas uma pessoa com deficiência que tem um sonho: profissionais ingressando no mercado de trabalho por sua competência e não para serem mera estatística. "E que não sofram discriminações e preconceitos como os que sofri". Este é o depoimento dela:

"Nasci em São Paulo e a hidrocefalia foi descoberta aos três meses de idade. Passei a sofrer hemiparesia do lado esquerdo, com braço e perna com pouquíssima mobilidade. Cresci em Campo Belo, interior de Minas Gerais, e aos 22 anos, no final de 1997, graduei-me em Comunicação Social na Universidade Federal de Juiz de Fora; em 2005 concluí a pós-graduação em Comunicação Jornalística, com ênfase em Jornalismo Cultural, pela PUC-SP; e em 2009 ingressei no Mestrado em Ciência Política pela Universidade de Brasília, concluído e com título de mestre em 2011.

Sempre quis ser jornalista, mas já na universidade sofria preconceito: professores reclamavam de minha lentidão, mesmo sabendo que eu datilografava/digitava só com a mão direita. Todavia, foi na Folha de S.Paulo que senti na pele o que é, de fato, discriminação. Durante o programa de treinamento, os editores 'brincavam' me chamando de 'atrasadora de jornal'. No primeiro dia como repórter contratada, o editor-chefe da Revista da Folha soltou a pérola: 'Sua jornada é de sete horas, mas desse jeito vai ter que fazer 14 para dar conta do que eu lhe pedir'. Jamais esqueci e, apesar da distância em que ela ficou no tempo, essa frase me dói na alma até hoje.

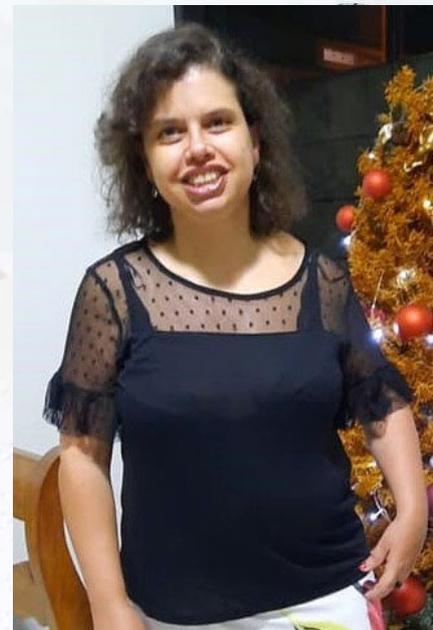
Passei pela Agência Folha e Folha Online, gostava do que fazia, me esforçava muito, mas nunca era suficiente e aos poucos fui percebendo que seria demitida. Mas já havia prestado concurso para a Câmara dos Deputados, em Brasília. Fui aprovada e antes da nomeação e da posse pude fazer um 'frilão' de que me orgulho muito. A revista Você S/A convidou-me para fazer uma matéria sobre o mercado de trabalho para profissionais com deficiência e me escolheu justamente por ser uma jornalista convivendo com esse problema. A entrevista que mais

me marcou foi com uma bióloga que concluiu o doutorado após ter ficado tetraplégica e sem fala em consequência de um AVC.

Fui efetivada no cargo de Analista Legislativo e minha função é a de Técnico em Comunicação Social. Tomar posse como servidora de uma das Casas do Congresso Nacional foi a realização de um sonho e o fato de digitar devagar não deveria ser empecilho. Mas estava errada. Nos primeiros quatro anos os editores, assim como os de antes, reclamavam da minha demora. Hoje, 16 anos depois, vejo que a discriminação permanece. Como, por exemplo, quando me dizem: 'Ficou bom, mas você podia ser mais rápida'.

Vejo-me como jornalista com deficiência, e não 'deficiente', pois posso ter a mesma eficiência que outro jornalista. Essa é, aliás, a terminologia adotada pela Convenção da ONU de 2007, ratificada pela legislação brasileira em 2008/2009 e depois pela Lei Brasileira de Inclusão, de 2015.

Claro que o preconceito existe. Não porque essa é a minha opinião, mas pela deficiência em si: parece que acham que não tenho cérebro porque digito só com a mão direita. Apesar disso creio que o mercado de trabalho para jornalistas com deficiência está se abrindo à medida que empresas privadas e órgãos públicos, mesmo que lentamente, cumprem a reserva de vagas estabelecida pela Lei de Cotas. Todavia, ainda é pouco. Qual o meu sonho? Que os profissionais com deficiência sejam contratados por sua competência e não para serem mera estatística. E que não sofram discriminações e preconceitos como os que sofri".



Raphael Preto (São Paulo)

## Em casa, sente falta da Redação



Por ser freelance, o fato de trabalhar em casa gera nele um incômodo: gostaria de estar convivendo com outros profissionais, reunir experiências e assim impulsionar sua carreira. Por isso, diz: "Sinto que me falta vivência de redação". Jornalista da nova geração, é "brilhante", como diz Adalberto Leister Filho, da CNN Brasil, seu ex-professor de graduação. Mesmo admitindo que está longe do que chama de "ecossistema da profissão", condena os empresários que não se comprometem com a

promoção da inclusão e com o combate às desigualdades.

"Nasci em agosto de 1994 em São Paulo, onde moro até hoje, e tive falta de oxigenação no cérebro, o que gerou paralisia cerebral. Mas as limitações não me fizeram uma pessoa triste, derrotada e nem me impediram de estudar. Jamais desanimei e ser jornalista passou a ser um sonho que finalmente realizei ao cursar Comunicação na FIAM, onde me formei em 2020.

Foi pelas mãos do colunista da Folha Jairo Marques (ver perfil na pág. 8) que um horizonte abriu-se para que eu pudesse ser jornalista. Na época em que o conheci ele era chefe de Reportagem da Agência Folha



07 de abril

# Dia do Jornalista e Dia Mundial da Saúde

Juntos empenhamos esforços pelo desenvolvimento e pela democratização do acesso à saúde no Brasil.

A Abramge – Associação Brasileira de Planos de Saúde – estará sempre ao seu lado, acompanhando os desafios e as inovações do sistema de saúde, em busca de informações precisas, para entregar conteúdo confiável e de qualidade reconhecida.

Abramge: somos 136 operadoras associadas e 22,7 milhões de beneficiários de planos de saúde.

## Ações das operadoras associadas no enfrentamento à COVID-19



\*Levantamento Abramge com base em operadoras associadas, responsáveis pelo atendimento de 8,7 milhões de beneficiários.

ESPECIAL  

## Dia do JORNALISTA



e me mostrou que, sim, eu poderia. Embora tenha tido grandes mestres, Jairo foi mais importante do

que qualquer faculdade ou professor, pois foi quem me mostrou ser possível eu transformar minha paixão em trabalho. E assim foi.

Hoje, entre minhas atividades, sou colaborador fixo do Papo de Mãe, da jornalista Mariana Kotscho, site em parceria com o UOL, especializado em educação, infância e maternidade. Também já colaborei com a Folha, com o próprio UOL e com a Nova Escola. Entretanto, por sempre trabalhar em casa, como freelance, sinto que me falta vivência de redação, maior convivência com outros profissionais. Sei que ela me levaria a angariar a necessária experiência para poder evoluir mais e mais na minha carreira de jornalista da nova geração.

Com relação à inclusão de pessoas com deficiência, não me tem sido possível observar se os que comandam o mercado de trabalho estão atentos ao cumprimento da legislação que exige a reserva de vagas e manda promover o acesso dos profissionais nas empresas. Considerando as características especiais que envolvem a prática do ofício de jornalista, e até porque, como um ente separado, estou distante do ecossistema que rege o mercado de trabalho como um todo, entendo que os empresários nem sempre estão dispostos a arcar com os custos para o atendimento dessas exigências próprias de um profissional que vai para o trabalho levando junto suas limitações.

Então, considero que conseguir emprego é um problema sério para quem tem alguma deficiência, principalmente quando esse emprego exige formação acadêmica com graduação em nível superior. No entanto, há que se registrar que as pessoas com deficiência representam menos de um por cento do público atendido pelo ensino superior no Brasil, seja ele ministrado por instituições públicas ou privadas.

Embora na verdade muitos jornalistas sejam autodidatas e não tenham cursado Jornalismo, é muito raro encontrar em uma redação alguém que não tenha frequentado uma faculdade. Por outro lado, há poucos jornalistas com deficiência nas redações, essa é a realidade, e daí faltarem referências e exemplos. Essa ausência de representatividade já deve, creio, ter feito muitas pessoas com deficiência desistirem da carreira de jornalista.

Por que isso ocorre? Porque a maioria das empresas, sejam elas de qualquer área, alegam como fator impeditivo principalmente a 'falta de acessibilidade'. A desculpa é que as obras necessárias para a adaptação dos prédios gerariam custos com os quais não poderiam arcar, daí haver impeditivos para a contratação. Outro argumento usado para fugir dessa responsabilidade seria o fato de que as sedes que utilizam são alugadas, o que, em tese, dificultaria a execução de reformas para deixá-las acessíveis.

O que, para mim, não é verdade. A grande maioria das empresas de comunicação, por exemplo, possui sede própria. Seus escritórios costumam ser equipados com elevadores e a construção de banheiros acessíveis para pessoas com deficiência não significa um gasto gigante no orçamento. Devo dizer que em todas as redações que visitei havia um banheiro adaptado, embora nem todas tivessem funcionários com deficiência.

Assim, concluo que o preconceito contra pessoas com deficiência tornou-se institucional, ainda que não seja algo pensado, proposital. Acaba surgindo como resultado da ausência das pessoas com deficiência em espaços de poder, entre eles o do Jornalismo. Portanto, nenhuma empresa deve empregar pessoas com deficiência por pena. Podemos contribuir com a pluralidade da imprensa e com a democracia. Não haverá diversidade se todos os jornalistas não viverem igualmente as mesmas experiências."

Vinicius Lima (Recife)

## A voz oficial sepultou seu sonho de ser repórter



Portador de uma doença rara, que o faz conviver com "ossos de vidro", as dificuldades para se locomover não o impediram de estudar, ingressar no Jornalismo e hoje exercer o cargo de assessor de imprensa de uma grande estatal. Viu morrer o sonho de ser repórter, "de estar na rua 'arrancando' sangue do poder público e do poder privado, denunciando buracos, filas dos idosos que sofrem para receber a vacina, denunciando as mazelas dos políticos". Mas não faz mais isso, pois se diz a "voz oficial de uma empresa federal e a paixão não tem lugar no meu trabalho".

"Nasci em Fortaleza e hoje moro e trabalho em Recife. Sofro de osteogênese imperfeita, meus ossos são frágeis, já tive noventa fraturas durante a vida e são enormes as limitações para me locomover. Então, sair de casa e ir para a escola, como antes, ou para o trabalho, como hoje, sempre foi e segue sendo uma dificuldade a vencer e que se repetia e se repete todos os dias.

A grandeza da doença e a crueldade que ela sempre me impingiu não impediram, entretanto, que eu concluísse todos os estudos. Ainda em Fortaleza prestei vestibular para Comunicação, passei em primeiro lugar na classificação geral e por isso acabei recebendo uma bolsa. Ainda durante o curso fui selecionado para estagiar na Cia. Docas e em seguida fiz estágio obrigatório no jornal O Povo, ambos na capital cearense.

Foi quando comecei a perceber no olhar de algumas pessoas que elas estranhavam a presença de um cadeirante em seu ambiente de trabalho, duvidando que alguém como eu, nas minhas condições, pudesse estar capacitado para cumprir as funções de jornalista. Então, por mais que eu cumprisse fiel, dedicada e eficientemente essas funções, como a de fazer pautas, errando e acertando, e mesmo que minha chefe fosse minha professora na faculdade, quando surgiu a oportunidade de ser admitido – eu até já havia me formado – ela não encarou essa responsabilidade: teve medo, ao me contratar, de ter que mandar para a rua um repórter com deficiência. Isso foi muito ruim, rechaçou a possibilidade de contar comigo na redação, o que seria, por questões de igualdade e de inclusão, uma decisão humanitária com reflexo engrandecedor para a imagem da empresa.

Essa situação, na verdade, acabou mudando minha vida, meu destino e meu futuro. Fui



ESPECIAL  
**Dia do JORNALISTA**

aprovado em processo seletivo para cargo comissionado na administração do Estado, tornei-me assessor de imprensa do Governo do Ceará e colaborei com o jornal Estado como repórter de Cultura e crítico de cinema. Depois, em 2007, prestei concurso para a Cia Hidrelétrica do São Francisco e em 2011 fui chamado. Mudei-me para Recife e desde então sou assessor de imprensa da estatal de eletricidade.

Confesso que com as mudanças ocorridas em minha vida pessoal e profissional a paixão pela profissão foi ficando lá atrás. Hoje vejo as coisas talvez de um modo um tanto cínico, sem as ilusões da juventude. Claro que quando cheguei ao Jornalismo levei junto encantamentos e ilusões, acreditava na profissão. Tive meus sonhos, claro, gostaria de ter ido parar no Le Monde, New York Times, Globo, Folha de S.Paulo, Estadão... No entanto, não me ajudaram a fazer isso e nem eu mesmo me ajudei: talvez devesse ter-me dedicado mais para poder realizar um desses sonhos.

Com o tempo fui perdendo um pouco a ilusão com a profissão, todavia ainda tenho uma tara incontrolável pelo saber das coisas. Tenho alma de jornalista, sei disso, e gostaria mesmo de fazer jornalismo político ou o jornalismo cultural voltado para o cinema. O que não faço mais, pois sou assessor de Imprensa e isso não

é jornalismo, a gente escreve o que diz a empresa. Jornalista tem que estar na rua, arrancando sangue do poder público e do poder privado, denunciando buracos nas ruas, as filas dos idosos que sofrem para receber a vacina contra o Covid, denunciando as mazelas dos políticos, e eu não faço isso. Sou a voz oficial de uma empresa federal e a paixão não tem lugar no meu trabalho.

Não superei a deficiência, sou o que sou, não tenho como me livrar dela, obrigado a conviver com isso. Considero que, claro, a inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho como um todo evoluiu. No entanto, sei que há pouquíssimos jornalistas com deficiência, sobretudo cadeirantes, que estejam dentro das redações. Quanto ao fato de saber se as empresas de comunicação estão obedecendo à legislação, duvido que estejam cumprindo plenamente a Lei de Cotas. Como não estou no mercado e por estar há muito tempo no setor público, não tenho como afirmar, com segurança, como as coisas estão. Mas duvido muito que estejam bem.

Um abraço a todos os jornalistas no seu dia e em especial aos meus colegas com deficiência, seres humanos que, como eu, com boa dose de heroísmo, sabem conviver com as dificuldades do dia a dia e enfrentá-las com coragem e determinação".

Muito além de informar, os jornalistas interpretam os fatos que moldam a sociedade. Por isso, o comprometimento com a verdade é essencial, nos mostrando a garra, a paixão e o respeito que eles têm pela profissão.

A combinação de transparência, ética e diálogo que os movem também são princípios fundamentais para a integridade de todos os setores da sociedade, como é o caso do grupo Energisa.

**Parabéns, Jornalista, pelo seu dia!**  
E pela coragem de sempre seguir o caminho da verdade!

**DIA DO JORNALISTA**07 de  
ABRIL

ESPECIAL  
**Dia do JORNALISTA**

 Manoel Victor Silva Maciel (Porto Velho)  
 Nelson Sérgio da Silva Maciel

**Avô e neto, a parceria que está realizando sonhos**


A paralisia cerebral não apagou da mente de Victor a atração pelo Jornalismo e o desejo de ser repórter. Mas não conseguiu atravessar o curso sozinho e agora chega ao último período graças a um parceiro de vida que o acompanha permanentemente na sala de aula e o está ajudando a realizar seu sonho.

Por causa disso, Nelson, o avô, único pai que ele conhece, decidiu dividir a Advocacia com a Comunicação, voltando aos bancos acadêmicos para que o neto, que considera filho, possa realizar o sonho de ser jornalista. Ah, sim: ambos vão colar grau em junho próximo.

*"Nasci em Porto Velho, capital de Rondônia, onde moro, e tive paralisia cerebral. Quando decidi cursar Jornalismo sabia que enfrentaria dificuldades sem conta e muitos desafios. No entanto, havia na minha alma um sentimento profundo: tinha certeza de que, com ajuda, conseguiria. E ela veio de forma incondicional, graças a meu pai, Nelson, que me acompanha permanentemente, cuidando de mim, me incentivando, participando e me apoiando. Por ele estar presente cotidianamente em minha vida, sempre consegui vencer todos os desafios.*

*Entretanto, ao decidir que seria jornalista e buscaria trabalho dentro da profissão, passei a entender, conscientemente, que as barreiras que*

*a satisfação prazerosa de ser um grande profissional e construir meu próprio futuro. Uma das certezas que tenho, de que chegarei a tanto, é a de que não posso me comportar como deficiente, mas apenas e simplesmente como uma pessoa com deficiência. Almejo ser um profissional eficiente, de forma a conquistar o respeito da minha classe e ver reconhecido o meu direito à igualdade com todos os demais. Mesmo porque nunca enfrentei preconceito no ambiente acadêmico e espero não o sofrer, e também nenhuma discriminação, nos ambientes de trabalho que venha a frequentar.*

*No entanto, copiando parte do depoimento de meu pai e orgulhosamente acrescentando-o ao meu, confesso: na verdade ele é meu avô, mas sempre foi, na convivência do dia a dia, o único pai que conheço. Por isso, faço questão de passar a palavra a ele:*

*Meu nome é Nelson Sérgio da Silva Maciel, nascido em Porto Velho (RO), onde moro, sou advogado, graduado pela Universidade Braz Cubas, de Mogi das Cruzes (SP) e acadêmico do curso de Jornalismo da Uniron. Prestar vestibular e acompanhar meu filho (ele sempre me chamou de pai, embora sabendo que sou seu avô) foi uma das maiores glórias que eu poderia ter alcançado na vida. Por que fiz isso? Resumindo: foi porque o Victor é um jovem decidido, tem opinião própria e jamais se deixou levar pelos meus argumentos. Principalmente em relação às muitas dificuldades que enfrentaria e que seriam sérios óbices para que possa exercer a profissão que escolheu.*

*me dificultam a locomoção serão sempre minhas maiores inimigas. Afinal, sonho em ser repórter e ir para as ruas e sei que cumprir pauta envolve um vaivém contínuo. Então, no meu caso, isso pode ser um grande impeditivo, embora tenha fé e convicção de que não há nada que eu não consiga superar.*

*A paixão pela profissão é fator importante para que o jornalista deficiente ultrapasse os obstáculos e não desista de seguir em frente. Creio firmemente nessa assertiva, pois não haverá jamais limitação que me faça desistir desse sonho e gozar*

*Em 2017 ele fez provas na Uniron para cursar Jornalismo no período noturno. Como Victor tem dificuldades para fazer anotações, em razão das sequelas da PC, com a permissão da direção eu entrava na sala de aula para ajudá-lo. Ao conversar com minha esposa Elizete sobre essa situação, ela me questionou pelo fato de que eu o levaria à faculdade e estudaria com ele durante quatro anos e, ao final, Victor teria um diploma e eu não. Foi então que decidi prestar vestibular, fui aprovado e passei a ser colega da turma nessa longa caminhada.*

*Até hoje fico trazendo de volta à minha memória as lembranças do início desta saga, desta epopeia envolvendo o avô que virou pai e o neto que virou filho. Lutamos uma luta linda, que durante este tempo todo me permitiu, de forma gratificante e maravilhosa, frequentar a sala de aula com jovens acadêmicos e eu, com 61 anos, sendo tratado carinhosamente, inclusive pelos professores, por seu Nelson.*

*Chegamos ao último período do curso. Estávamos ansiosos pelos estágios, durante os quais seria possível conviver com profissionais da comunicação que são a inspiração das nossas vidas. Todavia, veio a pandemia e ela acabou frustrando em parte os nossos sonhos, já que os estágios passaram a ser no sistema home office. Ah, sim: nossa colação de grau acontecerá logo mais, no mês de junho".*



Victor e seu Nelson formam-se juntos agora em junho





## Wanderley Midei (São Paulo) "Fui um privilegiado"



Embora tenha sido informado ainda jovem de que ficaria cego, isso só aconteceu quando já estava aposentado. Mas foi perdendo a visão paulatinamente, o que não o impediu de trabalhar por cerca de 40 anos, no Estadão, emissoras de TV, órgãos públicos e campanhas eleitorais. Diz que algumas vezes não conseguia ler um texto e pedia ajuda a um colega, mas que nunca sentiu preconceito por causa do problema. Hoje a filha publica no Facebook os textos que ele grava: "Lutei com todas as armas contra a cegueira e perdi a visão, mas ganhei outras batalhas sem precisar dela".

"1973. O aviso chegou durante uma consulta com o oftalmologista especializado em glaucoma, o melhor da época, Celso Antônio de Carvalho: 'Você vai ficar cego'.

Meu mundo caiu. Como seria lógico, inesperado. Repórter da melhor equipe de jornalismo do país, Estadão; diretor do Sindicato dos Jornalistas; casado há dois anos; minha mulher esperando meu primeiro filho, Jefferson, e fazendo faculdade de Psicologia à noite.

Minha pressão no nervo óptico estava 44, quando o normal é 10. Saí da clínica, fui ao jornal ainda tremendo de preocupação, expliquei o que tinha acontecido. O médico me deu um colírio para relaxar a pressão do nervo óptico que dilatava a pupila por três horas, eu

tinha que pingar três vezes por dia, não daria para andar fazendo reportagem. Oliveiros Ferreira, diretor da Redação, sugeriu que eu ficasse abrindo cartas e correspondências. Clovis Rossi (que saudade) me chamou e me colocou como editor de Polícia.

Com todas as dificuldades da visão que ia diminuindo, trabalhei décadas fazendo esse serviço. Durante 40 anos, mais ou menos, trabalhei no Estadão e em algumas Secretarias de Estado, TVS, TV Cultura, TV Manchete e Bandeirantes, todos esses empregos em cargos de chefia. Algumas vezes



não conseguia ler um texto e pedia a um colega para me socorrer. Nunca conheci nenhum preconceito por causa do meu problema.

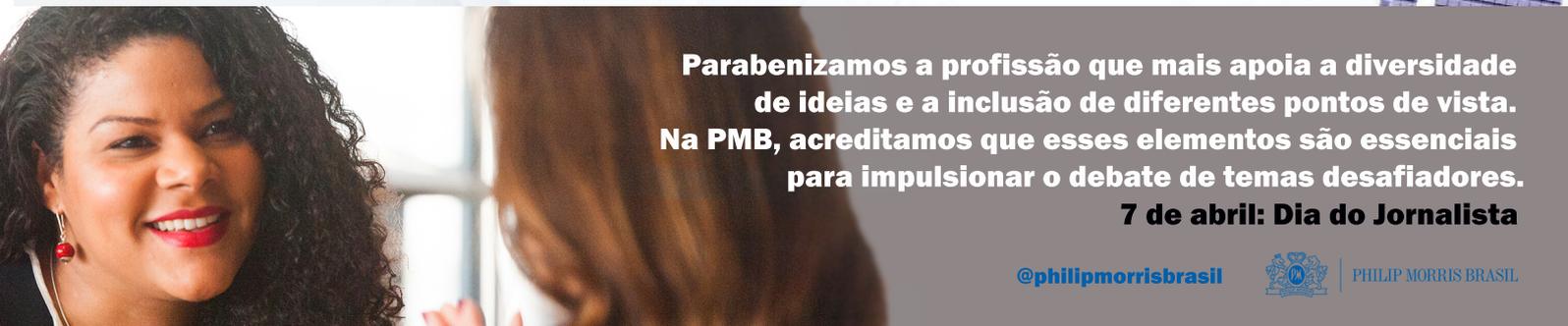
Depois de ser editor de Polícia no Estadão me chamaram para fazer duas colunas semanais: a dos professores e outra de administração. Uma saía na terça e a outra na quarta-feira. Depois disso, transferiram-me para trabalhar com Ludemburgue Góes no Mesão, como era chamada a editoria de Primeira Página, onde passei a coordenar toda a rede de sucursais e correspondentes do Estadão.

Tempos depois fui mandado embora e acabei sendo chamado pela Agência Estado para ser coordenador nacional. Nesse tempo trabalhei nas duas campanhas do governador Mario Covas e em três do José Serra para prefeito, sempre como chefe. Na primeira vitória do Mario Covas fui trabalhar na Imprensa Oficial como editor-chefe. Depois que saí de lá fui para a Assembleia Legislativa, para a liderança do PSDB e depois como assessor de imprensa do presidente daquela casa.

Como se vê, eu fui um privilegiado pois enxergando pouco

trabalhei ainda mais 40 anos e fui eleito quatro vezes para a diretoria do Sindicato dos Jornalistas. Fiquei cego quando já não estava mais trabalhando. Hoje sigo só escrevendo, e mesmo cego consigo criar meus contos e poemas. Não escrevo, gravo os textos e passo para a minha filha Daniela, que digita e publica no Facebook.

Sem dúvida o prazer de ser jornalista me fez vencer dessa maneira, logo eu que entrei como office boy aos 15 anos na Folha, em 1958. Três anos depois eu já era jornalista e trabalhei na sucursal de Santos do jornal do Frias e do seu Caldeira. Hoje, depois de quatro cirurgias em cada olho, continuo sem enxergar nada. Analisando tudo o que aconteceu na minha vida nestes anos todos, lutei com todas as armas contra a cegueira e perdi a visão, mas ganhei outras batalhas sem precisar dela. Como digo neste meu pequeno poema Eternidade: Na minha idade/Descobri que felicidade/É se cobrir de encantamento/Esse encanto fica guardado/no canto do coração apaixonado/Esse encanto, na minha idade, vive eternamente."



**Parabenizamos a profissão que mais apoia a diversidade de ideias e a inclusão de diferentes pontos de vista. Na PMB, acreditamos que esses elementos são essenciais para impulsionar o debate de temas desafiadores.**

**7 de abril: Dia do Jornalista**

ESPECIAL  
Dia do  
JORNALISTA

Teófilo Tostes Daniel (São Paulo)

## Jornalista, escritor e apaixonado por literatura

Carioca, ele achava que uma pessoa com deficiência, ao ingressar no Jornalismo, jamais poderia ser repórter. Por isso, via-se em editoras fazendo livros, conhecendo e trabalhando com autores contemporâneos. Hoje, porém, faz livros de outra maneira: como escritor. No entanto, precisava ter um emprego fixo. Prestou concurso para o Ministério Público Federal e depois de uma passagem por Belo Horizonte, acabou se transferindo para o MPF de São Paulo, onde mora. Em complemento ao Jornalismo, também se dedica à Literatura, sua maior paixão, e já publicou dois livros, além de contos e poemas em antologias e revistas literárias.

*"Nasci em 1979 no Rio de Janeiro e vim ao mundo trazendo comigo um conjunto de malformações congênitas, atualmente conhecidas como associação VACTERL. Graduei-me em Editoração pela UFRJ e hoje trabalho em São Paulo na assessoria de Comunicação do Ministério Público Federal, em sua sede na capital paulista. Em complemento ao Jornalismo, também me dedico à literatura e tenho dois livros publicados, além de contos e poemas em antologias e revistas literárias.*

*A verdade é que, ao decidir cursar Editoração na UFRJ, não imaginava que me tornaria um jornalista. Eu me via em editoras fazendo livros, conhecendo e trabalhando com autores contemporâneos. Hoje, porém, faço livros de outra maneira: como escritor.*

*De forma inconsciente, achava que alguém com uma deficiência como a minha não poderia ser repórter. Em parte, por me faltarem referências à época e, também, por eu não saber que, assim como cada corpo atípico é diferente de outro (o espectro da deficiência é bem amplo), o Jornalismo abrange grande variedade de atividades.*

*Após me formar, fui aprovado no mestrado da UFRJ e num concurso para área de comunicação do Ministério Público Federal. Como fui nomeado para Belo Horizonte, tive de fazer uma opção. Assim, em 2005 comecei a trabalhar na assessoria de comunicação do MPF em*

*Minas. No ano seguinte vim para São Paulo, onde estou até hoje. Queria aproveitar a vida cultural paulistana até poder voltar à minha cidade. Mas, além da vida cultural, conheci aqui minha esposa e, quando pude, não quis mais retornar ao Rio.*

*Com um olhar retrospectivo e pensando em minhas características pessoais, com interesse por todo e qualquer assunto, a multipotencialidade e a extroversão, apesar de não ter sido um curso cogitado na época em que fiz vestibular, o Jornalismo era uma escolha bem provável.*

*Em especial num órgão como o MPF, que atua na defesa dos direitos dos cidadãos, dos povos originários, do meio ambiente e em outras frentes importantes. Sobretudo hoje, quando direitos e garantias fundamentais têm sido questionados. A comunicação pública não é apenas um desafio de fazer a instituição ser lembrada. É um dever de se defender e praticar transparência, um compromisso ético e político com os cidadãos.*

*Com meu trabalho sinto que contribuo para promover pautas importantes, como a inclusão. Ainda, por acompanhar processos e leis, vejo que a efetivação de direitos se dá quando ocupamos o espaço público com nossos corpos políticos, exigindo as mudanças necessárias para que o direito de ir e vir e existir se torne, efetivamente, uma garantia universal."*





**BOSCH**

Tecnologia para a vida

**Nosso reconhecimento  
é em primeira mão!**



7 de abril  
**Dia do Jornalista**

A Bosch parabeniza todos os jornalistas pelo seu dia e agradece a parceria e o comprometimento diário na apuração e divulgação dos fatos.



Acesse nosso site de imprensa e  
fique por dentro das novidades da Bosch:  
[bosch-press.com.br/pressportal/br/pt/news/](http://bosch-press.com.br/pressportal/br/pt/news/)



## Falam os veículos

Consultadas, as empresas Folha de S.Paulo e Grupo RBS/Zero Hora e a Associação Nacional de Jornais (ANJ) enviaram comentários a respeito de política de inclusão, em seus quadros, de profissionais com deficiência. Outros veículos consultados não responderam até o fechamento desta edição.

### Folha de S.Paulo

"Posso responder só pela Redação e não pela empresa como um todo, mas, do nosso lado, apesar de cumprir a lei, acho que ainda temos muito trabalho a fazer. O ideal, a meu ver, é buscar uma representatividade maior, que extrapole a lei e reflita melhor a composição populacional brasileira. E, mais do que ter os índices certos, vê-los refletidos num dia a dia mais inclusivo e de equidade na prática. No ano passado, tivemos uma boa experiência no Programa de Treinamento, que, além de ter participante com deficiência (o que já tinha acontecido outras vezes), consegui fazer no curso, com a ajuda da consultoria de Carolina Ignarra, uma discussão mais direta e mais aprofundada, diferencial positivo para envolver mais os demais participantes. Sobre os colegas da Redação, acompanho-os como leitora e interessada. Há dois blogs/colunas que recomendo a todos: o [Assim como Você](#), tocado pelo Jairo Marques, que é há anos uma referência essencial dentro e fora do jornal, e o [Haja Vista](#), uma iniciativa mais recente e superlegal assinada pelo repórter Filipe Oliveira. Junto com os dois, temos também o ótimo trabalho de reportagem da Júlia Barbon, que cobre o Rio de Janeiro. É isso." – **Alexandra Moraes**, editora de Diversidade

### RBS/Zero Hora

"Na RBS não contratamos apenas para cumprir cota, entendemos a deficiência como uma característica do candidato e ninguém é vetado por causa dela. A contratação de PCDs já está na nossa cultura. Tanto é verdade que estamos acima da cota. Nas outras empresas em que trabalhei, geralmente essas pessoas ficavam mais no *backoffice*, nos bastidores. Na RBS, estão integrados em todas as áreas e não somente nas grades mais operacionais. Temos PCD desde a recepção até cargos mais altos, assim como temos também duas jornalistas cegas na Redação. Acredito que a legislação que obriga a abertura de vagas para pessoas com deficiência tem contribuído para mudar os ambientes nas grandes empresas ou órgãos ligados à comunicação. A obrigação imposta pela legislação é um ponto de partida.

Tenho acompanhado muitos profissionais com deficiência que se destacaram no ambiente de trabalho apesar das dificuldades enfrentadas. Na Redação, lembro imediatamente da Camila Lopes, que é produtora e é cega; Cristielli Lopes, repórter, também cega, a Michelle Pradella, cadeirante, repórter; Patrick Borges, assistente de conteúdo na fotografia, cadeirante. Temos muitos casos. Acredito que o mercado de

trabalho está em um processo de constante evolução com relação à inclusão de profissionais com deficiência. Creio que já superamos a fase da adaptação física. Acho que o próximo passo é trabalhar na acessibilidade de sistemas, ferramentas e principalmente no acolhimento do grupo que recebe alguém com deficiência. A responsabilidade da inclusão não é somente da empresa, ou do gestor, é de todo o grupo que trabalha com este profissional com deficiência. Desta forma, o Grupo RBS pauta sua atuação por seu Código de Ética e Conduta, em conformidade com a Legislação Brasileira." – **Leticia Machado**, especialista de Recursos Humanos

### ANJ

"Falando em nome da ANJ, posso comentar que o Jornalismo tem se demonstrado como uma atividade muito favorável à inclusão de deficientes. É comum encontrar hoje nas Redações profissionais de alta performance com diferentes tipos de deficiência, inclusive visual. É fundamental, porém, as Redações seguirem aprofundando e aperfeiçoando as políticas inclusivas, demonstrando cada vez mais que exercemos na prática um tema de acompanhamento e cobrança constante das pautas e da abordagem jornalísticas." – **Marcelo Rech**, presidente

FOLHA DE S.PAULO  
★ ★ ★

Grupo RBS

ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALIS

## Os cegos também veem

Por Assis Ângelo

Há muitas maneiras de nos comunicarmos, inclusive pela memória. E pelo falar, óbvio.

O corpo diz muito, incluindo braços que gesticulam.

Os olhos também dizem, naturalmente quando não apagados.

Sim, os cegos também veem. [POEMA DOS OLHOS](#)

A história fala de grandes homens e mulheres que nasceram cegos ou ficaram cegos no decorrer do tempo.

Homero, o grego, foi fantástico.

Quem não leu *Iliada* e *Odisseia*?

A luz dos meus olhos eu perdi em 2013, depois de várias cirurgias, em vão, no HC, SP.

Num leito do HC, mentalmente compus: [PRECE A SANTA LUZIA](#)

Eu sou da safra de 1952.

Fui menino corrido, peralta.

Nunca parei num só lugar, num banco. Nem na igreja.

Nunca tive medo de nada, nem de morrer.

O escudo do tempo me protege.

Cego jamais pensei ficar, mas insisto: vejo. [SÓ NÃO VÊ QUEM NÃO QUER VER](#)

Quando perdi o brilho dos meus olhos e em mim a escuridão parou, chorei.

Depois de pensar até em me matar, entendi que a cegueira não é o fim. [A CEGUEIRA NÃO É O FIM](#)

Eu nunca tive pena de cego. Tomara que não tenham pena de mim.

Quero ainda fazer muita coisa, nos campos que domino: cultura popular e jornalismo.

Conheci muitos cegos e surdos, como Luiz da Câmara Cascudo. [O MULTIFACETADO LUIZ DA CÂMARA CASCUDO](#)

Patativa do Assaré, Luiz Gonzaga e tantos e tantos.

Como se vê, estou em boa companhia.

Camões perdeu um olho, eu perdi os dois. Mas devo reconhecer, que o autor de *Os Lusíadas* fez mais do que eu, que já vivi muito mais do que ele.

A pandemia que hora destroça o mundo, aliada à escuridão que me dói, tem feito muita gente boa a fazer muita coisa bonita.

Sei disso.

Eu, da minha parte, transformei *Os Lusíadas* numa ópera popular. Tudo em sextilhas.

[Publiquei alguns cordéis](#) e fiz um punhado de músicas com o parceiro Jorge Ribbas.

E a vida segue.

Vocês já ouviram falar das [Ceguinhas de Campina Grande](#), PB?

Para elas compus estes versos: [VIDA CEGA](#)



**A tecnologia  
tem o poder  
de transformar  
a educação.**

A Fundação Telefônica Vivo, há mais de 20 anos, acredita no poder da tecnologia para ampliar o acesso à educação e amplificar o conhecimento, potencializando seu poder transformador. No último ano, beneficiamos mais de 2,4 milhões de pessoas entre crianças, jovens e educadores. Sempre digitalizando para aproximar e educando para transformar.



Quer saber  
mais sobre  
nossos projetos?

Acesse:  
[fundacaotelefonicavivo.org.br](http://fundacaotelefonicavivo.org.br)

*Telefônica*



FUNDAÇÃO  
TELEFÔNICA  
**vivo**

Digitalizando  
para aproximar,  
educando para  
transformar.

ESPECIAL

# Dia do JORNALISTA

## "Fiquei cego só dos olhos"

A seguir, a entrevista que Assis Ângelo deu a J&Cia:

**Jornalistas&Cia** – Gostaríamos que você contasse primeiro a sua história, como ficou cego e como enxerga – apesar da cegueira – esse processo todo que envolve a deficiência, não só nos jornalistas, mas de um país inteiro que tem essas necessidades.

**Assis Ângelo** – Antes de mais nada, devo dizer – e digo com total convicção – que hoje vivemos numa sociedade cega, ou melhor, de cegos. Cegos, pior ainda, que veem. Ou quase veem ou fazem de conta que não veem. É terrível. Essa sociedade cega a que me refiro não vê o cego como cego; se recusa. É por preconceito, por medo, receio, é por tudo o que não presta.

Eu perdi minha visão, recebi o laudo técnico do Hospital das Clínicas no dia 17 de fevereiro de 2013. São mais de oito anos. Isso depois de eu me submeter a duas cirurgias em clínica particular – laser e sei lá mais o quê – e em seguida HC, porque pensei que ali seria um caminho mais fácil, haveria ali para mim uma luzinha no final do túnel. Mas essa luzinha não chegou para o cego. Então, depois de um total de nove cirurgias, recebi um laudo

técnico, de uma junta – porque vários médicos assinaram –, dizendo que todos os meios haviam sido tentados, mas infelizmente...

– E tem retorno isso, doutor?  
– Não, não tem.

**J&Cia** – O seu problema é...

**Assis** – Descolamento de retina. Então, não há notícia de alguém que tenha ficado cego, completamente cego, e voltado. Se a retina caiu de vez, lascou-se! E no meu caso foi terrível! Inclusive, no próprio HC ela estava descolando e descolou. Fui orientado a ir lá pra

o pronto-socorro, acompanhado, e lá embaixo não havia ninguém, médico ou enfermeiro... Fiquei esperando, esperando, esperando e o trem não chegava nunca. E quando o responsável pelo pronto-socorro chegou, olhou e pronto! Já foi. Eu chorei pra danar, não parava de chorar. Mandaram voltar uns dias depois, voltei e a tortura continuou. Uma cirurgia aqui, outra acolá, e acabou! Descolamento de retina total, absoluto. As cirurgias foram dolorosas em todos os sentidos. Foram cirurgias na alma, cortes no pensamento...

**J&Cia** – Foram quantas semanas nesse período?

**Assis** – Cerca de um ano. Esse problema aconteceu quando eu me apresentava no palco do Centro Cultural dos Correios, no Rio de Janeiro. Era o mestre de cerimônias do meu projeto *Rodas Gonzagueanas*. Levei Osvaldinho do Arco-deon, a cantora Socorro Lira, um monte de gente boa.

De repente, aconteceu. Não foi total, no meu caso foi devagarinho. Quando terminei o negócio lá eu não via mais nada. E o choro... sou mole demais, não parava de



Assis Ângelo (esq.) e Eduardo Ribeiro

chorar. Ninguém entendeu nada. Todo mundo desceu do palco e eu fiquei que nem uma barata tonta, rodando pra lá e pra cá. A Socorro Lira chegou e perguntou: "O que tá havendo, baixinho?". Eu não conseguia falar nada. Ela me pegou pela mão, me tirou dali e a coisa ficou assim. Acabou com a minha noite. No dia seguinte já voltei pra São Paulo.

**J&Cia** – Você ainda conseguia ver alguma coisa?

**Assis** – Conseguia. Com o olho direito, porque o esquerdo já tinha apagado. Só me sobrou o olho direito. Pensei que o mundo tinha acabado, mas que não poderia acontecer mais nada comigo. Depois, as cirurgias, sempre acreditando que podia fazer alguma coisa. No hospital fiz um poema/oração:

Creio em ti, Santa Luzia,  
Dos cegos a padroeira.

Creio em ti, Santa Luzia,  
Dos cegos a mensageira.

Rogo a ti, Santa Luzia,  
Que me dê boa visão

Para que eu possa  
Ver as maravilhas da criação.

Ó minha Santa Luiza,  
Luzia santa querida,

As maravilhas da criação  
São os pilares da vida.

Eu quero ver esses milagres,  
Quero ver essa magia.

Eu quero luz nos meus olhos.

Eu quero ver, Santa Luzia.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.  
Amém.

Essa prece eu fiz no Hospital das Clínicas. Mas a santa estava com outras preocupações...

**J&Cia** – Como era a sua vida até aquele momento?

**Assis** – Muito agitada. Eu viajava o Brasil inteiro.

**J&Cia** – Não tinha um emprego fixo, né?

**Assis** – Não, porque chegou uma hora em que optei, apostando na cultura popular. O estudo da cultura popular sempre foi muito importante pra mim. Sempre, sempre fiz isso, sempre me envolvi com a cultura popular. E olhando prum lado e pra outro, notei – como hoje ainda dá pra notar – que o País, os seus dirigentes, em todas as esferas, não dão lá muita bola pra cultura popular. Não sabem esses dirigentes que a cultura popular é a marca de um país, a marca de um povo. É a "personalidade" de um país, sua identidade. Aí me envolvi

mais ainda. Foi como Dom Quixote: não estou fazendo nada mesmo, então vamos inventar...

**J&Cia** – Você fez trabalhos pra várias instituições...

**Assis** – Muitas. Pra Sesc... Me apresentei muito em palcos, fazendo palestras, basicamente sobre cultura popular, embora pudesse fazer sobre vários assuntos. Mas cultura popular sempre foi o meu interesse. Para falar de cultura popular você sempre faz um voo, uma viagem, por outras facetas, como a cultura erudita... é um tema muito amplo, por isso sempre me interessou.

**J&Cia** – O Assis desse período era o quê? Um poeta, um jornalista, um declamador, um compositor. O que você era? Tudo isso e um pouco mais?

**Assis** – Era um pedaço de cada coisa. Era, não, sou um pedaço de cada coisa. A vida para mim sempre foi um desafio. Sempre procurei coisas na vida pra me ocupar e entender. Sempre tive a cabeça cheia de interrogações. Então, sempre procurei respostas para as minhas indagações, às minhas perguntas. As respostas que ninguém me dava fui buscar. Fui à pé, fui entrevistar, com um gravadorzinho, às vezes com um bloco de papel. Enfim, cruzei o Brasil de cabo a rabo, como diria Luiz Gonzaga. Fui pra fora, pra França, pra... e pra onde eu fosse

ESPECIAL

# Dia do JORNALISTA

ia buscar a cultura popular, especialmente o Brasil perdido pelo mundo. Então, achei lá nos alfarrábios de Portugal muita coisa bonita relativa ao Brasil. Achei nos alfarrábios da França muita coisa bonita relativa ao Brasil. Achei discos que nunca foram lançados aqui, nos seus originais. Como de Geraldo Vandré, lá gravados e que lá mesmo ficaram. Uma vez falei pra ele, que duvidou. Sentado neste sofá, onde estou, mostrei a ele. Geraldo se emocionou, evidentemente.

Então, muita coisa tenho aqui. Por exemplo, mais de três mil discos só de músicas de brasileiros gravadas em outras línguas. Tenho milhares e milhares de folhetos de cordel, do Brasil e de outros lugares. Inclusive de Portugal, das suas origens. Fora outros milhares de livros, de partituras, jornais e revistas a partir do final do século 19, do Brasil inteiro. É por aí, pela cultura popular, que se pode fazer o resgate, é possível recompor, recontar a história de um cidadão, de uma cidadã, de um país, de um lugar qualquer.

**J&Cia** – *Você aplicou nisso boa parte do que ganhou na vida, não é? Até onde sabemos, não considerava isso um gasto, mas uma realização*

*e um investimento. Tem ideia de quanto vale esse acervo? Quantos itens são?*

**Assis** – Aproximadamente 150 mil itens. É muita coisa mesmo. E não me arrependo, absolutamente. O que comprei, está comprado. O que comprei, ninguém comprou.

**J&Cia** – *Você ganhou muito dinheiro pra poder comprar tudo isso?*

**Assis** – Eu trabalhava muito, né? Fui repórter da Folha, do Estado, ocupei chefia no Estadão, em vários lugares. Rádio, TV, revistas... assessoria de imprensa. Deixei a TV Globo a convite do Quércia [Orestes Quércia (1938-2010), governador de São Paulo de 1987 a 1991] pra assumir a assessoria da Secretaria da Agricultura do Estado. O secretário era um ex-prefeito de Bauru, Tidei de Lima. Fui ganhando muito bem, três ou quatro vezes o que ganhava na Globo. Fiquei mais ou menos um ano, até que o Estadão me chamou pra ser chefe da editoria de Política. Fui pra lá ganhando mais ainda. Na época o editor era José Nêumane Pinto, paraibano como eu. Anda sumido. Desde que fiquei cego nunca mais telefonou. Mas faz parte, né? Quando perdi a visão, só perdi a visão dos meus olhos. Mas estou inteiro. Continuo falando direito, não esqueço as coisas, ando – mas sozinho não dá... –, tá tudo na minha memória. Sei escrever, é claro. Mas como não

posso escrever... Não sei escrever em braile. O braile foi muito importante, mas agora não mais. Principalmente pra alguém como eu, que se mexeu tanto na vida.

**J&Cia** – *Quando você ficou cego os amigos desapareceram?*

**Assis** – Olhe... gato, cachorro, papagaio... etc etc etc. Até o macaquinho que havia ali no pé de côco foi embora também. Ficou um aqui, outro acolá. As pessoas mais queridas, pessoas lindas como a minha filha Ana Maria. Devo muita coisa a ela, por que não dizer: a vida.

**J&Cia** – *Porque o seu apartamento aqui era um centro de referência, não? Um intenso vaivém...*

**Assis** – Vinha gente do Brasil inteiro. Professores, estudiosos do México, da França, dos Estados Unidos, de países aqui do Cone Sul. Sempre abri as portas e sempre orientei a quem pude orientar. Atendi a muitos estudantes de jornalismo, de artes, de artes visuais... Vejam vocês, de artes visuais (risos)... Agora não dá mais pra atender a ninguém porque não poderei ajudar. Claro que sei mais ou menos onde estão os discos, os livros, as partituras. Mas é o que digo: mais ou menos. Não serei um orientador rico de informações como antes.

**J&Cia** – *Depois de tantos anos tendo você como colaborador e amigo, sabemos que*

*você tem uma memória de elefante. A cegueira reforçou ainda mais a sua memória?*

**Assis** – Uma memória fantástica, uma carinha maravilhosa e um corpinho dando sopa (risos). Mas voltemos ao tema central dessa conversa. Os seres humanos nasceram tortos desde sempre. Desde que o homem desceu da árvore foram surgindo pessoas que se arrastavam no chão, pessoas mudas, surdas, cegas. Em algumas sociedades essas pessoas deficientes eram atiradas em precipícios, assassinadas ainda bebês. Isso na antiga Roma, na velha Grécia... Grécia, berço de Homero, um cego, que deixou para a humanidade obras, pérolas, como a Ilíada, a Odisseia, escritas séculos antes de Cristo. Não é brincadeira, não. Ele escapou. Até porque era de uma família abastada. Mas o governo da época o exilou em Atenas. Aí ficou meio chapado, ficou doido, e escreveu aquelas obras.

Aliás, em Odisseia tem uma coisa muito importante. O personagem, Ulisses, luta dez anos até a vitória e volta pra casa disfarçado de mendigo. Todos o davam como morto, menos a mulher, que era a rainha, Penélope. Durante todo esse tempo ela resistiu ao assédio para que se casasse, dizendo que só faria isso quando terminasse de tecer um sudário, mas toda noite desmanchava o que tinha feito de dia. Quando Ulisses voltou, ela não o reconheceu. Quem o reconheceu foi o cachorro, que

já estava velho e cego, e morreu em seguida. Então, os cegos, mais do que outros, sempre sofreram muito. E ainda sofrem.

**J&Cia** – *Mas você conseguiu preservar a sua memória e ela é uma luz pra você...*

**Assis** – É, com certeza. Vejam bem: havia essa desgraça toda, deficientes sendo mortos por causa dessa sua condição. O tempo foi passando até que em 1784, na França, o rei Luís XVI criou o Instituto Real dos Meninos Cegos de Paris. Em 1825, um menino chamado Louis Braille, com 16 anos de idade, criou o sistema de leitura tátil que leva seu nome. Nesse mesmo ano nascia no Brasil D. Pedro II. O que tem a ver? Já vou contar. Em 1844, um menino de dez anos, cego, de família abastada, vai para a França estudar no instituto, volta seis anos depois trazendo o sistema Braille, começa a mostrá-lo a outras pessoas cegas no Rio de Janeiro e a coisa vai evoluindo. D. Pedro assiste a uma demonstração desse método de leitura e em 1854 cria algo parecido com o que havia na França: Real Instituto dos Meninos Cegos do Rio de Janeiro. O instituto foi inaugurado em dezembro daquele ano, mas sem a presença do menino, que havia morrido em março, aos 19 anos. O nome dele era José Álvares de Azevedo. Em 1891 – portanto, logo após a queda do Império –, o instituto ganhou outro nome: passou a chamar-se Instituto Benjamin Constant, que era professor de Matemática



ESPECIAL

# Dia do JORNALISTA

IBC está lá até hoje.

**J&Cia** – Hoje, com toda a sua capacidade produtiva, boa memória, capacidade de escrever, de acompanhar o mundo contemporâneo, por que nada acontece, o que está faltando pra você ter um trabalho?

**Assis** – Tá faltando muita coisa, que poderia se resumir numa canetada do bem. Estão faltando pessoas com decisão, que dessem atenção às pessoas não só cegas, mas às pessoas portadoras de algum tipo de deficiência, seja de nascença ou adquirida. Falta muita coisa. Por exemplo: esse menino aí, Álvares de Azevedo, foi o primeiro professor de cegos. Isso poderia se multiplicar. Depois do instituto lá no Rio de Janeiro, surgiu outro em Minas Gerais, cujo nome não recordo; surgiu outro aqui em São Paulo, acho que o Padre Chico. Deve haver outros por aí.

Quando eu perdi a visão dos olhos, uma das pessoas políticas com quem falei foi a Luíza Erundina, deputada amiga, pessoa querida, minha conterrânea. Ela me recomendou ir a uma instituição na praça da Árvore. Uma instituição

da escola. O tempo correu e o

pequena, mas que não oferecia nada do que eu precisava. Tinha muito jogo de dominó, xadrez. A minha vontade é produzir, escrever, editar, falar. Atualmente duas pessoas me ajudam. Uma é Anna Clara da Hora, garota de 23 anos, estudante de artes visuais, que tem uma paciência enorme em me ouvir – com ela escrevo um ou dois textos diariamente para o blog, com exceção dos finais de semana; e o Vito Antico, jornalista recém-formado pela PUC, que estagiou no meu Instituto Memória Brasil, com minha orientação. Fechei o IMB como entidade cultural e sem fins lucrativos – até porque era sem fins lucrativos mas eu só pagava; então, quando só tira e não repõe, complica. O IMB ficou só na memória e o acervo ficou aqui, onde sempre estive. Falta isso: mais atenção ao cego. O último censo do IBGE, que tem já 11 anos, indicava cerca de 600 mil cegos totais no País, mais de seis milhões de pessoas com visão reduzida. Mas é censo antigo e quem diz que fazem um novo?

**J&Cia** – Tem ideia de quantos deficientes são no total?

**Assis** – Segundo esse mesmo censo, 46 milhões de brasileiros tinham então algum tipo de limitação, de deficiência.

**J&Cia** – E o que existe de informação pra essas pessoas?

**Assis** – Nada! Elas estão no canto da parede, como eu fiquei quando recebi o laudo. Só pensava em me matar. Posso falar isso agora. Muitos na mesma condição que eu estão no canto da parede, chorando ou se matando. Não aparece em lugar nenhum porque suicídio não é notícia; especialistas dizem que esse tipo de noticiário incentiva mais suicídios. Só sei o seguinte: é muito sério o problema de uma pessoa sem visão. Qualquer tipo de deficiência é ruim, mas a falta de visão dos olhos é uma coisa danada. Tudo na vida é feito para o visual. Quando você perde isso, tem que se refazer, tem que se reestruturar, se reinventar. Mas é difícil para um invisível se reinventar. Eu me tornei uma pessoa invisível, infelizmente. (chora, emocionado) Somos humanos, temos o que pensar. A cabeça está boa, mas tenho a certeza de que muitas cabeças de cegos não estão boas. A propósito, sabem quem são? Procurem. Não vão achar. Os cegos estão escondidos. Escondidos pelo pai, pela mãe, pela irmã, pela família, engordando, sem meta, sem objetivo algum. Essa é a história.

Eu, apesar de tudo, sou um privilegiado. Estou querendo trabalhar há muito tempo. Quero voltar ao rádio, à televisão. Posso fazer isso com a maior naturalidade do mundo. Minha memória é boa, não preciso de *script*. Basta dar uma geral: olha o assunto é esse. Vamos fazer? Vamos fazer... No rádio, na televisão...

**J&Cia** – Você teve um programa de rádio que foi líder de audiência, não foi?

**Assis** – Na Rádio Capital. Durante sete anos apresentei um programa chamado *São Paulo, Capital Nordeste*. Líder de audiência em São Paulo. E era AM, ia pro Brasil inteiro. Levei cerca de quatro mil artistas, jornalistas, poetas, escritores, atores... todo mundo participou.

**J&Cia** – Você acha que poderia contribuir com isso, de algum modo? Acabar com essa invisibilidade, essa ausência? O que teria de ser feito?

**Assis** – Sim! *Visão Cidadã!* Esse será o título do programa de televisão e rádio que apresentarei em breve... (risos) Não é possível que não apareça alguém pra me chamar pra fazer um negócio desses. Esse é um projeto que já existe há algum tempo, no papel... Tenho já 13 episódios escritos, bonitinhos, com personagens sendo entrevistados, por mim e por uma amiga jornalista, **Cilene Soares**. Ela é uma jornalista muito boa e uma produtora excepcional. É isso aí, vamos fazer!

Olha aí, pessoal! É possível fazer! Por quê? Pra mostrar a minha cara feia, a minha fala? Não, não! É exatamente pra mostrar as lacunas que há na nossa sociedade em relação ao cidadão que está ali atrás, esquecido, quase como se fosse um cidadão de segunda classe.

**J&Cia** – Fale um pouco desse programa.

**Assis** – O ponto de partida, o gancho, é o deficiente visual, o cego. Sempre vamos



fazer uma viagem pelo mundo, pela história, pelo passado, mostrando histórias de cegos incríveis, mas vamos trazer pessoas portadoras de outras deficiências. Então a ideia é dar visibilidade a essas pessoas, fazê-las mostrar a importância de ser cidadão, de ser cidadã neste País que não dá bola pra cultura popular. Mas é obrigação do governo, seja qual for a esfera – municipal, estadual ou federal –, patrocinar e abrir espaços para mostrar esse problema. Não tenho conhecimento que haja ou tenha havido algum momento no mundo um programa de televisão mostrando a dificuldade do cego. No Brasil, nem pensar... *Visão Cidadã*. Já fiz música pra ele. E vamos apresentar sempre um filósofo, um estudioso, um professor, um juiz, um advogado, um jornalista... Por que? Porque a cegueira é democrática. Ela ataca a todos. É que nem essa "gripezinha" aí: pega todo mundo. Mas vamos direcionar isso para o lado positivo da vida, porque todos nós precisamos viver, e viver bem. Não nascemos pra sofrer, não nascemos pra chorar o tempo todo. Chorar faz parte, pra lubrificar os olhos. Então, é preciso se mexer nesse sentido.

Eu falei desse menino aí, Álvares de Azevedo... Lá em 1749, havia em Portugal um rei chamado D. João V. Ele nasceu em 1689 e morreu em 1750. Um ano antes de morrer ele cancelou a Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos de Lisboa. O que os cegos dessa irmandade faziam? Vendiam impressos da época,

## ESPECIAL Dia do JORNALISTA

principalmente folhetos de cordel. Essa era uma forma de o cego não se perder na vida nem nas esmolas. Uma maneira de eles ganharem a vida com o próprio trabalho, vendendo folhetos sem pagar impostos. Isso é uma coisa para se lembrar e replicar, mas não se replica. Esse é o problema. Exemplos do século 18 em Portugal, do século 19 na França e no Brasil, que não se replicam.

**J&Cia** – *Acompanhamos o universo das empresas, onde parece que essa questão está bem avançada. Há programas de inclusão, leis que obrigam a contratação de pessoas com deficiência. Na área privada esse é um processo crescente. E na área pública?*

**Assis** – Não sei... Na nossa área, acho que a Jovem Pan tem um cego... Não sei mais onde tem, estão todos escondidos. Ninguém fala de cego. Existe a lei de inclusão, lógico, de 2015.

**J&Cia** – *Existe a lei, mas ela é aplicada?*

**Assis** – Ela não se movimenta. Um amigo, Luiz Guerreiro, me levou para o Laramara, uma entidade sem fins lucrativos. Ele sumiu – onde estiver, um abraço... Ele me levava uma vez por semana. Não me falaram quanto tempo eu ia ficar lá. Teve uma festa de fim de ano e nunca

mais ninguém me chamou. Supus que aquilo tivesse sido um encerramento, mas ninguém me avisou. Três meses depois, alguém em nome da entidade começou a me ligar pedindo ajuda financeira. Falei: "Pôxa, estou desempregado. Não tenho fonte de renda". Ligou várias vezes. Então, o que falta? Uma orientação maior, até pra aposentadoria. Eu estava completamente perdido; se morresse, ninguém ia perceber. É uma pasmeira total. Essas entidades também precisam levar a sério esse lado. Tem também a Dorina Nowill, que não conheço mas dizem ser muito boa.

O que eu quero com esse projeto de rádio e televisão é exatamente mostrar que invisíveis podem ser vistos. E que cego pode ver.

**J&Cia** – *Como é a sua rotina hoje, o seu dia a dia?*

**Assis** – Costumo dormir por volta das 22h, que é quando o sono bate. Acordo por volta de 1h, 2h, ligo o rádio; canso, aí ligo o aparelho de audiolivros. Quando o galo canta na minha memória, aí pelas 5h, como umas frutas, ligo o rádio de novo e vou fazer uma hora de ginástica. Depois, cuido do meu asseio e tomo o café da manhã. Fico na sala até começar o jornal na TV. Tem dias que faço o primeiro texto para o blog com o Vito por volta das 11 horas.

livro e poesia no Brasil. Outra cuja história me interessa muito é da primeira soldada brasileira, a baiana Maria Quitéria, que nasceu em 1792 e morreu em 1853. Ela participou das lutas pela independência do Brasil, cuja última grande briga foi na Bahia. E assim vai.

O maior exemplo de personagem deficiente é o corcunda de Notre Dame, imortalizado por Victor Hugo. Shakespeare também tem personagem deficiente. Machado de Assis, pouca gente sabe ou lembra, ficou cego durante uns meses, tinha diabetes e era epilético.

Voltemos ao descolamento de retina. Descolamento de retina não tem reposição, transplante, não tem conserto. Perguntei a vários especialistas, muitos: o que é isso? Você pode sofrer uma queda e a retina cair; levar uma pancada; entrar num táxi e estar cego ao descer; dormir e acordar sem enxergar nada. Isso tudo me foi dito várias vezes, repetidamente. Eles não conseguem explicar, não existe uma causa só. Também não tem cura, porque não é doença. Existem centenas de males que atacam os olhos, mas esse é pra gente grande (risos). Você cai e tem que se levantar. Estou me levantando, fazendo poesia, cordel, ouvindo muitos livros. Livros de domínio público, porque os livros novos ninguém pode botar na internet. Esses eu precisaria de alguém que lesse pra mim. Sinto saudades da leitura, de ter um livro na mão. Isso nunca mais terei.

Na Bíblia há muitos personagens cegos. Jesus vai lá, esfrega terra nos olhos do camarada e ordena: "Abra os olhos e veja!". Eu, hem? Não existe prova disso. Deus que me perdoe, eu blasfemando...

A cegueira está presente em todo canto, mas o cego é invisível, está na hora de o Brasil acordar, de as pessoas acordarem, de as pessoas serem mais doces com outras, as discriminações existem, meu Deus do céu! Quando cheguei a São Paulo, em 1976, pensei que era brincadeira quando gozavam da minha cara, do meu sotaque. Eu ria. Agora sei que era discriminação. Contar piada de cego, de aleijado, de nordestino, sempre teve... Agora é que a vaca tosse, que a barra pesa. Aconteceu aqui na minha casa mesmo. O camarada botou o pé na minha frente e saí catando coquinho, quase enfié a minha fuça na televisão. E esse era um amigo: "Ah, foi sem querer!". Um tempo antes fomos tomar um caldo de cana na feira aqui perto, ele se afastou, conversando não percebi que tinha tirado minha mão do ombro dele e de repente, pa! – dei com a cara no poste. Os óculos escuros me feriram. Por que isso, cara? Acontece, infelizmente acontece. Histórias incríveis, algumas até cabeludas, de que nem vale a pena falar.

A discriminação mata. Encolhe, deixa a gente pequenininho. Somos todos iguais perante a lei de Deus. E a dos homens também, tá lá na

Constituição. Todos os direitos para cegos e portadores de deficiências!

Após o jornal, falo com a Aninha e faço mais dois textos. Há dias em que faço até seis textos. Tudo por telefone, ditado. Mas eu dito rápido, com pontuação. Sai bonitinho. Faço poemas, gravo... Tenho um amigo, Darlan Zurc, intelectual, escritor, historiador e quadrinista, que grava pra mim, põe música e solta na internet. Aos sábados e domingos tenho outro companheiro, colaborador, o Carlos Silvio, que faz o programa *Paiaia* na web rádio Conectados... Minha rotina é essa. Às vezes vou a Portugal, Espanha, Roma, vou pra Rússia... Não quero nem saber, vou fazendo as minhas viagens.

Nessa pandemia, escrevi e publiquei quatro folhetos de cordel, que têm dados atualíssimos, até hoje. É como se fosse uma recontagem poética. Também concluí a adaptação para teatro de *Os Lusíadas*, de Camões. É uma ópera popular. Não divulguei isso ainda, mas está na hora de começar a falar, porque no ano que vem, 2022, vamos comemorar os 450 anos do lançamento da primeira edição de *Os Lusíadas* em Portugal. Está prontinha.

Estou também me envolvendo com a história de Maria Firmina dos Reis, que nasceu no Maranhão em 1822 e morreu cega, em 1917, na casa de uma amiga. Primeira professora negra no Brasil, primeira romancista e poeta a publicar

**J&Cia** – *Quais são os grandes cegos da nossa história?*

**Assis** – Estou muito bem acompanhado. Estou com Homero, Camões, Patativa do Assaré, Luiz Gonzaga (em 1961 ou 1962 ele perdeu a visão num acidente de carro no Rio de Janeiro), Maria Firmina dos Reis, Cego Sinfrônio, Cego Oliveira, Cego Aderaldo (foi o mais importante violonista, cantador e repentista cego que o Brasil já teve), Titulares do Ritmo, um grupo musical constituído só de cegos. Aliás, quero levar músicos como esses todos para o rádio, a televisão, fazer festivais de música, de literatura, de poesia de cegos. Ninguém fez! Por que não vou fazer? Fiz o maior encontro de repentistas do Brasil, mais de 100 deles. *Primeiro Campeonato Brasileiro de Poetas Repentistas*, em 1997, que rendeu um belíssimo CD duplo. Quero trazer à tona, à vida, as pessoas que estão escondidas, sem quererem. Há caminhos a trilhar. A cegueira não é o fim. Qualquer deficiência não pode ser o fim da pessoa. Até o corcunda de Notre Dame apaixonou-se por uma bela. Quer dizer, existe alma num corpo defeituoso. Há coisas boas também na memória de um cego. Aliás, Ulisses, lá na Odisseia de Homero, dizia: "No meu peito há um coração que suporta a dor". Então, há caminhos, e é esse que eu quero percorrer.



## A vida como tragédia e um cego por testemunha



Um caso atemporal  
 Eu agora vou contar  
 Ocorreu lá no Nordeste  
 Pegue lenço, é de chorar

Mas tudo logo mudou  
 Ao mudar o céu de cor  
 Com um tiro seco no ar  
 Antes de o sol se pôr

A poucos metros dali  
 Um coração jovem batia  
 Batia sem entender  
 O que ali ocorria

É um caso muito triste  
 Triste e recorrente:  
 Um tiro, um baque, um morto  
 Desse jeito, de repente

Após disparo feito  
 E o crime consumado  
 Um vulto misterioso  
 Desaparecia apressado

João só tinha um filho  
 De nome também João  
 Nascido de sete meses  
 Prematuro, sem visão

José criou os filhos  
 E as filhas que Deus lhe deu  
 Não foi tarefa fácil  
 Mas no fim ele venceu

Não é um caso comum  
 Mas é um caso presente  
 É do Nordeste profundo  
 Que bate fundo na gente

João era casado  
 E Maria a sua flor  
 Por ela fazia tudo  
 Tudo com muito amor

Antônio, pai de João  
 Era filho de José  
 Homem simples, trabalhador  
 Cidadão de boa fé

A seus filhos, seu José  
 Ensinou a caminhar  
 Devagar pra ir mais longe  
 Sem pressa, sem se cansar

O dia chegou bonito  
 Com cara de alegria  
 Muito sol, muito calor  
 E um quê de poesia

Naquele dia do tiro  
 Quando João no chão caía  
 Maria desesperada  
 Pra socorrê-lo corria

José, o vô de João  
 Tinha tudo que queria  
 Tinha paz e liberdade  
 Em casa só alegria

Brincando ele dizia  
 Acredite quem puder  
 "Quem se perde só se acha  
 No dia que Deus quiser"

Bela cena caseira:  
 Passarinhos pipilando  
 Uma mulher batendo roupa  
 E um bode besta berrando

Mas não havia mais tempo  
 E Maria, pobre Maria!  
 Sem nem mais um pingo de força  
 Sobre o marido morria

E não podia se queixar  
 Pois nada lhe faltava  
 O que plantava colhia  
 O que colhia plantava

E brincando também dizia  
 Que nem professor em ação  
 Que todo fim tem um começo  
 Na cartilha do Sertão

Naquele tempo tranquilo  
 Sem ter nada pra fazer  
 Seu José agradecia:  
 "Viva Deus por eu viver!"

Pra ele todo cego  
 Era um ser especial  
 Por saber de muita coisa  
 Fora do plano normal

Falava dos rabequeiros  
 Dos poetas de bancada  
 Dos tocadores de pife  
 E dos sambas de latada

Aquele menino cresceu  
 Estudou, virou artista  
 O seu nome é marca  
 E pauta pra jornalista

Um dia disse à mulher  
 "Vou no açude nadar  
 Mas logo, logo voltarei  
 Pra com você almoçar"

João falava ao filho  
 O filho menino João  
 Das histórias do avô  
 Das histórias do Sertão

Fora isso ele falava  
 Da cultura de brincar  
 Das histórias de Trancoso  
 Que as mães sabem contar

Já saiu em Veja e Time  
 No Jornalistas+Cia  
 No Washington Post, Le Monde  
 Na Folha e jornal O Dia

Despediu-se num abraço  
 Pegou o cavalo, correu  
 E antes do meio-dia  
 José afogado morreu

Histórias de muita morte  
 Histórias de Lampião  
 Histórias de quem reza  
 Pra chegar na salvação

Falava de fole e tambor  
 De xote, choro e chorão  
 O vô daquele menino  
 Plantava sonhos no chão

Já cantou em todo canto  
 Tocando o seu violão  
 O mundo ficou pequeno  
 Praquele menino João

Deixou muitas lembranças  
 Mil histórias pra contar  
 Seu José, avô de João  
 Era um cara singular

Falava bem da Igreja  
 Do Papa e Frei Damiano  
 Dos feitos do Padim Ciço  
 E dos dias de procissão

João ouvia tudo  
 E ouvindo ele via  
 Pela boca de seu pai  
 Pelos olhos de Maria

Mas ainda lá vai ele  
 Cumprindo sua missão  
 Cantando pra esquecer  
 Os pais mortos no chão

Gostava de Manelito  
 Tocador de violão  
 Um cego que enxergava  
 Muito além do coração

Seu José apreciava  
 Uma boa cantoria  
 Com cantador repentista  
 Cantando filosofia

Certa vez falou João  
 Ao pai querido, amado  
 Que um dia ele seria  
 Pelo mundo lembrado

A vida é desafio  
 Nas quebradas do Sertão  
 Há tempo alguém pergunta:  
 Quem matou o pai do João?



## Pode haver vida fora das mídias sociais

Não é uma decisão fácil abrir mão de milhões de seguidores nas mídias sociais, sobretudo para uma grife de moda ou uma celebridade do esporte.

Mas foi o que fizeram recentemente a Bottega Veneta, com quase três milhões de fãs no Instagram, e Thierry Henry, astro do futebol francês que tinha mais de 20 milhões no Twitter.

Os motivos que os levaram a desplugar das redes não foram os mesmos, embora o diretor de criação da marca italiana tenha alfinetado levemente o clima de discórdia nas redes ao anunciar a decisão, engrossando o coro dos que, como Henry, se dizem cansados de *bullying* online.

Razões à parte, o fato é que os movimentos de ambos sinalizam que pode haver vida fora das mídias sociais mesmo para quem depende de visibilidade e do engajamento de fãs para vender seus produtos ou sua imagem.

Isso vale para até para jornais, que desde o advento das redes

exclusivamente a cargo de seus embaixadores.

E substituiu as redes por uma revista própria. Até aí não tem muita novidade. Ela não é a primeira marca a fazer isso. [Masa Issued by Bottega está a anos-luz do modelo de revista-de-moda-digital, em que as páginas são folheadas na tela como no bom e velho papel.](#)

A revista, se é que se pode chamar assim, é uma combinação de imagens em movimento, sons e performances de artistas em que os produtos da grife fazem parte do contexto. Conteúdo feito sob medida para ser compartilhado pelos artistas envolvidos.

Esse não é um caminho para ser imitado por qualquer um. Nem todas as marcas contam com uma fã como a celebridade americana Kyllie Jenner, meia-ir-

passaram a contar com as plataformas para gerar tráfego e angariar assinantes. O exemplo mais notório é o do [Stuff, da Nova Zelândia, que ano passado saiu do Facebook e diz não se arrepender.](#)

### Thierry Henry: um protesto contra o racismo digital

No caso de Thierry Henry, [o](#)



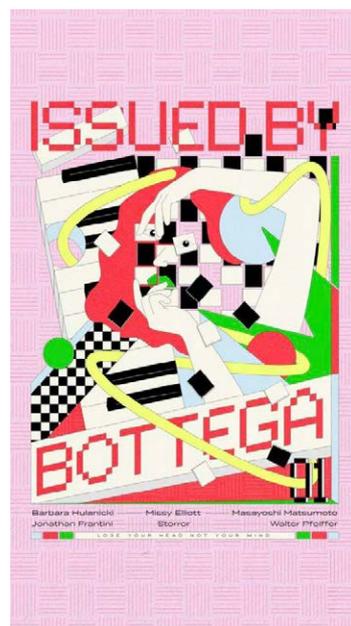
Thierry Henry

Foto: Entrevista à CNN

[fechamento das contas foi um protesto contra os ataques racistas](#), particularmente pesados para os jogadores de futebol não brancos atuando em times europeus. O francês, que atuou na seleção de seu país e virou técnico, foi duro contra o anonimato permitido pelas plataformas digitais.

E fez uma provocação. No tuite

mã de Kim Kardashian que virou uma máquina de fazer dinheiro e influência.



Kyllie adora a "BV". E um *post* dela para 200 milhões de seguidores não é nada desprezível. No entanto, há algo nesse jogo além dos números: a ideia de transmitir uma aura de exclusividade.

O discurso da Bottega Veneta ao anunciar a troca das mídias sociais por sua revista própria salientou o desejo de ser associada à individualidade, em contraste com a massificação das redes. Não é para qualquer um. Mas para algumas marcas pode fazer sentido.

### O futuro das revistas

A Issued By Bottega também não é um modelo a ser imitado por qualquer revista. A sofisticação da proposta e o investimento em uma edição com um elenco estelar de *designers*, fotógrafos, artistas plásticos e até uma *rapper* tornam o formato quase impos-

De Londres,  
Luciana Gurgel

em que anunciou o abandono das redes, sugeriu que as empresas de mídia digital passassem a aplicar aos que praticam o racismo online o mesmo rigor com que tratam os que infringem direitos autorais, removendo-os sem dó nem piedade.

### Bottega Veneta: da massificação para a individualidade

Já a Bottega Veneta, em que pese a esnobada nas mídias sociais feita por Daniel Lee, o jovem britânico que há três anos tornou-se diretor de criação da marca italiana, está simplesmente usando outro caminho para chegar ao mesmo lugar. Em vez de falar diretamente com os fãs em seus canais, deixou essa tarefa

sível de ser replicado por uma revista normal.

Mas, como aqueles protótipos de carros que só aparecem nas feiras de automóveis como referência para projetos na vida real, a ideia pode inspirar inovação em um setor castigado pela troca do meio impresso pelo digital. Quem sabe a moda lançada pela Bottega Veneta acabe pegando?

Leia também em MediaTalks by J&Cia sobre [liberdade de imprensa em Mianmar: militares bloqueiam internet e suspendem jornais](#). Inscreva-se em [mediatalks@jornalistasecia.com.br](mailto:mediatalks@jornalistasecia.com.br) para receber as newsletters MediaTalks trazendo notícias, pesquisas e tendências globais em jornalismo e mídias sociais.



## Produtora de Oprah adultera manchetes de jornais na entrevista de Harry & Meghan

■ Denúncia do Daily Telegraph mostrou que a Harpro, produtora de Oprah Winfrey, adulterou manchetes de jornais britânicos usadas para ilustrar a tese de racismo na imprensa do país,

envolvendo até trechos de publicações estrangeiras, na entrevista do príncipe Harry e Meghan Markle. O Daily Mail cobrou remoção, mas o advogado da Harpro declarou que

a produtora não vai retirar o conteúdo.

► Veja as manchetes adulteradas e a justificativa do advogado para manter o conteúdo no ar em [MediaTalks by J&Cia](#).



## Corrupção na imprensa é tema de julgamento do primeiro-ministro de Israel

■ Corrupção no Walla!, um dos principais sites de notícias de Israel, foi destaque no primeiro dia do julgamento de Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro do

país. O ex-CEO do veículo, Illan Yeshua, confirmou no tribunal as alegações da promotoria sobre troca de favores entre o primeiro-ministro e Shaul Elovitch, dono

do veículo, incluindo matérias negativas sobre adversários.

► Confira os detalhes do caso em [MediaTalks by J&Cia](#).



## Jornalistas caem em pegadinha da Volkswagen no Dia da Mentira, mas ação ganha críticas mundo afora

■ Ganhou as manchetes mundiais uma campanha feita pela Volkswagen para promover seu primeiro carro totalmente elétrico nos Estados Unidos, ao aproveitar o Dia da Mentira para uma pegadinha nos jornalistas. A empresa

anunciou a intenção de mudar seu nome para Voltswagen, em alusão à eletricidade. USA Today, Reuters e Associated Press publicaram a notícia, que chegou a ser confirmada pela assessoria de comunicação da empresa.

► Mas a ação gerou controvérsia, por ter confundido a imprensa, com repercussão inclusive no Brasil. Veja em [MediaTalks](#) como a história conseguiu ir tão longe, e quem descobriu que era um trote de 1º de abril.



## Comissão do governo britânico quer ir mais fundo contra racismo online

■ O relatório final de uma comissão independente formada pelo Governo britânico para combater a discriminação reconheceu o crescente racismo online e cobrou ações das plataformas digitais e do próprio governo sobre a questão. O documento, porém, foi alvo de críticas por ter negado a exis-

tência de racismo estrutural no Reino Unido.

► O texto recomenda também que não se use mais o termo *Bame* (*Black, Asian, and minority ethnic*), generalização que engloba todas as pessoas não brancas. O motivo é a diferença entre as realidades dos grupos. A comissão é presidida por Tony Sewell,

que zombou de homossexuais quando o primeiro jogador de futebol britânico assumiu-se gay. ► Leia mais em [MediaTalks by J&Cia](#) sobre a controvérsia envolvendo o relatório, o problema do racismo online apontado no documento e outras polêmicas em torno do tema no jornalismo britânico.



# PRESS ROOM

NEGÓCIOS PARA  
AGÊNCIAS  
VISIBILIDADE  
PARA CLIENTES

Hospedagem  
+ Design gráfico  
+ Suporte

Elabore press rooms  
e poste diretamente  
da plataforma l'Max.

**l'MAX**  
COMMUNICATE MORE

Orçamentos:  
11-3090-6119

## MEC finalmente reconhece Landell de Moura, mas erra feio ao narrar sua saga

Inclusão na série Conta pra Mim muda o status da trajetória do padre-cientista no País, mas informações incorretas podem comprometer a verdade histórica de sua saga

■ Após mais de uma década de luta para o reconhecimento oficial da obra e méritos do padre **Roberto Landell de Moura**, inventor do rádio, na História do Brasil, finalmente o MEC rendeu-se ao crescente movimento em prol da causa e deu vida à saga de Landell, com a inclusão da sua história na série infantil *Conta pra Mim*.

► O problema é que a obra recém-lançada contém vários

erros sobre acontecimentos e datas, comprometendo o próprio propósito de enaltecer o personagem. O mais grave é que, por ser o MEC a principal instância de educação do País, as informações que veicula acabam se tornando oficiais, o que, no caso, contraria toda a pesquisa, documentos e evidências reunidas ao longo de décadas por estudiosos e historiadores, entre eles o biógrafo **Hamilton**

**Almeida**, que já escreveu cinco obras sobre Landell, a mais recente ainda inédita.

► Outro aspecto importante é que a própria série, como um todo, vem sendo questionada de forma contundente por educadores, como mostra matéria da [PublishNews](#), de outubro passado.

► Especificamente no que se refere à narrativa sobre Landell, Hamilton Almeida escreveu para

Pioneiro mundial na transmissão da voz por ondas de rádio, Roberto Landell de Moura, o padre Landell, não recebeu apoio governamental e da sociedade para desenvolver e comercializar sua prodigiosa invenção. Nem com várias patentes nas mãos!

Mesmo injustiçado, teve a virtude de compreender os que não o compreendiam: "Aqueles que não compreendem bem uma razão científica não podem enquadrá-la em seu justo mérito (...) nem ajudar-me com recursos para prosseguir estudando e trabalhando...", declarou.

O que ele diria hoje se pudesse

ler um certo livro infantil do Ministério da Educação?

Certamente, ficaria feliz. E também muito infeliz.

Como é que é?

Melhor relatar os fatos desde o início. Em 2020, o MEC lançou o Programa Conta pra Mim para incentivar a leitura, reforçar os laços familiares e auxiliar o processo de alfabetização.

Trata-se de uma minibiblioteca, em formato digital, com obras de ficção, biografias, poesia, informativos e para bebês disponíveis para [download gratuitamente](#).

É possível ler online, imprimir

ou baixar uma versão em preto e branco para colorir. Dispõe também de uma série de vídeos com 20 fábulas de Monteiro Lobato narradas pelo cantor e compositor Toquinho, além de oito cantigas infantis, interpretadas pelo artista.

No final de março, dentro da série Biografias, colocaram no ar mais quatro volumes: as vidas de Anna Nery, irmãos Rebouças, Padre Landell e Carlos Chagas. Esses livros se somam a outros 40 títulos da coleção que promove a literacia familiar: a aprendizagem em casa, na convivência entre pais e filhos.



A inclusão do inventor do rádio nesta coletânea é pra lá de elogiável e merecida. O MEC o distingue, finalmente.

Aplausos!

A iniciativa coincide com os esforços em prol do reconhecimento oficial dos méritos científicos deste brasileiro, que vêm sendo empreendidos há mais de uma década por Jornalistas&Cia, Prefeitura de Porto Alegre, Correios, Futurecom, radioamadores, filatelistas, jornalistas, professores, engenheiros e outras tantas entidades e pessoas, incluindo este repórter que pesquisa a vida e as façanhas do sábio gaúcho há

40 anos e é autor de vários livros sobre o tema, um deles ainda inédito.

A difusão deste saber simboliza uma reversão na roda da injustiça? O gênio das telecomunicações está deixando de ser um personagem marginalizado na memória da civilização?

Não é bem assim. A publicação do MEC decepciona. Há erros crassos em seu conteúdo de apenas 12 páginas:

- Roberto Landell de Moura teve 13 e não 11 irmãos.
- É correto dizer que construiu um telefone aos 16 anos. Porém, não há nenhuma evidência de que tenha lido "um artigo em inglês sobre um dispositivo que

transmitia a voz". Também não é verdade que tenha mostrado o artefato ao seu professor, "que ficou admirado com o talento do aluno".

- Não há provas de que "em 1892 construiu um aparelho para a transmissão da voz humana, sem fio" e que "realizou a primeira transmissão pública" em 1894. Documentos revelam que o evento primordial aconteceu em 16 de julho de 1899. Pela lógica, os testes preliminares, privados e não públicos, ocorreram em um período próximo a essa data.
- A patente brasileira foi obtida em 9 de março de 1901 e não no dia 3 de março. A incorreção

é ilustrada com outro lapso: a imagem alterada de uma das figuras das patentes registradas nos EUA!

- Faleceu em 30 de junho de 1928 e não no dia 30 de julho.
- Não há uma linha sobre o destino do inventor e das invenções. Nem de que vislumbrou as comunicações interplanetárias, antes mesmo de o homem começar a voar, ou de que tenha sido alvo de alguma arbitrariedade: os seus aparelhos foram destruídos sob a acusação de que era "um padre que falava com o demônio".

Passa-se a informação, já contaminada de falhas, de que a sua carreira científica foi completa-

mente exitosa. Dá para compreender?

Vaias!

Resumo da ópera: assim se perde uma oportunidade de fazer História de uma forma bem feita!



Hamilton Almeida

## Jornalistas querem retomar direitos autorais monopolizados pelas empresas

O grupo Conteúdo Jornalístico tem Valor convoca profissionais a apoiarem PL em consulta pública

■ Está em consulta pública no Senado o Projeto de Lei 4255/20, de autoria do senador Ângelo Coronel (PSD-BA), que tem como objetivo regulamentar o pagamento pelas empresas de internet de conteúdos jornalísticos. Pelo teor da proposta, ele abre uma importante oportunidade para que os profissionais retomem direitos de autoria que foram monopolizados pelas empresas depois da edição da *Lei dos Direitos Autorais* (Lei 9610/1989). Desde então, as em-

presas jornalísticas adotam um documento denominado *Cessão de Direito Autoral*, pelo qual os jornalistas abrem mão da autoria de seus trabalhos.

► De acordo com o grupo *Conteúdo Jornalístico tem Valor*, um dos problemas do projeto de Coronel é que ele não deixa claro, por exemplo, o direito dos autores, e como os profissionais serão remunerados por sua produção intelectual. Para sanar pontos como este, um grupo de jornalistas empenhou-se em

produzir um [substitutivo ao texto original do projeto](#). Para garantir que o PL tramite na Casa, o movimento chama a categoria para [participar do apoio à proposição](#).

► Diretor da Associação Brasileira de Comunicação Pública (ABCPública), **Lincoln Macário**, que é um dos coordenadores do movimento, ao lado de **Fred Ghedini**, ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, conversou com **Kátia Moraes**, editora de J&Cia em Brasília, sobre os principais pontos



Lincoln Macário

**Jornalistas&Cia** – *Quais os principais pontos do substitutivo que vocês elaboraram ao PL 4255?*

**Lincoln Macário** – O aspecto mais importante é regular uma área em que reina a desregulação, visto que a LDA nunca foi clara e eficiente em garantir o reconhecimento de autoria e a remuneração adequada desse direito patrimonial a jornalistas. Também é importante destacar que nossa sugestão de substitutivo ao PL 4255/2020 busca ser simples e autoaplicável, aproveitando o potencial das tecnologias já existentes e largamente utilizadas pelas plataformas para

garantir seus lucros, mas nunca usadas para reparti-lo com justiça. Ressalte-se, ainda, o caráter progressivo da remuneração, incentivando a ação voluntária dos veículos e plataformas e encarecendo muito o desrespeito à lei. Por exemplo: se algum veículo publica parcialmente matéria, até metade do conteúdo original, com o devido reconhecimento de autoria, e paga sem a necessidade de notificação, a remuneração devida é de apenas 10% da monetização, metade para autor e metade para veículo original. Já se publica mais da metade, sem reconhecer autoria, necessitando de notificação, o valor devido

passa a ser 100% do monetizado. E em caso de judicialização pode chegar a 500%. Por esses mecanismos-fim o projeto objetiva garantir, além de segurança jurídica, a baixa judicialização das relações entre produtores de conteúdo jornalístico, veículos e plataformas. Outra vantagem é não deixar ninguém de fora do ecossistema regulatório, ao contrário do que se pensou para a chamada *Lei das Fake News*, que atingiria apenas as chamadas Big-Techs. Essas grandes empresas carecem de regulação específica, em razão do poder significativo de mercado, porém, não são apenas elas que têm lucrado com

a monetização de conteúdo jornalístico de terceiros, publicados sem o devido reconhecimento de autoria e a devida remuneração dos autores.

**J&Cia** – *Qual seria a expectativa de votação nas duas casas? O que espera da tramitação na Câmara? O lobby das empresas de comunicação e de internet é mais forte em qual das duas casas?*

**Macário** – Nossa expectativa é fazer avançar a tramitação primeiro no Senado, em respeito ao fato de os senadores terem demonstrado efetivamente entender a importância e a urgência da temática. Esse reconhecimento se dá especialmente em

relação ao autor do PL 4255, senador Ângelo Coronel, e ao líder da minoria, senador Jean Paul Prates. Além disso, o caminho no Senado é regimentalmente mais simples, e sua aprovação lá acelera a tramitação na Câmara. O lobby das empresas de comunicação é forte no Congresso como um todo; entretanto, acreditamos que todos os atores políticos, inclusive as empresas, compreenderão que se trata de uma saída engenhosa e justa para o problema do desrespeito ao direito de autoria e da não remuneração adequada de um trabalho fundamental para a sociedade.

**J&Cia** – *Se aprovado na inte-*

*gra, como o texto do substitutivo poderá reverter em benefícios reais para os jornalistas? Qual a expectativa de ganho acrescido ao salário?*

**Macário** – O acréscimo de renda vai depender não apenas de cada jornalista e sua produtividade mas também, e talvez principalmente, de como os demais elos da cadeia vão se comportar no curto, médio e longo prazos. Se vão aderir voluntariamente à regra ou se será necessário judicialização. O mais urgente é encarar o problema, estabelecer o mecanismo e, se necessário, fazer os ajustes para garantir justiça aos jornalistas.

**J&Cia** – *Se aprovado o projeto*

*e sancionado na íntegra, a cessão de direitos autorais cai? Passa a ser considerada letra morta?*

**Macário** – A cessão de direitos autorais pode continuar existindo nas plataformas analógicas. Porém, nas plataformas digitais, ela perderia o sentido.

**J&Cia** – *E os jornalistas que trabalham na área pública, também podem ser beneficiados pelo projeto?*

**Macário** – Os jornalistas da área pública serão diretamente beneficiados pelo reconhecimento da autoria, um direito que vem sendo constantemente desrespeitado. No texto não há previsão explícita de remuneração direta. O dinheiro seria destinado

a um fundo público gerido pelo Conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional, que poderia optar pela destinação direta ou pela aplicação difusa desses recursos, ou uma combinação de ambos. Uma ideia subjacente é destinar recursos para o fortalecimento das iniciativas de comunicação pública, tão atacadas recentemente e ainda tão negligenciadas em nosso país. Nós, os autores, não estamos completamente aferrados a esse aspecto. Estamos abertos ao debate e dispostos a construir outra redação que deixe mais claro se e como poderá ocorrer remuneração direta dos jornalistas do setor público.

## Jovem Pan estreia em maio canal de notícias para a TV

■ A rádio Jovem Pan anunciou a inauguração de um canal de notícias 24h para a TV, o 24: News

Jovem Pan, que estará disponível em pacotes de TV por assinatura em negociação, no YouTube, na

Fire TV (Amazon), na Pluto TV (ViacomCBS), e na [Panflix](#), streaming do Grupo Jovem Pan. A estreia está prevista para maio.

► A programação será composta por noticiário ao vivo: 16 horas de programas novos e oito horas de atrações já realizadas pela empresa, mas com visual e vinhetas repaginados, como *Jornal da Manhã*, *3 em 1*, *Pânico*, entre outros. Para o novo projeto, a empresa montou dois estúdios digitais, somando agora um total de seis, e contratou **Humberto Candil** para tocar o projeto.

► “Vai ser um canal novo, para competir com BandNews, Re-

cord News, CNN, Globo”, declarou **Antônio Augusto Amaral de Carvalho Filho**, o **Tutinha**, CEO da Jovem Pan. O empresário lembrou que a história de sua família está ligada à televisão: seu avô foi dono da Record TV, e seu pai foi responsável por programas como *Show do Dia 7*, *Esta Noite se Improvisa* e *Família Trapo*. “Sinto estar revivendo um pouco a história da minha família”, disse.

► Para monetizar a nova propriedade, a empresa pretende estabelecer maior presença multiplataforma, firmando-se como canal de TV e de internet.



## Troféu Audálio Dantas foi entregue nesta quarta-feira (7/4)

■ O **Troféu Audálio Dantas** foi entregue nesta quarta-feira (7/4), *Dia do Jornalista*, em cerimônia no [canal do YouTube da Oboré](#), organizadora da premiação. Com o lema Indignação, Coragem, Esperança, o evento agradeceu três profissionais de imprensa conhecidos pela dedicação na defesa da democracia, justiça, direito à informação e liberdade de

expressão: **Mara Régia di Perna**, **Luis Nassif** e **Jamil Chade**.

► O troféu foi concebido em julho de 2016 por iniciativa conjunta de Agência Sindical, Centro de Estudos de Mídia Alternativa Barão de Itararé e Oboré para homenagear **Audálio Dantas**. Com o falecimento dele, em 2018, passou a receber o seu nome para servir de referência

e estímulo para novas gerações de jornalistas, radialistas, de toda a gente da imprensa. Em 2020 foi entregue a **Patrícia Campos Mello**.

► Feito pelo artista plástico **Roger Mátua**, é baseado na imagem de São Jorge enfrentando o dragão, mas, em vez de uma lança, o santo empunha um microfone, e em seu capacete há uma câmera.



## Edição 2021 do Jatobá PR será lançada em 27 de abril

■ O Gecom – Grupo Empresarial de Comunicação marcou para 27 de abril, às 11 horas, pelo YouTube, o lançamento oficial da edição 2021 do **Prêmio Jatobá PR**, que está chegando à quinta edição, novamente com o apoio de **Abracom – Associação Brasileira das Agências de Comunicação**, **ABC Pública** e **I'Max**.

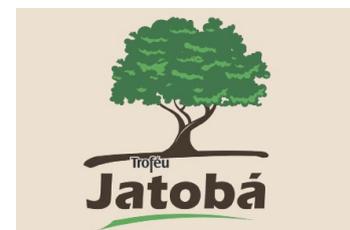
► Com uma estrutura muito semelhante à da edição de 2020, que passou a contemplar premiações também para empresas e instituições públicas, além das grandes agências e agências-butique, o **Jatobá PR** sofrerá alguns ajustes nas categorias com o objetivo de melhorar ainda mais

a competitividade e interesse do mercado.

► Em quatro anos de existência, o certame tornou-se referência para a comunicação corporativa, inicialmente para o segmento de agências, para o qual foram dedicadas com exclusividade as três primeiras edições, e desde o ano passado também para a comunicação pública e empresarial. No total, o certame já recebeu 592 inscrições, média de 148 inscrições por ano. O recorde foi em 2020, quando entraram em julgamento 195 **cases** pelos mais de 50 jurados. Em 2017, na primeira edição, concorreram 104 **cases**; em 2018, 151; e em 2019, 142.

**Banco de Cases – Estado da Arte**

■ O **Jatobá PR** é uma das únicas premiações no mundo que mantém um **Banco de Cases**, com o objetivo de democratizar o conhecimento, estimular as boas práticas e dar visibilidade à excelência profissional. Ali se concentra o chamado estado da arte das relações públicas no continente latino-americano, com os quase 600 trabalhos que competiram ao longo dos últimos quatro anos pelo **Troféu Jatobá PR**. Tudo aberto e inteiramente gratuito, podendo ser consultados por clientes, estudantes, professores e todos os demais interessados.



Outras informações com:

- **Decio Paes Manso** ([decio.manso@boxnet.com.br](mailto:decio.manso@boxnet.com.br) e 11-99608-0531)
- **Célia Radzvilaviez** ([celiar@megabrasil.com.br](mailto:celiar@megabrasil.com.br) e 11-98262-8898)
- **Eduardo Ribeiro** ([eduribeiro@jornalistasecia.com.br](mailto:eduribeiro@jornalistasecia.com.br) e 11-99689-2230)
- **Hélio Garcia** ([helio.garcia@bnewsonline.com.br](mailto:helio.garcia@bnewsonline.com.br) e 11-99166-2715)

## Congresso em Foco defende "impeachment já!" de Bolsonaro

■ O Congresso em Foco publicou em 31/3 o editorial [Chega de Bolsonaro, mortes e caos! Impeachment já!](#), no qual se manifesta pelo afastamento imediato de Jair Bolsonaro da Presidência da República. Reconhecido por dar espaço para opiniões de terceiros, o site escreveu que em poucas ocasiões publicou sua visão sobre acontecimentos.

► Em 2018, o CeF havia publicado outro editorial justamente após a vitória de Bolsonaro nas eleições presidenciais. O texto atual destaca que, à época, já "conhecia bem o personagem. O belicoso deputado federal foi muito bem pago pela população durante quase três décadas para oferecer

em troca praticamente nada além de shows midiáticos, sangria de dinheiro público e acusações criminais (essas últimas, infelizmente, jamais tratadas pelo Judiciário com o rigor que exigiam)".

► Por considerar o atual contexto pandêmico o mais grave desde o início da crise, o Congresso em Foco entendeu ser sua obrigação manifestar-se sobre a situação: "Isso nos impõe agora o dever

de externar um pensamento que os fatos confirmam mais e mais: o afastamento de Jair Messias Bolsonaro da Presidência da República é passo obrigatório e urgente para o País ter uma gestão minimamente eficaz da pandemia e afastar-se da insegurança jurídica causada por quem não tem limites para ameaçar a democracia, atentar contra a Constituição e transformar a nação num cemitério da racionalidade, da humanidade e do respeito ao outro".

► No texto, o site lançou as *hashtags* #ChegaDeMortes e #HoraDeJairEmbora, ao lado de uma imagem com uma seringa com onde está escrito "impeachment".



## STF suspende retirada de conteúdo e retratação da Folha de S.Paulo

■ A ministra Carmen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal (STF), suspendeu em 30/3 uma decisão que determinava a retirada de texto de checagem de fatos do site da Folha de S.Paulo e a publicação de uma retratação por parte do jornal. O conteúdo tratava da [verificação de um vídeo com falas do médico Drauzio Varella](#) sobre a pandemia, postado nas redes do senador Marcos Do Val

(Podemos-ES). A decisão havia sido proferida pelo juiz da 5ª Vara Cível de Vitória.

► Na checagem, feita pelo *Projeto Comprova* e divulgada na Folha, o vídeo foi considerado enganoso por sugerir, em tom irônico, que o médico minimizou os impactos da crise sanitária. O vídeo não informa que Varella veio a público admitir ter subestimado a doença e

esclarecer que tinha mudado de opinião.

► No pedido original, o senador exigiu também uma retratação por parte da Folha, negada pela ministra do STF. A defesa do jornal alegou que a publicação de uma retratação se utiliza da previsão legal para o direito de resposta, mas não se tratam dos mesmos institutos, gerando uma confusão que não poderia ser admitida pela

justiça. O processo continua para o julgamento dos recursos apresentados na segunda instância.



## Veículos do Grupo Globo promovem campanha Um Só Planeta

■ Editora Globo, Globo Condé Nast e rádio CBN promovem a campanha *Um só Planeta*, com o objetivo de estimular práticas sustentáveis e enfrentar as mudanças climáticas. Com a mensagem "O melhor jornalismo sobre o tema mais importante deste século", os veículos da organização sincronizam suas capas e conteúdos ao longo de abril com o tema sustentabilidade e incentivam uma produção de conteúdo mais ampla, profunda

e recorrente.

► As 19 marcas participantes são O Globo, Extra, Valor Econômico, Época, Época Negócios, Galileu, Marie Claire, Quem, Crescer, Casa e Jardim, Globo Rural, Pequenas Empresas & Grandes Negócios, AutoEsporte, TechTudo, Vogue, Casa Vogue, GQ, Glamour e CBN.

► A campanha lançou nesta terça-feira (6/4) uma nova interface para o [site do projeto](#), mais imersiva e visual, que reúne todos os

conteúdos sobre sustentabilidade dos veículos que integram *Um Só Planeta*. No site está o [manifesto da campanha](#), cujo texto foi também reproduzido em um vídeo de lançamento, com locução de **Rosana Jatobá**, apresentadora do *CBN Sustentabilidade*.

### Covering Climate Now

► Em virtude da importância da conscientização sobre mudanças climáticas, o MediaTalks by J&Cia, projeto deste Portal dos Jornalistas/Jornalistas&Cia, integrou-se

ao Covering Climate Now, rede de veículos comprometidos em melhorar a cobertura da imprensa sobre o clima. [Confira aqui o último artigo da iniciativa reproduzido pelo MediaTalks](#)



## Radar Aos Fatos passa a monitorar fake news que ameaçam a democracia

■ O Radar Aos Fatos, que identifica e denuncia conteúdos potencialmente enganosos nas redes sociais, intensificou em 1º de abril seu mapeamento em busca de notícias falsas que ameacem as instituições democráticas brasileiras.

► A atualização possibilitou que a ferramenta mapeasse conteúdos desinformativos que falem sobre ou que busquem disseminar *fake news* com cunho ameaçador à democracia. Para que isso se tornasse possível, foram incluí-

dos termos relacionados a nomes importantes dos três Poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) e temas-chave do processo democrático, como as eleições, a Constituição e a imprensa.

► Em outubro, uma [reporta-](#)

[gem](#) mostrou que nas eleições municipais de 2020, mais de 2.000 publicações com alegações falsas foram publicadas no WhatsApp e no Twitter, muitas vezes promovidas por políticos eleitos.

## EBC tem nova programação de rádio e telejornais locais em DF, RJ e SP

■ A TV Brasil tem desde 5/4 novos telejornais locais. Apresentados por **Giuliano Cartaxo**, em Brasília; **Munike Moret**, no Rio; e **Vivian Costa**, na capital paulista, os noticiários locais *Repórter DF*, *Repórter Rio* e *Repórter São Paulo* chegam à emissora com dicas de trânsito, previsão do tempo, *flashes* ao vivo e prestação de serviço. Com 15 minutos de duração, entram no ar de segunda a sexta, ao vivo, ao meio-dia, antecedendo o *Repórter Brasil Tarde*, apresentado por **Luiz Carlos Braga**, nos mesmos dias, às 12h15.

► Giuliano chega à TV Brasil após 14 anos na Rede Record, onde foi apresentador do programa *Balanço Geral* e do telejornal *DF no Ar*. Também Munike foi por vários anos da

Record, tendo passado, entre outros, pela reportagem *Fala Brasil, Jornal da Record e Domingo Espetacular*. Vivian, nascida e criada em São Paulo, passou por TV Cultura, SBT, RedeTV e RedeTV News.

► No radiojornalismo, com apresentação de **Monyke Castilho** e **Miguelzinho Martins**, o *Repórter Nacional*, da Rádio Nacional, também estreia novo formato, com transmissão simultânea, em rede, na Rádio Nacional, na TV Brasil e nas redes sociais. Ele faz um giro de 30 minutos pelo País de segunda a sexta-feira, às 7h30. **Sirlei Batista**, diretora de Jornalismo da EBC, ressalta que a simultaneidade em diferentes meios e plataformas amplia os acessos

de informações confiáveis à população: "A intenção é combinar as potencialidades do rádio e da televisão para oferecer conteúdo de qualidade ao público".

► O *Repórter Brasil Tarde* está com novo horário. O encontro com o público é às 12h15 e tem 45 minutos de duração, dez a mais que anteriormente. O telejornal noturno *Repórter Brasil* continua às 19h e também entrega mais dez minutos de informação ao público. Ele passa a contar com os comentários do professor **Ricardo Caldas**, especialista em economia e política. Caldas também participará do *Repórter Brasil Tarde*. O conteúdo será transmitido simultaneamente no canal da TV Brasil no YouTube.

■ Outra novidade por lá é a rees-

treia do *Sem Censura*, que esteve no ar por 35 anos. Apresentado por **Marina Machado**, será transmitido em rede nacional, com edições ao vivo dos estúdios de Brasília ou do Rio de Janeiro, às 21h30, com uma hora de duração. O presidente da EBC, **Glen Valente**, conta que, com essa programação, a expectativa é que a empresa conquiste novos públicos ao aprimorar a oferta de produções de qualidade em sinal aberto, aplicativos e redes sociais,



Marcello Casal Jr./Agência Brasil

## CPCT-USP faz nova pesquisa sobre a Covid-19 no trabalho dos comunicadores

■ O Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) realiza uma [nova pesquisa](#) para saber a situação de trabalho dos comunicadores brasileiros, passado um ano da chegada da Covid-19 ao Brasil.

► O estudo ocorre no momento em que crescem casos de pessoas infectadas e de vítimas fatais da doença no País. Além disso, ele será aplicado um ano após a realização da [investigação inicial](#), que diagnosticou o momento vivido por esses profissionais ainda no começo da pandemia.

► "Pelo modo totalmente errático com que o Governo Federal tratou e vem tratando a pandemia, nossa suspeita é a de que as condições

de trabalho dos comunicadores pioraram", afirma a professora **Roseli Figaro**, coordenadora do CPCT-USP. Na entrevista a seguir ela explica no que consiste a nova pesquisa.

**Jornalistas&Cia** – Por que a ideia de aplicar um novo estudo sobre a Covid-19 junto aos comunicadores?

**Roseli Figaro** – Passado um ano, queremos verificar nesse momento, em que o Brasil sofre com o agravamento cada vez maior da Covid-19, como está a situação de trabalho dos comunicadores. Eles, muitas vezes, a exemplo dos jornalistas, ocupam o pelotão de frente do combate à doença, ao assumirem o árduo papel de informar corretamente a sociedade sobre os riscos e tentar neutralizar as *fake news* e o negacionismo que infelizmente ainda perduram nessa terrível fase da doença.

**J&Cia** – Quem pode participar da pesquisa e como ela será realizada?

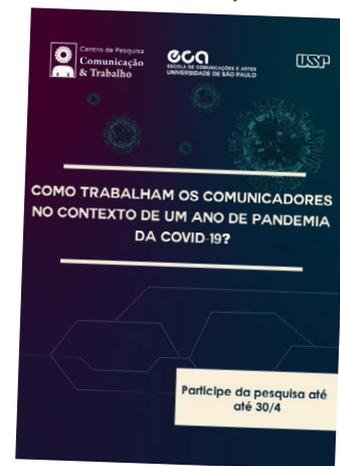
**Roseli** – A pesquisa é aberta a todos os profissionais da área da comunicação que atuam diariamente e com muita coragem para realizarem seus trabalhos nesse contexto da pandemia. Ela está sendo feita de maneira remota, por

meio de um [formulário online](#), que se encontra disponível em nosso site, e contamos com o apoio de diversas entidades parceiras, como a Fenaj, o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo e o próprio J&Cia, que já nos auxiliaram no primeiro estudo, em 2020. O formulário ficará disponível de 5 a 30 de abril, mesmo período em que aplicamos a pesquisa inicial, e poderá ser respondido de maneira anônima para preservar o sigilo dos respondentes.

**J&Cia** – O que se pode esperar dessa nova pesquisa?

**Roseli** – O estudo inicial do CPCT sobre o tema foi feito no começo do distanciamento social e reuniu 557 participantes de todo o País e do exterior. O relatório final evidenciou o aumento da jornada e do volume de trabalho, que tornou bem mais estressante a rotina dos comunicadores, obrigados a conciliar a profissão com os cuidados da casa e dos filhos. Havia ainda a sensação de cansaço sentida diariamente por esses trabalhadores, que tinham de usar, na maioria das vezes, seus próprios instrumentos para trabalhar, como computador, celular e conexão à internet. Agora em 2021, pelo modo totalmente errá-

tico com que o Governo Federal tratou e vem tratando a pandemia, cujos casos de contaminação e de mortes só vêm aumentando, nossa suspeita é a de que as condições de trabalho dos comunicadores pioraram, haja vista a grande quantidade de pessoas sem trabalho no País. Entender a situação desses trabalhadores, passado um ano da chegada da Covid-19 ao Brasil, ainda mais nesse momento de agravamento, pode auxiliar a diagnosticar os problemas advindos do quadro de precarização do trabalho e, a partir disso, cogitar possíveis alternativas para combater os graves impactos na área da comunicação.



Roseli Figaro

## Marcelo Molnar estreia coluna sobre inteligência artificial em J&Cia

■ O consultor **Marcelo Molnar**, sócio-diretor da Boxnet, estreia esta semana coluna quinzenal em J&Cia sobre o tema Inteligência Artificial. O objetivo é ensinar reflexões e o debate sobre os avanços que essa ciência e as atividades correlatas estão pro-

vocando no mundo das relações públicas, que, cada vez mais, busca caminhos de associar percepção e reputação com métricas, algoritmos e mensurações, trazendo para dentro da atividade a objetividade dos números e do chamado ROI – Retorno sobre

Investimento. Na coluna de estreia, abaixo, ele faz um rápido mergulho nas oportunidades que a Inteligência Artificial oferece e o quanto as pessoas precisam estar preparadas para encarar o desafio, que, para quem está de fora, não é tão feio quanto parece,



OFERECIMENTO  
**BOXNET**  
 DADOS CRIAM HISTÓRIAS

## Você está preparado?

A disponibilidade de grandes volumes de informações, a multiplicação das mais variadas fontes e a necessidade de entregar análises e resultados em intervalos de tempo cada vez menores impulsionaram o desenvolvimento de aplicações de Inteligência Artificial (IA). Usuários e consumidores cada vez mais exigentes, desconfiados e muitas vezes infelizes fazem a composição da sociedade atual. As instabilidades dos mercados exigem consistência na comunicação e profissionais preparados para fazer frente a esses novos desafios. Você está preparado?

De maneira simplificada, podemos dizer que a inteligência artificial é um sistema que toma decisões autônomas, simulando o funcionamento dos cérebros humanos. Isso inclui aprendizagem, raciocínio, resolução de problemas, compreensão da linguagem e percepção de uma situação ou ambiente. Muita coisa já foi desenvolvida e está à disposição do mercado de comunicação corporativa para apoiar os gestores em soluções que poderão fazer a diferença para a marca e para a própria estrutura de comunicação.

Assim como a internet mudou a estrutura da nossa sociedade, a inteligência artificial alterará o nosso comportamento. Todos os

modelos de negócios, processos de produção e oferta de produtos e serviços de comunicação serão impactados. As empresas terão de se apropriar das tecnologias, de novas ferramentas e utilizar todos os meios de interação com os públicos de seus clientes. Profissionais multitarefas já estão se preparando e se desenvolvendo para novas competências. Certamente o impacto destas novas tecnologias apresenta algumas ameaças, mas também infinitas oportunidades.

Quando olhamos para a comunicação de maneira global e estratégica, esperamos eficácia na excelência dos relacionamentos e na gestão do negócio. A comunicação corporativa atua nos processos da organização, bem como em seus desempenhos.

Contribui para a integração dos colaboradores e de suas lideranças. Controla as crises. Reflete na imagem empresarial, otimizando os serviços, aumentando a produtividade e, sobretudo, influencia os indicadores financeiros. Quando a comunicação falha, a empresa sofre.

Muitos líderes, gestores, profissionais e investidores começam a entender o poder da inteligência artificial nas empresas, principalmente na importância de traçar estratégias personalizadas de comunicação. O atual desafio é desenvolver uma forma de trabalharem em conjunto. Monitoramento da mídia tradicional, das redes sociais, desenvolvimento de algoritmos, de métricas, estruturas de SEO, exposição da marca, busca orgânica, campanhas,

audiência, confecção de releases, hashtag, conversão, blog post, taxas de retenção e rejeição, listas de e-mail, geração de leads, qualidade dos veículos, enfim, essas e muitas outras atividades, estão sendo transformadas com a aplicação da IA.

Em um mundo em que é difícil identificar o que é espontâneo, possuir informação de qualidade é fundamental para compreender cenários, mensurar resultados e planejar as ações. No entanto, o que vai mesmo determinar o sucesso da comunicação é o conteúdo. Repetir informações, replicar mensagens, copiar e colar textos, agir com base em código binário são especialidades dos robôs, mas, por enquanto, quando falamos de geração de conteúdo, não há no mundo máquina capaz de ter consciência e sentimentos como nós, humanos.

Os múltiplos investimentos estão aí, em inovações, tecnologias e novos serviços, buscando oferecer suporte e respostas há muito demandadas pelas áreas de RP. Uma rápida pesquisa poderá surpreender quanto às boas alternativas existentes. Então saiba que há inúmeros caminhos para avançar, pois o mercado já dispõe de alternativas para te apoiar nesse campo. Você define até onde quer ir.





Lara Pechir

### Minas Gerais

■ **Lara Braga Pechir**, analista de comunicação interna pleno, deixou a MRV, onde esteve por pouco mais de dois anos e meio, e agora é analista de comunicação na Progen S/A Vale.

### Rio de Janeiro

■ **Fabiane Fernandes**, profissional

de comunicação, deixou a instituição Memória da Eletricidade após cinco anos de casa. Ela também esteve por pouco mais de dois anos na Eletronuclear, onde começou como estagiária.

■ **Fernanda Venâncio**, assessora de imprensa na área de drama-



Fabiane Fernandes



Fernanda Venâncio

turgia, deixou a Rede Globo, após quase quatro anos de casa. Ela vem empreendendo desde setembro de 2020, como franqueada da Rede de Óticas Mercadão dos Óculos.

### Rio Grande do Sul

■ **Renata Silveira**, assessora de imprensa da Prefeitura de Porto

Alegre, deixou a instituição, onde atuou por um ano e quatro meses. Ela também atuou por quase três anos na assessoria de imprensa do Governo do Estado de São Paulo, entre 2016 e 2019, e esteve uma temporada na Câmara dos Deputados, em Brasília.



Renata Silveira

### São Paulo

## Novos contratados da RPMA

■ A RPMA Comunicação consolidou 11 contratações no primeiro trimestre deste ano. A área de gestão foi reforçada com as chegadas de **Lilian Cunha**, como diretora de atendimento de um núcleo de contas de Tecnologia e Nova Economia; e de **Michel Marechal**, que assumiu uma das gerências de atendimento da casa.

► **Marcelo Maruoka**, especialista

em metodologias ágeis para gestão de projetos, integrou-se ao time de gerentes de projetos.

► E chegaram para o time de atendimento de comunicação integrada **Anselmo Penha**, **Eduardo Ramos**, **Isabelle Leal**, **Priscila Zucas**, **Saulo Kurosaka** e **Thais Silva**, além de **Amanda Scarpeti** e **Melissa Castro**, que já havia trabalhado na agência.



Da esquerda para a direita, de cima para baixo: Amanda Scarpeti, Anselmo Penha, Michel Marechal, Isabelle Leal, Melissa Castro, Priscila Zucas, Thais Silva, Saulo Kurosaka, Marcelo Maruoka, Eduardo Ramos e Lilian Cunha

### E mais...

■ **Andrezza Queiroga** integrou-se ao time da Analítica, na função de consultora de comunicação. Ela deixou a In Press Porter Novelli, onde esteve por sete meses cuidando da conta

do Mercado Livre. Antes, foi por quase três anos executiva de atendimento da Nova PR.

■ **Bruna de Oliveira**, assessora de comunicação, deixou a Ketchum semanas atrás, após pouco mais de três anos de casa.

■ **Carla Escaleira** migrou para o setor corporativo. Estava na FSB há pouco mais de três anos como analista de comunicação e foi para a Assai Atacadista como assessora de imprensa e comunicação.

■ **Clara Marques** começou como executiva de atendimento do Grupo Locaweb na NR-7 Comunicação. Ela esteve anteriormente por seis meses na Time Comunicação.



Andrezza Queiroga



Bruna de Oliveira



Carla Escaleira



Clara Marques

■ **Claudia Menatto** deixou a OAS, onde atuou nos últimos dois anos como gerente de comunicação e assessoria de imprensa, e assumiu a gerência de comunicação e marketing do Grupo Encalço Damha. Na OAS foi responsável por comunicar à imprensa o acordo de leniência e a saída da recuperação judicial da empresa, além de realizar o novo *branding* da marca para Metha. No novo trabalho, cuidará do marketing B2C da Damha e de todo o endomarketing do

Grupo Encalço. Claudia também já esteve em Claro, Accenture e Editora Abril. Os contatos dela são 11-99844-2013 e [claudia.menatto@grupoencalco.com.br](mailto:claudia.menatto@grupoencalco.com.br).

■ **Elder Purgato**, executivo de atendimento, deixou a Seven PR após rápida passagem, e foi para a Lu Barbosa Assessoria, como assessor de imprensa para contas de influenciadores e artistas do ramo musical.

■ **Giovanna Paz Barreiros**, que concluiu recentemente estágio de um ano e meio em RP na Elec-

trolux, foi contratada pela Hill & Knowlton Brasil como executiva júnior de contas.

■ **Guy Gandelman**, executivo de contas sênior, deixou a Fala Criativa e foi para a XCom na mesma função. Ele também esteve anteriormente na Misasi e na Ogilvy Brasi.

■ **Jovanka De Genova** despediu-se da Aberje após quase 17 anos e começou como gerente de Educação na IAB Brasil, entidade que tem o objetivo de desenvolver a publicidade digital no

Brasil. Na Aberje, atuava como especialista de comunicação e patrocínios, apoios e parcerias.



Guy Gandelman



Claudia Menatto



Elder Purgato



Giovanna Barreiros



Jovanka De Genova



Kaike Rezende



Leila Melo



Lucia Faria



Maria Izabel Guimarães

■ **Kaike Rezende**, executivo de atendimento na Pineapple Hub, deixou a agência e foi para aGo-2Go Solutions, como executivo de RP e Marketing Digital. Ele também já foi de 4 PR Influence, Seven PR e RP1.

■ **Leila Melo**, ex-gerente de comunicação na Porta-Voz, onde esteve por cerca de sete anos e meio, começou recentemente gerente de comunicação e PR na Global Vision Acess – Tourism Marketing and Communication.

■ **Lucia Faria**, diretora na LF & Cia Comunicação Integrada, assumiu a diretoria de comunicação

da [Associação dos Profissionais de Propaganda](#), na gestão recém-eleita que tem [Silvio Soledade](#) como presidente. O mandato é de dois anos.

■ **Maria Izabel Guimarães** deixou a FSB pela Ideal H+K Strategies. Esteve na primeira como coordenadora por pouco mais de dois anos e chega à Ideal na função de gerente. Ela foi da comunicação da IBM por quase dez anos.

■ **Mayara Oliveira**, ex-MSLGroup e Ideal H+K Strategies, começou há algumas semanas como analista de comunicação externa na Mondelez International.



Mayara Oliveira



Murilo Afini

■ **Murilo Afini**, gerente de relações públicas e comunicação, saiu da NR-7 Comunicação, onde esteve por sete meses. Ele

foi por quase quatro anos e meio gerente de marketing para entretenimento da Royal Caribbean International.



Priscila Silva

■ **Priscila Silva**, diretora de atendimento de saúde e finanças, deixou a Ketchum, onde esteve por um ano e quatro meses, até dezembro, e algumas semanas depois começou na MSL Brasil, como gerente de atendimento. Ela também já esteve em Máquina Cohn & Wolfe, Textual e G&A Comunicação.

■ **Renato Santana de Jesus** despediu-se da Tamer após um ano de casa e integrou-se à equipe da Imagem Corporativa, contratado como analista de comunicação sênior. Ele também já foi por mais de quatro anos da comunicação da Associação Comercial de São Paulo.

■ **Tainah Fernandes**, executiva de atendimento, despediu-se da



Renato Santana

SevenPR após rápida passagem pela agência e foi contratada pela Pineapple Hub.

**Entrou em licença-maternidade**

■ **Roseanne Café Peixoto**, diretora de contas na Golin, em São Paulo, na agência desde janeiro de 2017.

**Dança das contas**

■ A Paris Condomínios é o novo cliente da Vervi Assessoria. Outras informações pelo site [www.pariscondominios.com.br](http://www.pariscondominios.com.br) ou 11-3228-4455.

■ A F2 Conteúdo é a nova assessoria de imprensa da Invest Tech, gestora de investimentos focada



Tainah Fernandes

em fundos de Venture Capital e Private Equity. Outras informações com **Fábio Barros** ([fbarros@f2conteuudo.com.br](mailto:fbarros@f2conteuudo.com.br) e 11-97310-7767) ou **Fernanda Angelo** ([fangelo@](mailto:fangelo@) e 11-99619-7749).

■ A Sherlock Communications lançou o **Sherlock SEO**, departamento especializado na otimização de mecanismos de buscas, sob a liderança de **Stella Ferreira**.

■ A Agência Salvador Neto Comunicação Estratégica, de Florianópolis, passa a ser denominada SN Consultoria e Mentoria. O foco serão as pessoas, os profissionais que buscam inovação e realinhamento de carreira, os jovens em primeiro emprego, as pessoas que precisam se preparar para o futuro



Roseanne Peixoto

que já chegou. Informações pelo [contato@salvadorneto.org](mailto:contato@salvadorneto.org) ou no [www.salvadorneto.org](http://www.salvadorneto.org).

■ A Timerman conquistou a conta da ONG Friendship Circle São Paulo, criada em 1994 nos EUA e que tem por objetivo promover a inclusão social de crianças e jovens com deficiência intelectual e suas famílias. Informações com **Camila Alcântara** ([camila@timerman.com.br](mailto:camila@timerman.com.br)).

■ A Arabella celebra a chegada de mais três clientes: Ampliva e Molzi, que atuam com foco em soluções tecnológicas e performance, e W.IN, clínica de criopreservação de óvulos, todas também clientes da agência de publicidade *always on*.

■ **Francisco Barros** ([francisco@interativacomunica.com.br](mailto:francisco@interativacomunica.com.br)), que há 26 anos dirige em Goiânia a Interativa Comunicação, enviou a J&Cia uma colaboração sobre o *Dia do Jornalista*:

**O que é jornalismo?**

É dúvida.  
É questionamento.  
É inquietação.  
É provocação.  
É precisão.  
É oposição.  
É cutucar o poder com vara curta.  
É contrapoder.  
É quarto-poder.  
É revelar com quantos paus se faz uma canoa.  
É demolir certezas arraigadas.  
É ouvir, mais que falar.  
É tentar traduzir o real.  
É objetividade.  
É texto enxuto.

É clareza.  
É crítica.  
É concisão da linguagem.  
É imagem.  
É interpretação.  
É discernimento.  
É pergunta bem formulada.  
É pergunta bem articulada.  
É ação.  
É emoção.  
É apuração.  
É exclusiva.  
É coletiva.  
É on.  
É off.  
É olho.  
É faro.

É fato.  
É fala.  
É foto.  
É furo.  
É fonte.  
É fundamentação.  
É argumentação.  
É opinião.  
É investigação.  
É novidade.  
É agilidade.  
É *deadline*.  
É *link*.  
É *like*.  
É interação.  
É angulação.  
É mediação.  
É prestação de serviço.  
É isto e aquilo.

É bússola em meio ao cipoal de números.  
É *news* que não é *fake*; porque se é *fake* não é *news*.  
É pluralidade de falas.  
É olhar o entorno, não o umbigo.  
É escavação (de dados).  
É dedicação.  
É entrega.  
É cachaça.  
É pauta.  
É sangue nos olhos.  
É destemor.  
É malícia.  
É perícia.  
É exposição.  
É articulação.



Francisco Barros

É desinibição.  
É independência.  
É transparência.  
É modernidade.  
É triunfo.  
É tragédia.  
É morte.  
É vida (em toda sua dimensão).  
É luta contra a tirania do tempo.  
É a inteligência quando alça voo nas asas da liberdade.



PRECIO  
SIDADES  
do Acervo  
ASSIS  
ÂNGELO

## O folhetim no jornalismo brasileiro

Por Assis Ângelo

O italiano naturalizado brasileiro Libero Badaró nasceu cem anos antes da primeira repórter do País, a mineira de Juiz de Fora **Eugênia Brandão**.

O primeiro jornal impresso no Brasil foi a Gazeta do Rio de Janeiro, cujo responsável era o baiano de Salvador Manuel Ferreira de Araújo Guimarães.

Ferreira Guimarães foi também responsável pelo jornal O Patriota, fundado em janeiro ou fevereiro de 1813 e extinto em dezembro do ano seguinte. Era um jornal dinâmico, com notícias da atualidade e artigos científicos e de arte.

Os jornais eram publicados com periodicidades diferentes Brasil afora. Todos de pequena tiragem, até porque à época era baixíssimo o nível de pessoas alfabetizadas. Algo em torno de 3% da população. Mas pra ganhar leitores, tudo era tentado. Tinha jornal de gracejo, jornal político, jornal econômico. De tudo.

Em 1836, o escritor francês Honoré de Balzac (1799-1850) tornava-se pioneiro na imprensa de seu país ao publicar o que ficaria conhecido como "romance de folhetim".

Somente ali pelo fim do século é que os jornais começaram a virar empresas e apostar no talento de profissionais que iam às ruas em busca de notícia. O pioneiro nessa nova fase dos jornais foi o carioca **João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto**, ou **João do Rio**.



Eugênia Brandão

Em 1838, ano da morte de Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, Alexandre Dumas (1802-1870) lançava quase simultaneamente na França e no Brasil o folhetim *O capitão Paulo*.

O Jornal do Commercio foi o escolhido para publicar o romance de Dumas.

Folhetim era o espaço ocupado num jornal por histórias inventadas, criada por seus autores, como os já referidos Balzac e Dumas.

O curioso nisso tudo, e para gáudio dos editores, é que o folhetim "pegou".

O primeiro autor brasileiro a publicar "romance de folhetim" foi Joaquim Manuel de Macedo, em 1844.

O sucesso desses romances crescia à medida que os escritores se tornavam também redatores, presença fixa nas redações.

José de Alencar, Machado de Assis e tantos e tantos escritores nacionais começaram a carreira como "folhetinistas".

Parte dessa história é contada num dos livros do jornalista e historiador **José Ramos Tinhorão**, *Os romances em folhetins no Brasil* (Livraria Duas Cidades, 1994).

João do Rio foi, a rigor, o primeiro repórter da Imprensa brasileira. E a repórter, Eugênia Brandão (1898-1948).

Eugênia começou na imprensa carioca em 1914. Rapidamente ficou conhecida pelas reportagens que publicava no jornal A Rua. Entusiasmado, o editor **Viriato Correia** tentou criar o feminino de repórter, chamando-a de reportista. Não "pegou".

A vida de Eugênia ficou atribulada quando ela se casou com o poeta Álvaro Moreyra (1888-1964). Sua casa era frequentada por **Carlos Drummond de Andrade**, Vinicius de Moraes e até Luís Carlos Prestes.

Levada ao comunismo por **Carlos Lacerda**, a repórter chegou a ser presa por agentes do governo Vargas, e ter como companheira de grade Olga Benário, mulher de Prestes.

Além de Eugênia, outras mulheres ganharam destaque ao fundar pequenos jornais e mantê-los com conteúdo de poemas e textos variados. **Narcisa Amália** e **Maria Firmina dos Reis** foram algumas dessas mulheres.

Narcisa inventou o quinzenal O Gazetinha, no Rio. No Maranhão, Maria Firmina dos Reis foi a primeira mulher a publicar um romance e a ter textos publicados nos jornais locais. Morreu cega, aos 95 anos, em 1917.

Num ano qualquer dos 1970 publiquei no jornal Correio da Paraíba, do qual fui editor de Local, o folhetim *Obsessão de um rapaz de olhos míopes*. Mas essa é outra história.

Contatos pelos [assisangelo@uol.com.br](mailto:assisangelo@uol.com.br), <http://assisangelo.blogspot.com>, 11-3661-4561 e 11-985-490-333.

## O dote de jacitara

Araúê vivia o fim da adolescência na sua aldeia, no alto Catrimani. Aprendera tudo muito bem. Caçava com astúcia, pescava com esperteza e era de grande ajuda no suprimento de carne para abastecer a mesa da família. Já estava pronto para casar. Engraçou-se por Cariaí, da sua idade,

que já via seu corpo de menina ir tomando forma de corpo de mulher. O rapaz criou coragem, declarou-se e para seu espanto a cunhã-pucá pediu-lhe apenas um presente. Explicou-lhe o que queria e nos próximos 15 dias ele largou tudo para atender sua amada. No dia em que os

Por Plínio Vicente ([pvsilva42@gmail.com](mailto:pvsilva42@gmail.com)), especial para J&Cia

país se reuniram para anunciar o casamento, lá veio Araúê com a prenda: uma **pacará** bem colorida, magnificamente

**Pacará** – [Do tupi.] – Substantivo masculino – 1. Bras. Amaz. Cesta redonda, de várias cores, tecida de palha de palmeira. (Aurélio).



(\*) Plínio Vicente é editor de Opinião, Economia e Mundo do diário Roraima em tempo, em Boa Vista, para onde se mudou em 1984. Foi chefe de Reportagem do Estadão e dedica-se a ensinar aos focas a arte de escrever histórias em apenas 700 caracteres, incluindo os espaços.

## Sudeste

## O adeus a Henrique Neves e Gloriete Treviso, vítimas de Covid-19

■ Após mais de um mês intubado em decorrência da Covid-19, **Henrique Flávio Neves** faleceu em 4/4, aos 50 anos, em São Paulo. Com passagens por Record TV e Fox Sports, ao lado de **Luiz Guerrero** e **Lucas Litvay** ele fundou e comandava desde 2016 a Ali Produções, especializada em criação de conteúdo audiovisual para o mercado automotivo.

► Internado desde 20 de fevereiro na UTI, Henrique foi intubado

três dias mais tarde. Desde então, vinha sendo submetido a diversos tratamentos. Em 16 de março, após uma traqueostomia, teve ligeira melhora, mas não o suficiente para reverter a gravidade de seu quadro clínico.

► A notícia de sua morte foi confirmada no início da tarde de domingo pelo sócio Lucas, que vinha mantendo jornalistas e assessores informados sobre o caso. "Você foi um exemplo de amigo, de homem, de empreendedor, de sócio. Jamais vou esquecer, Henrique Flávio Neves! Descanse em paz, meu amigo", destacou.

► Pela Ali, Henrique participou de diversos projetos capitaneados pela Jornalistas Editora. Em 2020, em decorrência da pandemia, a produtora foi responsável por levar do ambiente físico para o

digital as cerimônias dos prêmios [+Admirados da Imprensa Automotiva](#) e [+Admirados da Imprensa de Economia](#). Ambas as cerimônias, disponíveis no YouTube, foram extremamente elogiadas pelo público, jornalistas homenageados e empresas patrocinadoras.

■ **Gloriete Treviso** foi outra vítima dessa cruel doença, tendo morrido em 2/4, aos 67 anos. Nos anos 1980, foi uma consagrada repórter da TV Globo, onde permaneceu por anos, com coberturas que marcaram a história do telejornalismo brasileiro. Depois de deixar a televisão, abriu uma empresa de comunicação que levava seu nome e foi assessora parlamentar na Assembleia Legislativa de São Paulo. Foi casada com o jornalista esportivo **Tonico Duarte** e deixou dois filhos.

► Sobre ela, Tonico escreveu no Face: "Quando a peste começou, vi uma entrevista em que um cientista fazia a advertência: chegará o dia em que números virarão nomes. Para mim, o dia foi essa sexta-feira, e o nome, Gloriete Treviso. Ela me ajudou a criar a Joana e tivemos juntos dois meninos, Guilherme e Bruno. RIP."



Gloriete Treviso



Henrique Neves

## Vaivém-SP

■ Após quatro anos e meio como assistente de Comunicação do Hospital Premier, **Ruam Oliveira** ([ruam@porvir.org](mailto:ruam@porvir.org)) deixou no final de março a instituição e começou nesta semana como repórter de Educação do site Porvir. Jornalista com pós-graduação em Jornalismo Científico e Divulgação Científica, Ruam é um dos fundadores do Banco de Talentos Negros, projeto que conta com o apoio deste J&Cia e



Ruam Oliveira

que tem como objetivo divulgar currículos de profissionais negros para aumentar a diversidade em redações e agências de Comunicação.

■ Após 20 anos na CBN, **Fabiola Cidral** deixou a emissora e foi para o UOL, onde conduzirá um projeto multimídia ainda em fase de criação. Ex-titular do *CBN São Paulo*, Fabiola conquistou ao longo da carreira algumas importantes premiações, como o *CNT de Jornalismo* e a categoria

*Variedades*, da Associação Paulista dos Críticos de Arte.

## Curta-SP

■ O Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da ECA/USP, lançou a segunda fase da pesquisa sobre o impacto da Covid-19 entre os comunicadores. A ideia é ouvir, através do [fórum](#), repórteres, editores, locutores, assessores de imprensa e outras funções relacionadas à comunicação de um modo geral.

## SP-Interior

## Bombeiro assume autoria de incêndio a sede de jornal em Olímpia

■ A Delegacia de Polícia de Olímpia, no norte de São Paulo, divulgou em 1º/4 o nome do sus-

peito de [incendiar a sede do jornal Folha da Região](#). Claudio José de Azevedo Assis, integrante do Corpo de Bombeiros da cidade, confessou ter atestado fogo no sobrado onde também vive o dono do veículo, **José Antônio Arantes**. O crime ocorreu na madrugada de 17 de março.

► O militar apresentou-se espontaneamente à delegacia na tarde de 31/3, quando, segundo autoridades, assumiu a autoria do incêndio. A polícia civil já suspeitava que o ato teria sido

uma resposta ao posicionamento do jornal em defesa de medidas científicas e legais para enfrentar a pandemia de Covid-19.

► Leticia Kleim, assistente jurídica da Abraji, que monitora alertas de ataques à liberdade de expressão, afirma que o caso chama atenção para como as campanhas de estigmatização contra a imprensa, protagonizadas pelo poder público federal, podem resultar em ataques ainda mais graves, que colocam em risco a vida e integridade física dos jornalistas, além de ameaçarem

o ambiente democrático. (Com informações da [Abraji](#))

## E mais...

■ A regional ABCD do Sindicato dos Jornalistas de SP protocolou na manhã do dia 31/3 um ofício dirigido à direção do Diário do Grande ABC notificando a empresa sobre o estado de greve dos profissionais da redação. A decisão foi tomada em assembleia geral extraordinária com a participação de cerca de 25 jornalistas da publicação.



## Grupo Globo vende a Som Livre para a Sony Music

■ Fundada pela TV Globo para o lançamento e divulgação de trilhas sonoras das novelas da emissora, a gravadora Som Livre, em tempos de *streaming*, foi vendida para a Sony Music por um valor não revelado. O mercado especula que a transação deve girar em torno de 250 milhões de dólares.

► Som Livre completou 50 anos em 2019. **João Araújo**, um dos principais executivos da música brasileira (e pai de Cazuzu), foi

chamado para montar a empresa. Responsável por administrar a carreira de nomes da história da música brasileira como Djavan, Novos Baianos e Rita Lee, a Som Livre tem agora Marília Mendonça e Wesley Safadão entre os contratados.

► Desde o segundo semestre de 2020 – conforme a página Memória Globo – a Som Livre deixou de ter interesse para o Grupo, que abriu um estudo da venda da empresa. **Marcelo Soares** assumiu a

direção da gravadora em 2011. Acumulou, em 2015, a direção do SGR (Sistema Globo de Rádio), até o Grupo encerrar, em 2020, as atividades da rádio Globo em rede, mantendo apenas uma emissora no Rio de Janeiro, quando Soares voltou a dirigir apenas a gravadora.

► A partir de agora, a Som Livre será um “centro criativo autônomo” dentro da Sony Music, ainda comandado por Soares. Do ponto de vista da Sony, interessa, além do portfólio da empresa, o rela-

cionamento que já existe entre Som Livre e a distribuidora The Orchard, conforme **Rob Stringer**, *chairman* do Sony Music Group, [informou em comunicado](#).



Marcelo Soares

### Registro-RJ

## Causa ambiental perde Vilmar Berna

■ **Vilmar Berna** morreu em 2/4, aos 64 anos, de pneumonia decorrente de Covid-19. Deixou viúva, filhos, netos e uma legião de amigos e admiradores.

► Teve uma infância difícil. Gaúcho de Porto Alegre, o pai transfere-

riu-se com os filhos para Brasília, como candango que participou da construção da nova capital e, mais tarde, foi para Niterói, onde deixou os filhos em abrigos como o da Febem. Vilmar nunca mais saiu de Niterói e morava ultimamente em Jurujuba.

► Militante de primeira hora, nos anos 1980, participou da fundação de ONGs dedicadas ao meio ambiente, como a Univerde, em São Gonçalo, e, no Rio, a Defensores da Terra, que presidiu por seis anos. Durante oito anos, trabalhou com Carlos

Minc, deputado federal (PSB). Criou um dos primeiros veículos a dedicar-se exclusivamente à pauta ambiental no Brasil, o Jornal do Meio Ambiente. Com a chegada da internet, criou a Rede Brasileira de Informação Ambiental (Rebia). Foi editor do jornal Defensor da Natureza. Escreveu 18 livros sobre a causa ambiental, os primeiros deles à mão. Fez parte da direção do Sindicato dos Jornalistas do Estado por três mandatos.

► Em 1999, recebeu o *Prêmio Global 500* da ONU, entregue em cerimônia no Japão pelo

imperador Akihito. Não estavam previstas falas dos premiados, mas Berna, após receber o prêmio, fez um discurso sobre a política japonesa de caça às baleias. Os organizadores do evento quiseram impedi-lo de continuar, mas Akihito não o deixou interromper a fala, chamou seu intérprete e disse que iria se informar sobre aqueles dados. Berna foi o terceiro brasileiro a receber a premiação, ao lado de ícones como o seringueiro **Chico Mendes** e o sociólogo Herbert de Souza, o **Betinho**.

Vilmar Berna



### Curtas-RJ



Pagê

## Camiseta de apoio à ABI

■ ABI tem uma nova forma de apoio a sua causa. Camiseta com charge de **Paulo Caruso** – e que aqui aparece vestida por **Paulo Jeronimo**, presidente da entidade – pode ser comprada por R\$ 120, nos tamanhos M, G e GG. Pedidos pelo [campanha@abi.org.br](#).

## Cláudio Uchôa e Sabrina Conceição debatem o jornalismo esportivo

■ Nesta quinta-feira (8/4), às 15h, o jornalista e narrador **Cláudio Uchôa** e a coordenadora de eventos **Sabrina Conceição**, ambos do SporTV, são os convidados do encontro promovido pela Veiga de Almeida (UVA). A transmissão será pelo canal CasaCom Conecta no Youtube

e a participação é gratuita. Mas é preciso inscrever-se pelo [Sympla](#). ► Sob o tema *Treino é treino, jogo é jogo – na quadra ou no campo, sempre tem Jornalismo Esportivo*, eles discutem os rumos do segmento nestes novos tempos. A mediação é do ex-aluno **Fábio Peixoto**, hoje repórter da Record TV.

■ A Abraji emitiu nota condenando os ataques à repórter **Marla Bermudes**, da TV Vitória, afiliada da Rede Record no Espírito Santo. Ela vem sendo ameaçada, hostilizada e alvo de uma campanha para desqualificá-la depois

que a deputada federal Carla Zambelli (PSL-SP) compartilhou vídeo acusando os jornalistas de “manipulação e fazer de cemitérios estúdios de gravação”. [Confira o caso](#).

5ª Edição  
em tempos  
de pandemia

**Aberje Trends**  
Tendências em Comunicação

5 a 8 e 27 a 29 de abril de 2021 | ONLINE

## A importância dos jornais de bairro em BH para a comunidade

■ A tradicional capital mineira, fundada em 1897, teve seu crescimento acima do esperado, que era até os limites da avenida do Contorno. Conta hoje com quase quinhentos bairros, divi-



► Andrea afirma que o veículo tornou-se uma referência, com anúncios de lojas próximas, colunas de pessoas do bairro (um dos colunistas até se tornou vereador), anúncios públicos da Prefeitura de BH, além de outras notícias relevantes. O jornal também é responsável por divulgar matérias de segurança pública, mobilidade urbana, saúde pública e locais de lazer públicos também, como a manutenção de praças, demonstrando mais ainda a importância do jornal de bairro.

► "O meu jornal é todo feito com sugestões de moradores, interagindo pelas redes sociais, mandando perguntas sobre a região. Eu acredito que a tendência seja esses veículos crescerem, mesmo os impressos", afirma Andrea.

► Questionada sobre o crescimento do digital em detrimento do impresso, a editora conta que até gostaria de mudar para o digital, mesmo porque teria uma relação custo-benefício melhor, mas diz que isso não é possível, pois muitos moradores são idosos. Mirna Morais (40), leitora do jornal do bairro Sagrada Família, também ressalta a necessidade do impresso: "Eu gosto do jornal online, mas acho bem importante o jornal impresso para quem tem hábito de leitura. Não descarto a necessidade dele. É importante em todos os sentidos,

**JORNAL DO**  
**Buritis**

didos por regionais. Como toda cidade grande, é praticamente impossível para veículos de comunicação conseguirem abranger todas as notícias relevantes de cada bairro. Sendo assim, os jornais de bairro desempenham importante papel para a população local.

► Não existe estatística oficial sobre quantos jornais de bairros circulam em Belo Horizonte. No bairro Sagrada Família, o mais populoso da capital, por exemplo, circula desde 2013 o jornal O Sagrada, iniciativa de **Andrea Silva**, atual editora responsável, mesmo já havendo outro veículo de comunicação impresso na região. Andrea enxergava o po-

segurança, na questão da pandemia, apresenta sempre alguma reportagem importante para nós, não só pela informação, mas por estar mais perto da comunidade".

► Já no bairro Buritis, o maior de Belo Horizonte, com 50 mil moradores, circula o Jornal do Buritis, com 17 anos de circulação e mais de 12 mil exemplares disponíveis. O repórter **Tiago Rios**, na função há seis anos, diz que o que levou à criação do jornal foi a necessidade de mostrar o que é benéfico na região e não só problemas, como o trânsito, antes muito pautado na grande mídia. Dessa forma, segundo ele, o veículo foi capaz de conquistar o carinho do público. Tiago reforça que o Jornal do Buritis expandiu-se para as redes sociais,

tencial da região, por ser grande e tradicional. Ela projetou um jornal não vinculado a associação de bairro e que fosse de assuntos mais gerais, com notícias e artigos heterogêneos, tendo como base central o Sagrada Família.



como Instagram e Facebook, tendo perto de 12 mil seguidores.

► Apesar de afirmar que existe uma luta para não deixar de existir o impresso, considera muito grande a tendência de migração para o digital: "A tendência mundial é essa, mas o esforço total é para isso não ocorrer, porque conseguimos ver o tanto que o jornal impresso é importante. A gente vê como as pessoas gostam. É difícil responder a essa pergunta, porque o futuro e o dia a dia é que definirão".

► Por fim, ressalta a importância do morador como um dos pautados no jornal e presente em colunas, como de advocacia, e acrescenta que estão sempre abertos e próximos da população.

## Sindicato dos Jornalistas cobra de empresas medidas de proteção contra a Covid

■ Devido ao agravamento da situação da pandemia da Covid-19, Belo Horizonte decretou a onda roxa, assim como muitas outras cidades e também outras capitais. Pesquisa realizada pelo Departamento de Saúde, Previdência e Segurança da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) comprovou que os profissionais da imprensa estão entre as princi-

pais vítimas da Covid-19. Por isso, o Sindicato dos Jornalistas de Minas reforçou a necessidade de empenho por parte das empresas de comunicação em realizarem os procedimentos sanitários corretos de forma sistemática para conter o avanço do contágio. O Sindicato informou que "já recebeu denúncias de surtos em emissoras da capital e pede

aos jornalistas que, caso estejam ocorrendo irregularidades em seu ambiente de trabalho, procurem a entidade".

### E mais...

■ A Zoom Comunicação programou curso de dez aulas sobre Assessoria de Imprensa, com turmas para as datas de 26/4 a 7/5 e 21/6 a 1º/7, que proporciona o

desenvolvimento de habilidades teóricas e práticas não oferecidas pelos cursos de Jornalismo. Ele será ministrado por **Admilson Resende**, sócio-diretor da Zoom e com experiência de 26 anos no mercado da comunicação. Inscrições pelo [site](mailto:contato@zoomcomunicacao.com.br). Mais informações pelo [contato@zoomcomunicacao.com.br](mailto:contato@zoomcomunicacao.com.br) ou 31-2511-3111.

## Centro-Oeste

### O adeus ao fotógrafo Alain Barki e a Manu Santos, jornalista e produtor cultural em Brasília

Referência do fotojornalismo, morreu em 4/4 em Brasília **Alain Barki**, aos 74 anos. Ele estava internado há oito dias em UTI para tratar um câncer recém-descoberto. Barki foi um dos fundadores do Lente Cultural Coletivo Fotográfico em Brasília, em 2009, que reúne trabalhos fotográficos com olhar cultural em diversas frentes de atuação. Ultimamente, trabalhava em projetos com o sobrinho Marcelo Barki, entre eles, uma coletânea de fotos a ser publicada em livro, além de um site e uma exposição. "Agora, sozinho, vou dar continuidade ao sonho dele", diz Marcelo. "Vai ter livro, site, exposição. Não consigo falar em data, mas as ideias vão se concretizar".

Brasília

Nas redes sociais, amigos, colegas de profissão e familiares prestaram homenagem ao profissional que marcou a história da fotografia na Capital Federal: "Amigas e amigos, é com muita tristeza que registramos a passagem do querido amigo **Alain Barki**. Sempre pulsou alegria, garra e fotografia. Agradecemos o tempo que nos foi possível estar ao seu lado e conviver com suas ideias e sabedoria." – **Eraldo Peres**, produtor cultural, fotógrafo e jornalista e um dos parceiros de Barki na fundação do coletivo

"Hoje partiu meu querido amigo **Alain Barki**. Desde os anos 70 ele brincava de não saber se eu era 'sua filha mais velha' ou 'a irmã mais nova'. Partiu sem chegarmos a uma conclusão. **Alain** teve um câncer e renasceu para outra vida. Muita luz meu querido amigo, pai, irmão!." – **Valéria Machado Colela**.

"Era muito bem-humorado, muito sagaz, esperto. E, ao mesmo tempo, muito recolhido também. Era um fotógrafo provocador, uma fotografia menos

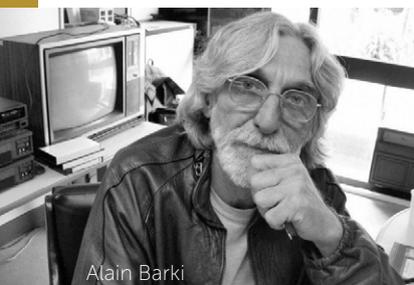
óbvia, que precisava de mais interpretação." – **Zuleika de Souza**, Correio Braziliense

"Gostava de fotografar coisas bonitas. Sempre fazia fotos bonitas, lúdicas, que tinham uma visão positiva de quem ele estava fotografando." – **Juan Pratgines-tós**, fotógrafo

"Um cara que gostava de ficar sozinho, mas isso não o impedia de se dar bem com todo mundo. Éramos amigos de vida, daqueles que não precisamos encontrar sempre pra saber que contamos um com o outro. Perdi um amigo muito querido, um companheiro de farra na juventude e um irmão. Os flashes agora são em outro plano, mas sua luz continuará aqui iluminando a todos nós, que o amávamos." – **Beth Nardelli**

No domingo (4/4) morreu o jornalista e produtor cultural **Manu Santos**, aos 41 anos. Ele estava internado no hospital Santa Lúcia para tratar um câncer. Trabalhava no portal Desfrute Cultural, de dicas gastronômicas e de passeios em Brasília, que publicou a nota: "Nosso queri-

do e amado Manu partiu hoje. Grande amigo e irmão, com sua personalidade marcante e potente, humor irreverente, alegria e felicidade contagiante deixa a todos nós com muitas saudades. Trilhou um caminho lindo em terras candangas, agitador e entusiasta da cultura, com suas ricas palavras expandiu horizontes da música instrumental à cultura popular. Então hoje é o dia de festa no céu e para quem fica vamos celebrar todas as alegrias vividas ao lado desse grande homem. Você vai fazer uma falta imensa para nós, mas sempre seguirá conosco".



Ana Carolina Leite

Alain Barki



Manu Santos

#### E mais...

O site do Sindicato dos Jornalistas do DF publicou nessa terça-feira (6/4) texto em que a Frente em Defesa da EBC e da Comunicação Pública critica o anúncio oficial de que a TV Brasil exibirá a novela *Os 10 mandamentos*, produzida e veiculada diversas vezes na Rede Record. Segundo a entidade, a medida representa uma afronta à Lei 11.652/2008, que criou a EBC, determinando nos objetivos da empresa pública que "é vedada qualquer forma de proselitismo na programação das emissoras públicas de radiodifusão". E enfatiza que esse licenciamento "fere os princípios, previstos na lei, da complementaridade entre os sistemas privado, público e estatal, visto que a novela já foi exibida

em emissora comercial; da promoção do acesso à informação por meio da pluralidade de fontes de produção e distribuição do conteúdo; e do estímulo à produção regional e independente".

Em 2014, o extinto Conselho Curador da EBC garantia a participação popular na empresa e instituiu uma faixa da diversidade religiosa após audiência e consulta pública sobre o tema, inovando a discussão sobre pluralidade e diversidade de crença no País. Para a Frente, a exibição da novela bíblica, com a visão específica de uma igreja, vai contra todos esses princípios de tolerância e de respeito à diversidade religiosa que, no próprio cristianismo, é muito mais amplo que uma única linha do segmento evangélico.

Ainda segundo a nota, pelo contrato publicado no Diário Oficial da União o pagamento efetivado para a exibição da produção foi de R\$ 3,2 milhões, e levanta suspeitas sobre possíveis favorecimentos a determinados grupos, pois foi feito sem licitação ou qualquer tipo de concorrência pública: "Esperamos que o MPF tome as providências necessárias, investigue e solicite as devidas punições para os responsáveis por irregularidades".

O Sindicato também notificou na última semana, por duas vezes, o Conselho Federal de Química sobre as irregularidades constantes no edital que pretende selecionar candidatos para diversos cargos, incluindo o de Analista Superior em Comu-

nicação Social. O concurso não exige dos candidatos formação específica em Jornalismo para o exercício das atividades descritas no edital, que correspondem às atribuições da atividade profissional regulamentada. A entidade alerta, ainda, que a carga horária especificada, de 40 horas semanais, fere a legislação que regulamenta a profissão.

O juiz João Luiz Zorzo, da 15ª Vara Cível de Brasília, condenou o ex-deputado Wladimir Costa (Solidariedade-PA), acusado de assédio sexual e ofensas proferidas a **Basília Rodrigues** em 2017, a indenizar a profissional em R\$ 15 mil por danos morais. O valor é acrescido de correções e do pagamento dos honorários advocatícios da defesa da jornalista.

Basília entrou com queixa-crime

no STF em 2017, alegando que o político disse que mostraria o "corpo inteiro" a ela ao ser perguntado se poderia exibir uma suposta tatuagem com o sobrenome do ex-presidente Michel Temer (MDB). À época, ela era repórter da CBN e fazia a cobertura da votação na Câmara dos Deputados que

suspendeu a denúncia por corrupção passiva apresentada pela PGR contra Temer. No episódio, Costa teve destaque no noticiário por ter sido um dos maiores apoiadores do ex-presidente. Entre os atos simbólicos está a suposta tatuagem que fez no braço com o nome do político.

► Procurada pelo Poder360, Brasília, que atua desde 2020 como comentarista de Política na CNN Brasil, preferiu não comentar a condenação do ex-parlamentar.

■ A Agência Senado lançou perfil no Instagram (@agenciasenado) para divulgar sua produção fotojornalística. A intenção é oferecer informação de qualidade, privilegiando o material visual gratuito

e de excelência produzido diariamente pela equipe de repórteres fotográficos da Agência. "O Senado é a segunda instituição pública com mais seguidores no Instagram, somando 1,7 milhão de pessoas. Mas podemos aprimorar", ressaltou **Érica Ceolin**, diretora da Secretaria de Comunicação do Senado. ► A Agência Senado produz anualmente 500 mil fotos das atividades do Senado e do Congresso Nacional. Desse total, 120 mil abastecem o acervo histórico da instituição e ficam disponíveis para pesquisas, a pedido dos cidadãos. Pouco mais de 40 mil são disponibilizadas para *download* com legenda e em alta resolução na página Senado Fotos e no Flickr.

Vaivém-DF

■ **Lauriberto Pompeu** é o novo repórter da sucursal Brasília de O Estado de S. Paulo. Ele foi *trainee* no próprio Estadão e na Folha de S. Paulo e ultimamente estava no Congresso em Foco, depois de passagem pelo Poder 360. Pompeu é filho de **Lauriberto Braga**, correspondente deste J&Cia no Ceará.



Lauriberto Pompeu



Wladimir e Basília

Sérgio Lima/Poder360 e Divulgação/CNN Brasil

## Sul

■ **Rogério Amaral** é o novo contratado do serviço do Poa Streaming, que deve estreiar em 12 de abril. Ele apresentará um programa sobre esportes, ao lado de **Barbosa Júnior** e **Hugo Laroque**. Amaral continuará trabalhando também na RDC TV, onde ancora o *Virando o jogo*.

■ **Alberto Meneguzzi** está de volta ao rádio de Caxias do Sul e região serrana. O reencontro será na Rádio Caxias, na qual apresentará o programa *Acredita*, projeto próprio que vai ao ar aos domin-

(\*) Com o portal [Coletiva.Net](http://Coletiva.Net)

gos, ao vivo, das 8h às 10h. A linha editorial do programa abrange os segmentos de saúde e bem-estar, gastronomia e alimentação saudável, direito, espiritualidade, empreendedorismo, iniciativas sociais e de voluntariado, cultura, eventos, turismo, esportes, entre outros. Ele esteve ausente dos microfones entre 2017 e 2020, quando foi vereador de Caxias do Sul.

### Comunicação Corporativa-RS

■ A agência Martha Becker reforçou sua equipe com os re-

tornos de **Luciane Echevarria**, que assume a coordenação de Comunicação Digital, e do publicitário **Matheus Mattos**. Luciana volta à casa após 15 anos. Nesse período, esteve por 13 na TV Record RS, onde atuou como chefe de Reportagem e produtora de conteúdo. Ex-estagiário, Matheus retorna após dois anos na Severo Garage. Mais detalhes no [Coletiva.net](http://Coletiva.net).

### Curta-RS

■ **Marino Boeira** lançou o livro *Brizola e Eu*, obra que se passa

durante a ditadura militar e que mistura realidade e ficção. O romance conta a história do jornalista **Márcio Garcia**, criado pelo autor, e do político Leonel Brizola, no início, governador do Rio Grande do Sul e, depois, exilado político. O livro foi baseado em uma pesquisa sobre a trajetória do político gaúcho, e mostra como era Porto Alegre nos anos 1960. A capa é de **Renata Rubim**, com apresentação de **Vera Spolidoro** e prefácio de **Dinah Lemos**. O livro está disponível na [Kotter Editorial](http://KotterEditorial).

## Jornal ND vê "motivos para comemorar" no dia em que Joinville chega a mil mortos pela Covid-19

■ Um dia depois de Joinville registrar sua milésima morte por [Covid-19](http://Covid-19), a grande repercussão na cidade do norte-catarinense foi a capa de sexta-feira (2/4) do jornal ND. Abaixo do número total de mortos (1.005) e de casos recuperados (70.865), o jornal trazia uma mensagem de otimismo, que ignorava o tamanho da tragédia: "Temos motivos para comemorar".

► No texto não assinado na página 3, o jornal seguiu con-

temporizando a marca simbólica: "Contudo, o cenário também pode ser visto de forma positiva, pois mais de 70 mil pessoas contraíram a doença e estão recuperadas", destacou o texto, publicado ao lado da foto de um bebê de sete meses, a vítima mais jovem de Covid-19 na cidade. "O cenário em uma pandemia geralmente é de caos. O número elevado de mortes todos os dias assusta e, muitas vezes, deixa a população em pânico. Mas há

formas de enxergar o problema positivamente", completa.

► Após a péssima repercussão do caso, o ND publicou um editorial em sua edição de sábado (3/4), em que justificou seu posicionamento, porém sem reconhecer ter cometido um erro. O que houve, na visão do jornal, foi um problema de interpretação dos leitores. "A citação 'comemorar', que ganhou destaque na capa da edição, foi interpretada de forma equivocada em relação à marca



das 1.005 mortes registradas no município. Os dados se misturaram, já que a matéria principal do jornal digital é clara em relação aos casos de pacientes que consideram um milagre sair da UTI", diz o texto. (Com informações de **Maurício Stycer**, para o [Splash](http://Splash))

## Nordeste

### Centenário, Jornal do Commercio encerra edição impressa

■ O Jornal do Commercio, de Pernambuco, é mais um dos tradicionais jornais brasileiros a anunciar o fim de sua versão impressa. A publicação, que comemorou 102 anos no último sábado (3/4), anunciou que dedicará seus esforços a

partir de agora exclusivamente à [plataforma digital](#).

▶ É a segunda grande publicação do Nordeste, onde o JC chegou a ocupar a liderança em circulação, a tomar essa decisão apenas neste começo de 2021. Em fevereiro, o Sistema Verdes Mares, do Ceará, já

havia [comunicado ao mercado](#) o fim da versão impressa do Diário do Nordeste.

▶ Ainda não há informações sobre cortes na redação, mas vale lembrar que em dezembro o Sistema Jornal do Commercio, que edita a publicação, [demitiu mais de 20 jornalistas](#).

▶ Em [comunicado publicado no site do JC](#), **João Carlos Paes Mendonça**, presidente do grupo, alegou a dificuldade na circulação do papel, agravada pelas questões sanitárias, como motivo para antecipar uma mudança que já estava prestes a acontecer,

■ A rádio O Povo-CBN AM estreia na próxima segunda-feira (12/4) *O Povo no Rádio*, das 9h às 11h, tendo o diretor da emissora **Jocélio Leal** como âncora. O programa terá reapresentação aos sábados. Jocélio promete mais repórteres nas ruas de Fortaleza.

■ **Wilson Zanini**, que atuava no Gabinete do Governo do Ceará,

morreu aos 48 anos no domingo de Páscoa (4/4). Zanini, que era pernambucano, mas formado em Jornalismo na UFC, perdeu o controle do carro, capotou e veio a óbito.

■ Mais três radialistas cearenses morreram por causa da Covid-19: **Queiroz Ribeiro**, que teve passagens em emissoras de rádio de

Fortaleza e Caucaia e estava ultimamente na TV Metrópole, de Caucaia; **Will Nogueira**, aos 60 anos, que trabalhou nas rádios Iracema AM 1.300 e FM 93 e nas TVs Ceará e Diário; e **Cid Ferreira Sombra**, de emissoras radiofônicas de Russas.

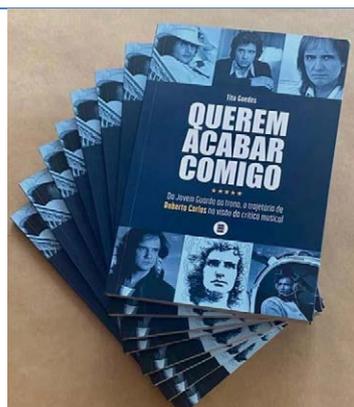
■ Curaram-se da Covid-19 os radialistas **Moésio Loiola**, **Fran Júnior** e **Alano Maia**.



Queiroz Ribeiro

Will Nogueira

(\*) Colaboração de Lauriberto Braga ([lauribertobraga@gmail.com](mailto:lauribertobraga@gmail.com) e 85-991-393-235), com Rendah Mkt&Com ([contato@rendah.com.br](mailto:contato@rendah.com.br) e 85-3231-4239).



### Tito Guedes celebra os 80 anos de Roberto Carlos

■ Quando Roberto Carlos completar 80 anos, em 19/4, **Tito Guedes** lança *Querem acabar comigo*, pela editora Máquina de Livros. Pesquisador formado pela UFF em Estudos de Mídia, o autor apresenta a trajetória de Roberto Carlos sob a ótica da crítica musical, como uma homenagem ao Rei.

▶ O prefácio é de **Arthur Dapieve**,

que conhece muito a crítica musical, e o projeto gráfico é de **Bruno Drummond**. A propósito: Tito é filho de **Octavio Guedes**, comentarista da GloboNews.

▶ Além do livro impresso, no site da editora e na Amazon, e que chega às livrarias, o e-book também está disponível em 20 plataformas digitais, como Google Books, Kobo, Apple Books e



Tito Guedes

### Comunicação corporativa vira ficção em romance de L. F. Brandão

■ **Luiz Fernando Brandão** lança *Para o bem ou para o mal*, pela editora Gryphus. Na ficção, três personagens que nunca se conheceram têm histórias de vida

que vão se cruzar para fazer na Índia um acerto de contas com o destino. O prefácio é de **Washington Olivetto**.



L.F. Brandão

▶ O autor fez carreira como executivo de comunicação em empresas como Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, Shell e Aracruz. Em paralelo, traduziu para o português obras de autores como Edgar Allan Poe e Vladimir Nabokov. Tem diversos artigos publicados sobre comunicação. Além disso, é instrutor de ioga, graduado em Mumbai, na Índia.

▶ Ele comenta: "Atuei durante quase 30 anos no mundo corporativo e por esse tempo todo minha veia de escritor ficou adormecida. Agora, sinto-me à vontade para mesclar ficção e realidade e trazer ao público reflexões sobre alguns dos di-

lemas que vivemos, na pele de três protagonistas, para o bem ou para o mal".

E mais...

■ Já está disponível o livro [O Outro Lado da Máscara: Como ser relevante na comunicação e no marketing em um mundo pós-pandemia](#), que discute os impactos da Covid-19 no mundo da Comunicação. Organizada e editada por **Sulamita Mendes**, a obra foi escrita por especialistas no tema, como **Patrícia Piana Presas**, **Luciana Salgado**, **Claudio Stringari**, **Adriane Werner**, **Fabiolla Mendes** e **Francinne Weffort**. O prefácio é de **Pyr Marcondes**.

## Norte

Em entrevista no último dia 31/3 ao apresentador **Edivan Farias** e ao repórter **Adriano Fernandes**, do portal Repórter das Comunidades, **Wilson Reis**, presidente do Sindicato dos Jornalistas do Amazonas, e **Lauristela Rocha**, que atua na Secretaria de Imprensa e Divulgação da entidade, comentaram sobre as ações desenvolvidas pelo Sindicato neste momento da pandemia do coronavírus no Amazonas, em especial na capital, Manaus. Reis falou sobre as ações que o SJAM tem tomado em prol da categoria diante da Covid-19.

► "Tivemos problemas na TV Encontro das Águas com inúmeros casos da Covid-19 entre os profissionais. Pedimos à direção

da empresa explicações e providências sobre essa situação. A necessidade de reduzir e limitar o trabalho das equipes de externa, pois as empresas não podem se tornar propagadoras desse vírus e os profissionais, ao mesmo tempo, não podem ficar expostos e contrair o vírus", afirmou.

► Ele também informou que até março foram registradas 16 mortes de jornalistas no Amazonas em decorrência das complicações da Covid-19, o que é muito preocupante para a categoria.

► Lauristela Rocha opinou sobre *fake news*: "Alguns empresários de portais que não são jornalistas têm tido a preocupação em contratar jornalistas de fato e de direito, profissionais legi-

timados. Quem ganha com a profissionalização dos portais é o internauta, com notícias que são devidamente apuradas. Esses empresários geram empregos, o que também é importante para a categoria. Infelizmente, quem espalha *fake news* tem a intenção de destruir o próximo".

► A Revista Cenarium, de **Paula Litaiff**, terá sucursal em Brasília. A ideia é acompanhar e fiscalizar projetos e ações que envolvem os Estados da Amazônia Brasileira nas esferas dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

► A representação da revista também vai atuar nas redes sociais da Capital Federal, levando notícias de Manaus e de outras capitais da Amazônia para o de-

bate no Congresso e no Palácio do Planalto.

► Cenarium está presente nas plataformas online, impressa e na webtv. No Amazonas, a agência é parceira da TV Cultura Brasil.



Paula Litaiff

(Com a colaboração de **Chris Reis**, da coluna Bastidores – [chrisreis05@gmail.com](mailto:chrisreis05@gmail.com))



**Griffo** – A agência paraense Griffo Comunicação completa nesta quarta-feira (7/4) 40 anos de criação. "É com muito orgulho que no dia 7 de abril completamos 40 anos de fundação. Durante os próximos 12 meses, vamos usar o nosso selo comemorativo de um marco especial para todos nós da Griffo Comunicação", informa a página da agência no Facebook.

**Sinjor-PA** – O Sindicato dos Jornalistas do Pará preparou para este 7 de abril, *Dia do Jornalista*, uma *live* especial para debater o *Jornalismo na Linha de Frente da*

*Pandemia*, com as participações de **Vito Gemaque** (presidente da entidade), **Fabiano Vilella** (repórter de rede da TV Globo), **Raimundo Paccó** (fotógrafo *freelance* das agências Estado e FramePhoto) e a médica infectologista **Rita Medeiros**. A mediação é de **Ana Lúcia Prado**, professora do curso de Comunicação da UFPA e jornalista. Transmissão às 20h, no YouTube do Sinjor-PA.

**Poraquê** – **Luis Fernando Machado** estreou no YouTube um canal chamado *Poraquê*. Todas as quintas-feiras o canal vai destacar o universo científico e os



Luis Fernando Machado

saberes dos povos tradicionais na Amazônia. [Confira!](#)

**Arfoc** – A Associação de Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Estado de São Paulo (Arfoc-SP) inaugura em 12 de abril [em seu site](#) a 15ª *Mostra Anual*

de *Fotojornalismo Arfoc-SP*. Os fotógrafos paraenses **André Penner** e **Tarso Sarraf** e o acreano **Raimundo Paccó** estão entre os participantes.

(Com a colaboração de **Dedé Mesquita** – [dedemesquita@gmail.com](mailto:dedemesquita@gmail.com))

## Amazônia em imagens



FOTO: DAVID ALVES/UMA LEDTAM

Porto de Moz, região sudoeste do Pará – Foto de **David Alves**

## Folha de S.Paulo e ACNUR inscrevem para oficina de cobertura de refugiados

■ A Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) e a Folha de S.Paulo promoverão uma oficina sobre questões relacionadas à situação de refugiados no Brasil, apresentando conceitos, dados, fontes de informações e exemplos práticos da construção de matérias relacionadas ao tema. A oficina será realizada nesta quinta-feira (8/4), em formato virtual, via Teams, às 18 horas.

► Participarão **Luiz Fernando Godinho**, oficial de comunicação da ACNUR; **Fabiano Maisonnave**, repórter da Folha em Manaus;

**Camila Geralfo**, gestora de comunidade da ONG AVSI; e **Mariuz Mariano**, indígena da etnia Warao, promotora voluntária de



informações aos venezuelanos.

► Na oficina, a ACNUR trará algumas referências para a construção responsável de conteúdos humanitários e apresentará um calendário de pautas que a imprensa poderá explorar em 2021, tendo como base o *Guia de Cobertura Jornalística Humanitária* da entidade.

► A oficina tem, ao todo, 50 vagas. Para inscrever-se, é preciso preencher este [formulário](#). Serão selecionados, preferencialmente, profissionais e estudantes que atuem na Região Norte do País.

## Oficina de jornalismo investigativo na área de alimentação aceita inscrições até 9/4

■ Estão abertas as inscrições para a segunda edição da oficina de jornalismo investigativo na área de alimentação, promovida pela ACT Promoção da Saúde e pelo site O Joio e o Trigo, em parceria com a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji).

► O principal tema do treina-

mento será como empresas que fabricam produtos causadores de doenças crônicas estão lucrando com a pandemia. O treinamento será online, em 27 de abril, das 10h às 12 horas. O investimento é de R\$ 10 para estudantes e de R\$ 20 para profissionais. Também serão aceitas doações de qualquer

valor para a campanha *Tem Gente com Fome*. São apenas 30 vagas, e para participar é preciso preencher [este formulário](#) até sexta-feira (9/4). Os selecionados serão anunciados em 16 de abril.

► Entre os palestrantes estão **Bruno Carazza**, autor de *Dinheiro, eleições e poder* (Companhia das Letras), professor do IBMEC e

colunista do Valor Econômico; e **Paula Johns**, diretora-executiva da ACT Promoção da Saúde.

► Os participantes concorrerão a duas bolsas, no valor de R\$ 8 mil cada, para realizar apurações originais sobre temas relevantes para a sociedade. As regras para concorrer às bolsas serão conhecidas no próprio encontro.

## RedeTV anuncia novidades

■ A RedeTV anunciou em 30/3 novidades em sua programação. Uma das novas atrações será o programa de **Luís Ernesto Lacombe**, *Agora Lacombe*, de debates, com lançamento previsto para 15 de abril, às 23h30.

► No Esporte, a RedeTV vai transmitir as lutas do *One Championship*, torneio de MMA da Ásia, que tem previsão de estreia ainda este mês. As lutas serão exibidas nas noites de sexta-feira, com narração de **Marcelo do Ó** e comentários de **Jaqueline Batista**. Além disso, irá ao ar o programa *Galera F.C.*, apresentado por **Flávia Noronha** e o youtuber **Júlio Cocielo**. A ideia

é apresentar os conteúdos esportivos sob a visão dos torcedores.

► Outro programa anunciado é o *Me Poupe Show*, comandado por **Nathalia Arcuri**, a *+Premiada Jornalista da Imprensa de Economia, Negócios e Finanças de 2020*. Irá ao ar às terças-feiras, às 22h30. E o *TV Fama* passará a ter a apresentação de **Ligia Mendes**, **Aline Prado** e do ator **Júlio Rocha**. O programa ganhou 15 minutos e será mais interativo, com participação do público nas redes sociais.

### E mais...

■ A CBN anunciou reforços no time de comentaristas. **Natalia Pasternak**, microbiologista, pesquisadora do Instituto de Ciências Biomédicas da USP e presidente do Instituto Questão de Ciência, estreou em 6/4 no *Jornal da CBN*. Sempre às terças-feiras, às 7h, ela vai conversar com **Milton Jung** e **Cássia Godoy** sobre os fatos relacionados com a pandemia

de coronavírus e as novidades científicas no quadro *A Hora da Ciência*, que também vai ao ar às quintas-feiras no *Ponto Final CBN*.

► Além dela, **Ariel Palacios** começa em 8/4 no *Estúdio CBN*, com **Tatiana Vasconcellos** e **Fernando Andrade**, no quadro *CBN pelo Mundo*. Vai explicar, às quintas-feiras, como os principais acontecimentos do mundo interferem na vida dos ouvintes.

■ InfoMoney e XP organizam a série *Super Lives – 1 ano de pandemia*, que entrevista empresários, executivos de empresas, integrantes do governo, especialistas em saúde, economistas e investidores sobre os impactos da pandemia e as perspectivas para o pós-crise.

► Nesta quinta-feira (8/4) participam **Hamilton Mourão**, vice-presidente da República, às 17h, e às 19h, **Miguel Patricio**, CEO da Kraft-Heinz; na sexta (9/4), às 11h, o palestrante será **Roberto Campos Neto**, presidente do Banco Cen-

tral. As *lives* vão ao ar no [canal do InfoMoney no YouTube](#). [Confira mais informações](#).

■ O programa *Jogo Aberto*, da Band, divulgou os participantes do *reality show Microfone Aberto no Kwai*, concurso que vai escolher o novo comentarista do programa. Foram selecionados 24 participantes de Bahia, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Sul. A partir de 13/4, os participantes serão submetidos a série de desafios, disputados com três candidatos por vez no app do Kwai. Vence quem mais impressionar o elenco e a produção do programa. O público também poderá votar em seus candidatos preferidos pelo [site](#).

■ A TV Cultura estreia em 9/4 *Estação Livre*, apresentado por **Cris Guterres**. Feita por maioria de mulheres pretas, tem o objetivo de valorizar a cultura negra, a diversidade do Brasil e trazer a sociedade para repensar e ajudar a reconstruir um



país mais justo para todos. O programa vai mostrar histórias, lutas e conquistas de pessoas que encontraram seus espaços e se tornaram referência no Brasil e no mundo, e de quem apoia a diversidade de um país plural como o Brasil.

► Com uma hora de duração, o *Estação Livre* terá quatro blocos, receberá convidados e contará com matérias dos videorepórteres **Lucas Veloso** e **Rodney Suguita**. Entre os assuntos abordados estão empreendedorismo, comunidades, literatura, dança, gastronomia e artes plásticas.

■ Alunos do *Master Negócios de Mídia* poderão se inscrever até 15/4 no *Semanas Internacionais Mestrianas*, que vai discutir em quatro encontros o livro *Momo e o Senhor do Tempo*, de Michael Ende. As aulas serão conduzidas por **Rafael Ruiz**. Mais informações [aqui](#).

■ Vinte e sete entidades da sociedade civil e mais de 100 profissionais de diferentes seto-

res criaram manifesto contra o assédio judicial a jornalistas. O texto foi lido pela atriz Fernanda Montenegro em um ato virtual intitulado *Defesa pela vida e pela liberdade*, neste *Dia do Jornalista* (7 de abril). O evento online foi transmitido pela *TV dos Trabalhadores*, com apresentação de **Brenda Lígia** e **Juca Kfour**. O manifesto na íntegra está disponível no site [Change.org](#) e pode ser assinado por qualquer brasileiro.

■ O *webinar Arena de Ideias* desta quinta-feira (8/4) recebe especialistas de diferentes áreas para discutir o tema *Fake news: como identificar e não ser agente de manipulação de fatos e dados*. O evento foi programado para as 9h30, pelos canais da In Press Oficina no [YouTube](#) e no [LinkedIn](#) com as participações de **Cristina Tardáguila** (Agência Lupa), **João Frey** (Congresso em Foco) e do neurologista **André Palmi**, com mediação de **Patrícia Martins**.

■ O ex-presidente do Grupo Abril **Walter Longo**, em parceria com **Flavio Tavares**, diretor executivo da plataforma Upper, lançou o evento online e gratuito *Insights do Futuro*. O encontro será na próxima terça-feira (13/4), às 19h, e abordará temas como a nova fase da comunicação no mercado e a importância da união entre ensino e marketing para o crescimento exponencial das empresas. **Ana Paula Padrão** fará parte do time dos convidados.

■ O Conselho Nacional dos Direitos Humanos publicou uma [nota](#) em repúdio aos ataques à liberdade de expressão por meio da indevida aplicação da Lei de Segurança Nacional. No documento, o CNDH reforça seu posicionamento contra censura, violência política, perseguição, desinformação e discurso de ódio.

■ A Embaixada do Reino Unido e o ECOA, plataforma de

jornalismo do UOL, lançaram a campanha de conscientização *Explicando as Mudanças Climáticas*, a fim de frear o aquecimento global. Os conteúdos serão veiculados gratuitamente nos perfis @eco\_uol e @ukinbrazil nas redes sociais.

■ A Escola Aberje de Comunicação realizará na próxima quarta-feira (14/4), das 9h às 11h, o encontro *Estratégias de Comunicação Interna em ambientes híbridos e digitais*. Confira [mais informações](#).

■ O Rainforest Journalism Found promove nesta sexta-feira (9/4) o webinar *Cobertura remota na Amazônia durante a pandemia: Como fazer boas reportagens sem arriscar vidas de comunidades e jornalistas*. O encontro contará com as participações de **Katia Brasil** (Amazônia Real), **Eliane Brum** (El País), **Fabio Pontes** e **Daniela Chiaretti** (Valor Econômico). [Inscrições gratuitas](#).

## Redações latino-americanas adotam mais home office na jornada de trabalho

■ Artigo da [Rede de Jornalistas Internacionais \(IJNet\)](#) mostrou que o *home office* está cada vez mais presente no cotidiano de profissionais de imprensa latino-americanos, com uma combinação de trabalho virtual e presencial, e, em alguns casos, a maior parte remotamente, com oportunidades ocasionais de reuniões presenciais.

► O jornal uruguaio *El Salvador*, por exemplo, adotou escritórios muito menores e um sistema de trabalho *coworking*. Antes da pandemia, todos os repórteres iam à redação todos os dias. Agora, eles vão apenas algumas vezes por semana, e este modelo, adotado em dezembro, será utilizado daqui para a frente.

► “Planejando a longo prazo, a ideia é ser o mais flexível possível com nosso modelo de trabalho, lembrando que o trabalho presencial é útil e necessário, mas não todos os dias”, declarou **Ignacio Chans**, editor-chefe adjunto do *El Salvador*.

► Outro exemplo é o do colombiano *El Espectador*, que passa por mudança semelhante ao *El Salvador*. A maioria dos funcio-

nários está trabalhando de casa e deve seguir operando dessa forma. A ideia de um modelo que mistura trabalho presencial com *home office* vinha sendo discutida há seis anos. A pandemia apenas acelerou o processo.

► O jornal bilíngue *La Voz de Guanacaste*, da Costa Rica, cujo foco é jornalismo investigativo, teve que encerrar sua edição impressa e fechar o escritório físico em Guanacaste por causa dos impactos econômicos da pandemia. **Gabriela Brenes**, diretora executiva da publicação, acha que os repórteres vão continuar a trabalhar à distância, com um encontro físico por semana.

E mais...

■ Há três anos vivendo em Portu-

gal, **Paulo Markun**, ex-presidente da TV Cultura, criou uma série de *podcasts* sobre a experiência de outros conterrâneos que fizeram o mesmo caminho, escolhendo Portugal como sua morada. Em sua primeira temporada, *Se Calhar – Brasileiros em Portugal* tem o apoio do Itaú Private Bank e traz seis episódios de aproximadamente 20 minutos, com as participações de Lira Neto, Luana Piovani, Yamandu Costa, Odinei Edson, Bebel Moraes, Daniel Mattar e Henrique Ribeiro. [Confira!](#)





Tem alguma história de redação interessante para contar?  
Mande para [baroncelli@jornalistasecia.com.br](mailto:baroncelli@jornalistasecia.com.br)

■ A história desta semana é novamente uma colaboração de **Sandro Villar** ([sandro.villar@hotmail.com](mailto:sandro.villar@hotmail.com)), radialista e jornalista que por muitos anos atuou como correspondente do Estadão em Presidente Prudente, no interior de São Paulo.

## Baixas no rádio

Entre os anos de 2019 e 2020, este que chamo de ano Vinte-Vinte e que já foi tarde, ao menos cinco radialistas e jornalistas talentosos foram embora anonimamente deste insensato mundo, onde a situação está de fazer a égua não reconhecer o potro.

Que eu saiba, as nossas folhas, como dizia o Cony referindo-se aos jornalões(?), não deram uma linha sequer sobre as mortes de **Flávio Guimarães**, em 12 de maio de 2019, aos 69 anos; **Odayr Baptista**, falecido em 30 de julho de 2019, aos 83 anos; **Celso Guisard Faria**, que partiu pro lado do mistério em 22 de abril de 2020, aos 74 anos; **Douglas Ladeira**, que foi pro andar de cima em 26 de julho de 2020

Matriz e a sorveteria da esquina, era destacada pela Rádio Camanducaia, que também transmitia futebol.

Futebol também era o carro-chefe da Rádio Cotia, com um detalhe: as transmissões eram em japonês. Claro que Odayr dava uma enrolada, talvez conhecendo umas dez palavras em japonês. Era mais divertido do que discurso do Bolsonaro, que corre o risco de ficar diabético de tanto consumir leite condensado.



(idade desconhecida), e **Paulo Edson**, cuja partida se deu em 10 de agosto de 2020. Tinha 77 anos.

Depois de começar a carreira numa rádio de Sorocaba, Flávio veio para São Paulo, mas, se não me falha a cachola, trabalhou antes em Santos. Trabalhei com ele na Rádio Bandeirantes e na TV Cultura. Bom amigo e bom profissional na "canequinha" (microfone) e em frente às câmeras da máquina de fazer doido, como **Sérgio Porto**, o **Stanislaw Ponte Preta**, chamava a televisão.

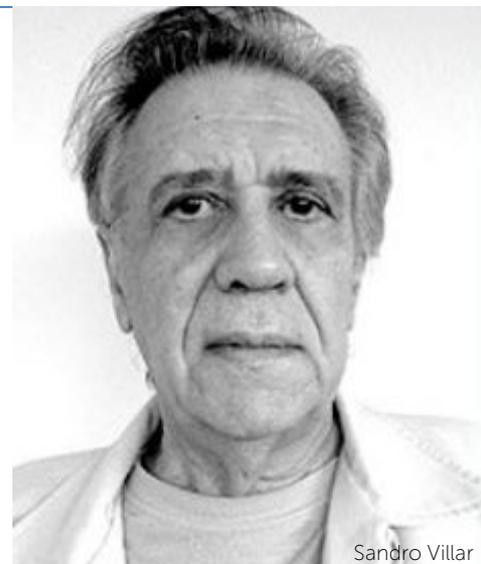
Mineiro de Poços de Caldas e de fala mansa, Odayr Baptista notabilizou-se no Show de Rádio, que **Estevam Sangirardi** comandava na Jovem Pan depois das jornadas esportivas.

Odayr não usava palavões em seu humor. Vai ver estava certo, até porque grandes humoristas também rechaçavam palavões ou "palavras de alto escalão", como disse uma colega de TV de Bauru.

Já Celso Guisard Faria eu conheci na Rádio Bandeirantes. Era um sujeito elegante, com jeitão de galã francês. Além de radialista, era publicitário. Apresentava o jornal Gente, com **José Paulo de Andrade** e **Salomão Esper**, dois ícones do rádio.

Descrito pelo saudoso **Fiori Gigliotti** como a pessoa mais "humilde e bondosa" que havia conhecido, como destaca **Milton Neves** em seu blog, Douglas Ladeira "ralava" nas madrugadas da Rádio Bandeirantes, onde trabalhou por mais de 20 anos.

Apresentava o programa Bandeirantes a Caminho do Sol, ou seja, varava a madrugada até às cinco



Sandro Villar

Foi no Show de Rádio, a partir dos anos 1970, que Odayr, também desenhista, criou a Rádio Camanducaia e, mais pra frente, inventou a Rádio Cotia. Certamente muitos se lembram dos locutores Alberto Neto e Alberto Júnior, ambos criados e interpretados por Odayr.

A vida simples e sossegada de uma cidade interiorana, com a praça da

da matina. Não é tarefa para qualquer um ou "quaisquer dois". Diziam que Douglas imitava **Hélio Ribeiro**.

De fato, as vozes eram parecidas. Segundo Douglas me contou, uma vez Hélio apareceu de madrugada no estúdio para "reclamar". Douglas explicou que sua voz era daquele jeito mesmo. Antes de ir embora, Hélio sugeriu ao apresentador que alterasse o tom da voz, realizando exercícios vocais. Douglas Ladeira morava em Itanhaém, onde dirigia a Rádio Comunitária Cidade FM.

Já Paulo Edson era o «histórico plantão esportivo do rádio», como bem definiu Milton Neves. Paulo Edson brilhou nas rádios Tupi e Bandeirantes. Fez parte da lendária Equipe 1040 na Tupi e, na Bandeirantes, «fez bonito» no programa Atualidades Esportivas, que antecedia O Trabuço, do inigualável **Vicente Leporace**.